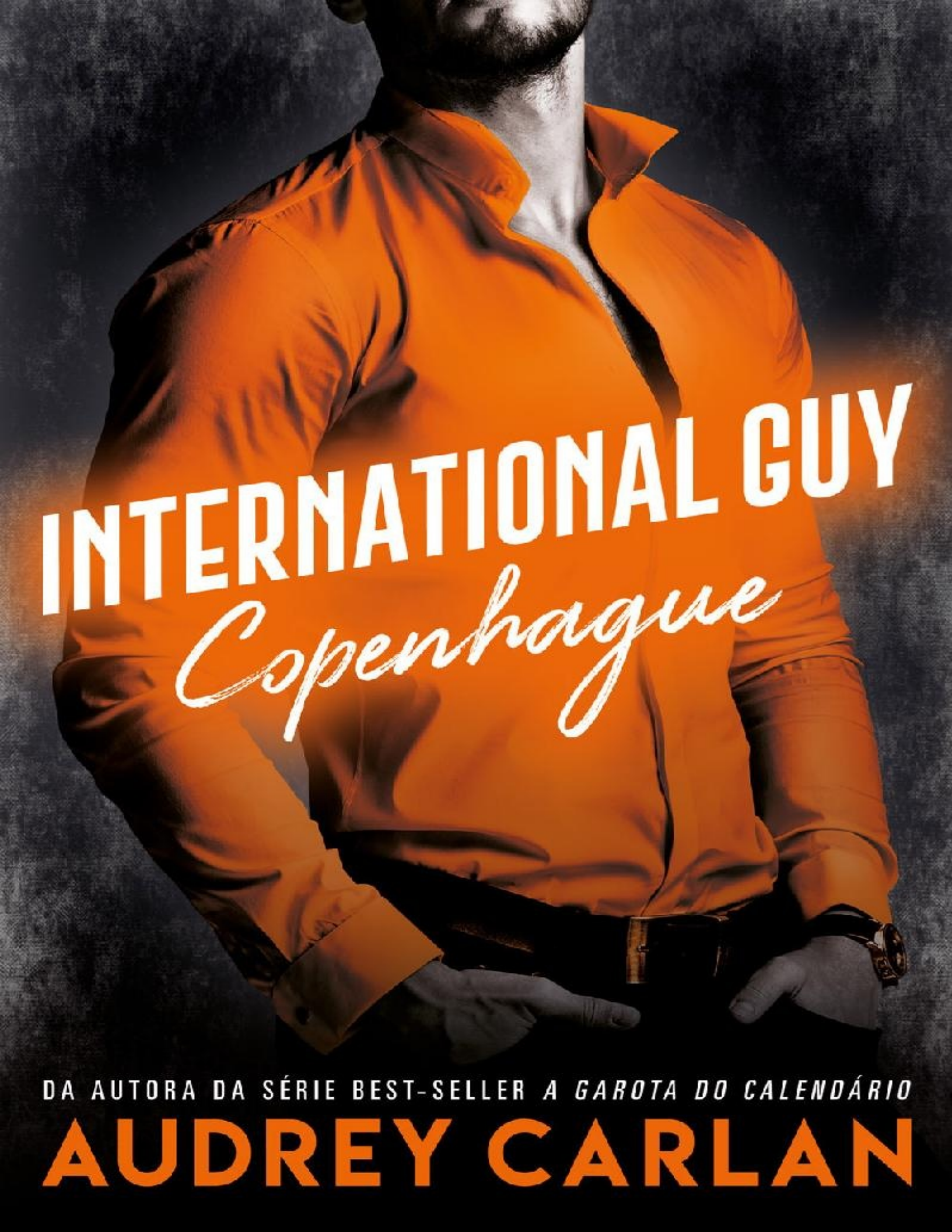

INTERNATIONAL GUY
Copenhague
DA AUTORA DA SÉRIE BEST-SELLER A GAROTA DO CALENDÁRIO
AUDREY CARLAN

Também de Audrey Carlan

Série A GAROTA DO CALENDÁRIO
Volumes de *Janeiro a Dezembro*

Série TRINITY
Corpo
Mente
Alma
Vida
Destino

AUDREY CARLAN

INTERNATIONAL GUY
Copenhague

Tradução
Sandra Martha Dolinsky



VERUS
EDITORA

Editora
Raïssa Castro

Coordenadora editorial
Ana Paula Gomes

Copidesque
Lígia Alves

Revisão
Cleide Salme

Capa, projeto gráfico e diagramação da versão impressa
André S. Tavares da Silva

Foto da capa
kiuikson/Shutterstock (homem)

Título original
International Guy
Paris, New York, Copenhagen

ISBN: 978-85-7686-726-5

Copyright © Audrey Carlan, 2018
Todos os direitos reservados.

Tradução © Verus Editora, 2018
Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.
Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C278i

Carlan, Audrey
International Guy: Copenhague [recurso eletrônico] / Audrey Carlan; tradução Sandra Martha Dolinsky. - 1. ed. - Campinas [SP]: Verus, 2018.
recurso digital (International Guy; 3)

Tradução de: International Guy: Copenhagen
Formato: epub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-7686-726-5 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Dolinsky, Sandra Martha. II. Título. III. Série.

18-51589

CDD: 813
CDU: 82-31(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

Para Susanne Bent Andersen e Christina Yhman Kaarsberg.
Vocês acreditaram nas minhas histórias e abriram seu coração comigo.
Serei eternamente grata pela gentileza.

E a toda a equipe da Lindhardt & Ringhof.
Eu nunca poderia agradecer o suficiente por terem me trazido ao seu lindo país.

SUMÁRIO

Nota ao leitor

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

Skyler

Nota ao leitor

Este livro, assim como todas as minhas histórias, é uma obra de ficção. Dei asas à imaginação e a mesclei com locais verdadeiros da Dinamarca, além dos lugares que conheci durante o tempo que passei lá, para oferecer a você uma história incrível.

A família real dinamarquesa, sua linhagem e sua rica trajetória são mais que encantadoras. No entanto, também são muito peculiares. Os nomes, títulos nobiliárquicos, linhas de sucessão, entre outros detalhes, foram todos criados por mim e não seguem exatamente as práticas atuais da monarquia naquele país.

1

Majestosamente ferrado. Esse é o sentimento predominante que aperta meu estômago enquanto folheio página por página as informações sobre a família real Kaarsberg e o herdeiro natural ao trono da Dinamarca. A monarquia desse país é rica em história, mas entender que príncipe pertence a qual linha, saber o nome da princesa que deve ser a próxima rainha... está exigindo uma bebida.

Dou um sorriso: a comissária de bordo da Scandinavian Airlines tem um timing excelente e me serve o abençoado gim-tônica que pedi há alguns minutos.

— Obrigado.

— *Du er velkommen* — ela responde.

Já sei que isso significa "de nada" em dinamarquês.

Minha assistente ultracompetente fez a lição de casa e me deu algumas frases do dia a dia em dinamarquês para estudar durante o voo, além de uma quantidade absurda de informações sobre a princesa Christina Kaarsberg. Parece que há uma maneira específica de se dirigir à família real, e eu com certeza vou pisar na bola, porque é confuso demais.

Por que é que eu aceitei este trabalho?

Simples.

Dinheiro.

Muito dinheiro.

Pelo jeito, minha boa amiga Sophie anda tomando conta de nós. É como se ela fosse a fada madrinha da International Guy. Conseguimos fechar um contrato com Skyler Paige por causa dela, e agora uma princesa da Dinamarca é nossa cliente. Tecnicamente, foi a *mãe* da princesa que nos contratou. Ela também é princesa, e é a primeira pessoa que vou encontrar quando chegar a Copenhague. Claro que é tudo sigiloso. Ninguém vai saber por que estou lá; vão saber apenas que sou um consultor a serviço da família real.

Pelo que entendi, fomos chamados para ajudar uma princesa que está prestes a se casar com o próximo rei da nação. De acordo com os arquivos fornecidos por

Wendy, o príncipe herdeiro Sven tem muitas opções para escolher uma noiva. Pelo que li, aqueles que estão na linha direta do trono não precisam mais se casar com membros da realeza, mas o sucessor do trono dinamarquês, como monarca governante, deve ser descendente direto do monarca anterior. A princesa Kaarsberg está longe de ser a próxima na fila do trono, de modo que não sei qual é o motivo oficial pelo qual precisam da nossa ajuda. Talvez a mãe esteja tentando criar uma persona adequada para a filha, para que o príncipe a escolha.

Melhor voltar ao material e repassar a página que fala da princesa Christina. Ela é absolutamente linda. Imponente e elegante, com um rosto de estrutura óssea bem definida e traços impressionantes. O cabelo castanho cai em ondas sobre os ombros, com uma franja pesada que acaricia graciosamente a pele logo acima das sobrancelhas. Os olhos azuis brilhantes rivalizam com o céu em um dia sem nuvens. Os lábios têm formato de coração, rubros e suculentos, franzidos com falsa modéstia na foto. Esse sorriso insolente não é brincadeira. Já caí de quatro por muitas garotas safadas com esse visual... ou melhor, *eu* as deixei de quatro.

Uma coisa que noto imediatamente é que ela não aparenta ser uma princesa toda certinha e careta. Não, essa mulher tem jeito de malvada. Basta ver as fotos nos tabloides dela se divertindo em algumas das casas noturnas e bares mais badalados de Copenhague. Sem medo dos holofotes, está sempre dançando, toda sensual. Há até algumas em que aparece usando um vestido minúsculo de paetês vermelhos que mal cobre sua bunda. Tenho de admitir que ela é um espetáculo. Seios grandes, cintura fina, quadris arredondados e pernas bem torneadas. Qualquer homem cairia de joelhos para adorar esse corpo de ampulheta. Surpreendentemente, não existem registros dela acompanhada. Em nenhuma das fotos ela está com um homem a tiracolo. Para uma mulher com esses atributos, deveria haver um monte de caras babando ao seu redor.

Então qual é o problema?

Mais uma pergunta que guardo para depois enquanto reviro a bolsa do meu notebook e pego o livro que comprei a caminho do aeroporto.

Toda sua, de Sylvia Day.

Só de ver a capa, minha pele se arrepia de desejo pela mulher que deixei em Nova York. Suspirando, eu me reclino na poltrona confortável da primeira classe, pensando em minha atriz loira.

O que ela está fazendo agora?

Será que está pensando em mim?

Está dormindo bem?

Essa última pergunta pega forte, porque, desde que deixei sua cama em Nova

York, há três dias, não durmo direito. Quem diria que dividir os lençóis com alguém durante três semanas poderia mudar tanto a vida de uma pessoa? Mas mudou. Meu pensamento volta constantemente para ela, em sua torre no céu. Eu amarelei e só troquei mensagens com a minha deusa, mas quero ouvir sua voz. *Preciso* ouvir sua voz.

Tomo um gole da bebida, permitindo que o gim-tônica acalme meus nervos enquanto fecho os olhos.

Seu rosto é tudo que vejo. Olhos cor de caramelo. Bochechas rosadas. Lábios inchados de tanto beijar. Ondas loiras se espalhando como raios de sol sobre a fronha.

Me beije, meu bem, ouço em minha mente, e inúteis tremores de expectativa deslizam pela minha psique.

Aperto os dentes e afasto o desejo avassalador de vê-la, de falar com ela, de estar perto dela. Skyler Paige. A mulher dos meus sonhos, meu pêssego e muito mais. Passar três semanas com ela foi como estar de férias na Disney. E tenho certeza de que eu me diverti mais que ela. Tudo em Skyler é divertido. Sua essência, seu humor, seu nariz franzido, seu corpo lindo, o jeito como ela tenta evitar roer as unhas quando está nervosa... Além de tudo isso, o sexo com ela é maravilhoso — e ela gosta tanto quanto eu. Tudo isso *me atrai*. É visceral. Uma sensação que nunca tive com nenhuma outra mulher na vida.

Desde que parti, há três dias, tenho tentado entender o estrago que ela fez em mim. Só consigo pensar nela, porque ela é simplesmente *a* Skyler Paige, a deusa do cinema. Não, não é isso. A celebridade não é a mesma pessoa que eu conheci. Dentro dos limites de sua cobertura, ela é uma mulher comum, que come regularmente sanduíche de pasta de amendoim com geleia, anda descalça, usa uma tonelada de colares e pulseiras que ficam tilintando, regatas e um monte de jeans velhos. Alguns têm caimento perfeito, outros já viram dias melhores, mas ela fica uma delícia com todos eles. Perfeita. Seu cabelo nunca está arrumado, sempre caindo em ondas selvagens ou preso em um coque bagunçado. Nada parecida com a mulher do tapete vermelho ou dos anúncios nos tabloides. Quando a *People* sair, o resto do mundo também vai saber disso.

Acabou-se a Skyler perfeita, que nunca come pizza e só veste marcas famosas. Em breve o mundo vai descobrir o que eu sei. Que Skyler Paige tem uma alma linda, uma personalidade divertida e tanta insegurança quanto qualquer mulher na casa dos vinte anos que deseja ser aceita e amada.

Batuco com o dedo na capa do livro, aquele que Skyler *adora*. Ela diz que a faz lembrar de nós.

Nós.

Esse é um conceito novo para mim. Ser parte de um "nós"... Não sei muito bem o que isso significa, além de querer mais dela, estar mais com ela. Se isso é ser "nós", estou dentro.

A última vez que tive um relacionamento monogâmico foi na faculdade.

Kayla McCormick.

A cadela.

A vadia.

A mulher que me fez deixar de acreditar no amor.

Nunca a perdoei por transar com o meu melhor amigo. Ainda lembro o brilho do diamante que pus no dedo dela, orgulhosamente ostentado enquanto ela pegava no pau do Greg pelas minhas costas. Quando abri a porta e flagrei os dois... aquele momento ficou gravado na minha mente. Assim como as desculpas esfarrapadas dele. Ficou dizendo que a culpa era dela, que ela o coagiu, o seduziu.

Babaca.

Foi o fim da linha para os dois. Kayla foi expulsa da minha vida, assim como meu melhor amigo, Greg. Royce e Bo mostraram sua lealdade ao chutar o canalha para o meio-fio também. Eles disseram que um irmão de verdade jamais transaria com a mulher do amigo. Para eles, esse foi o pior crime, punível com o banimento de Greg do nosso grupo, dos nossos planos para a International Guy e da nossa vida para sempre.

Para eles, nunca foi fácil engolir Kayla. Eles não confiavam nela, diziam desde o começo que era furada, mas eu estava apaixonado. Achava que ela era o ar que eu respirava. Claro que eu estava errado, e a partir daquele dia jurei nunca mais tomar uma decisão dessas. E fui fiel a isso — até conhecer Skyler.

Dou um longo suspiro e bebo mais um gole do gim-tônica. Somos exclusivos? O "nós" a que ela se refere é um nós *comprometido*, ou um nós *de vez em quando*? Ambos concordamos em deixar as coisas rolarem sem rótulos.

Só sei que quero vê-la de novo. Isso significa que quero sair só com ela? Acho que o tempo dirá. Se bem que o simples lampejo da ideia de que outro homem ponha as patas sujas naquela pele macia me faz virar o resto da bebida de uma só vez, levantar o braço e fazer contato visual com a comissária de bordo para que reponha meu drinque.

Merda. Só agora me ocorreu que Skyler pode querer dar outros voos por aí. Aperto os dentes e franzo o cenho.

O que eu posso exigir dela? Passamos três semanas juntos e combinamos que nos encontraríamos quando o desejo exigisse. Até agora trocamos algumas

mensagens e ela me enviou a foto mais sexy de todas. Ligo meu celular, entro nas fotos e vejo aquela que ela me mandou na primeira noite depois que eu fui embora.

Cabelo bagunçado em ondas selvagens ao redor do rosto sem maquiagem. Os lábios inchados dos meus beijos intermináveis. Ela cobriu os seios com o braço, mas os empurrou para cima a fim de mostrar aquele vale sexy. Não importa que estejam cobertos, eu sei exatamente como eles são. Globos perfeitos com pontas rosadas, do tamanho exato para minhas mãos, gravados no fundo da minha mente.

— Uau, que cara de sorte — diz o executivo sentado ao meu lado, se inclinando sobre o espaço entre nós para espiar Skyler. — Ei, essa não é a... — Ele balança a cabeça, como se não pudesse acreditar, e murmura: — Esquece.

Franzo o cenho e o encaro com o olhar feroz. Ele parece um sujeito legal. Magro, terno bem cortado, óculos, cabelo penteado para trás. Provavelmente um bambambã de alguma empresa. Mas eu também sou o bambambã de uma empresa, com meu terno elegante — e bem mais moderno. Fiz questão de colocar um dos meus melhores. Na verdade, é o mesmo que usei quando levei Skyler ao restaurante italiano. Naquela noite em que minha foto saiu ao lado dela em inúmeras revistas, todas tentando — sem sucesso — descobrir quem eu sou.

O bom de ser desconhecido é que você não é facilmente identificável. Se eu continuar saindo com Skyler, meu nome vai acabar chegando à imprensa. Mas estar ao lado de uma linda mulher nunca prejudicou minha reputação. Além disso, eu tenho uma política quando se trata da imprensa.

Foda-se.

O homem ao meu lado levanta a mão.

— Desculpe. É que por acaso eu olhei para o lado e... quando a gente vê uma mulher dessas, não é fácil desviar os olhos. — Seu semblante é honesto, e seu tom, genuíno. Além disso, ele não está errado.

— Não, não é.

— Que sorte a sua ter essa deusa esperando em casa. — Ele sorri e se reclina. — Sua mulher?

Franzo os lábios e esfrego o de baixo com o polegar.

— Não.

Ele ergue as sobrancelhas e sorri.

— Não sei você, mas, se eu tivesse uma mulher dessas aquecendo a minha cama, colocaria o maior diamante possível no dedo dela. Com certeza você sabe que ela é a cara daquela atriz gostosa, a Skyler Paige.

Deixo escapar uma risada.

— Sim, ela é parecida.

— Parecida? É igualzinha. — Ele estende a mão. — Lawrence Burn, indústria farmacêutica.

Aperto a mão dele.

— Parker Ellis, consultoria.

— É? De que tipo?

— Um pouco de tudo. Os meus sócios e eu ajudamos uma clientela de alto nível com problemas não convencionais.

— Tipo o quê?

Ele toma um gole de seu uísque puro e vira o corpo para mim, em uma postura relaxada que demonstra que está aberto e interessado na conversa.

Esfrego as mãos.

— Pode ser qualquer coisa. Há pouco tempo nós ajudamos uma mulher que assumiu a empresa da família a aprender a arte de administrar um grande negócio, ser uma CEO e se impor. Ela queria tomar as rédeas da vida profissional e pessoal.

Volto a pensar em Skyler, especialmente porque ela não está longe do meu pensamento nos últimos dias.

— Também ajudamos uma atriz que perdeu o desejo de representar — prossigo. — Eu encontrei a raiz do problema e trabalhei com ela para que pudesse voltar a fazer o que mais amava. Também damos consultoria comercial e financeira padrão e aproximamos pessoas, quando necessário. Pelo preço certo, tudo é possível. — Pisco e dou de ombros. — Honestamente, depende do problema. Mais do que qualquer coisa, nós somos pau para toda obra. Solucionadores de problemas em todos os sentidos.

— Parece que você criou um nicho interessante.

— Eu gosto de pensar assim.

— Tem um cartão? — ele pergunta.

Ergo as sobrancelhas e rio.

— Está precisando de algum serviço específico?

Ele ri.

— Não agora, mas nunca se sabe o que o futuro nos reserva.

Pego meu cartão na bolsa do notebook e entrego a ele.

— Com certeza.

— International Guy?

A comissária de bordo traz minha bebida e leva o copo vazio.

— Isso mesmo.

Tomo um gole do segundo gim-tônica, apreciando a fatia de limão encaixada na borda, cujo toque cítrico provoca minhas papilas gustativas.

Ele termina sua bebida e gesticula para a comissária pedindo outra.

— Conte mais.



O sol está tocando o horizonte quando o exuberante Audi Q5 de vidros escuros para suavemente em frente ao Kaarsberg Slot. De acordo com o glossário dinamarquês de Wendy, *slot* significa "castelo" ou "palácio". Saindo do carro, inspiro o ar frio do início da noite. Uma sensação de paz me domina enquanto admiro o majestoso edifício e o terreno adjacente.

O palácio é pequeno se comparado com a imagem que uma pessoa comum provavelmente faz de um castelo. Parece mais uma extensa casa branca que poderia ser encontrada no meio de um vale de montanhas e árvores. O interior da Dinamarca me lembra muito o que vejo na parte rica da Geórgia, nos Estados Unidos.

Gramados bem cuidados até onde a vista alcança. Um edifício branco brilhante de três andares com telhado de metal preto polido e uma torre central com uma cúpula perfeita. Janelas retangulares minuciosamente equidistantes ao longo da face do castelo, pelo menos treze. Não é o maior palácio que já vi, especialmente levando em conta meus tempos de faculdade, quando visitei muitos castelos europeus. As mulheres curtem coisas da realeza — desnecessário dizer mais que isso.

— Vou levar suas coisas para dentro pela garagem, sr. Ellis.

— Eu mesmo posso lev... — tento, mas o motorista balança a cabeça e liga o motor mais uma vez.

Então a porta da frente do castelo se abre, e um homem vestindo fraque — provavelmente o mordomo — aparece.

— Sua Alteza a princesa Mary Kaarsberg o está esperando, sr. Ellis. Por favor, me acompanhe até a sala de recepção. — O cavalheiro fala inglês com um forte sotaque dinamarquês. Se eu tivesse que adivinhar, diria que está na casa dos cinquenta anos. Provavelmente trabalha para a família real Kaarsberg desde sempre.

Meus sapatos rangem levemente no piso de mármore branco enquanto caminhamos. Eu me encolho, mas me forço a manter a calma e o controle. Esta profissão é mesmo incomum. Se alguém se aprofundar no trabalho que fazemos, todos os nossos contratos são meio estranhos. Basta adicionar *realeza* à lista cada vez maior de clientes em nosso portfólio.

— Por aqui, sr. Ellis. Sua Alteza já chegou. — Ele abre a porta e a segura. —

Alteza, permita que eu lhe apresente o sr. Parker Ellis.

Uma mulher alta, magra e linda, usando um vestido amarelo de corpo justo e saia ampla, se volta, parada em frente a uma janela. Seu cabelo dourado brilha à luz fraca da tarde.

— Sr. Ellis, obrigada por ter vindo.

— É um grande prazer estar no seu belo país, Alteza.

— Em primeiro lugar — ela gesticula para o homem que me recebeu à porta —, Henrik vai ser o seu camareiro durante a sua estadia. Ele também será o seu motorista e vai cuidar de qualquer necessidade adicional que possa ter. Use os serviços dele como estimado convidado do Kaarsberg Slot e da família real.

Meu próprio camareiro, que demais. Não vejo a hora de contar para os caras. Royce ia gostar especialmente de ter um camareiro pessoal. Provavelmente mandaria Henrik passar seus ternos e engomar suas camisas minutos depois de chegar aqui.

— Obrigado, senhora. Henrik. — Ergo o queixo em sua direção.

— Por enquanto é só, Henrik — ela diz, acenando para o mordomo, que desaparece sem fazer ruído.

— Sente-se, sr. Ellis. — A mulher aponta para um dos sofás de veludo verde-oliva.

A sala é toda decorada em tons de verde, dourado e creme. Ela prefere se sentar em uma cadeira de capitonê marfim com arabescos dourados. Sua coluna está ereta, e posso ver, pela linguagem corporal, que ela quer ir direto ao assunto.

— Alteza, eu entendo o seu desejo de discrição até o momento, mas, agora que estou aqui pessoalmente, pode me falar mais sobre como gostaria que a International Guy ajudasse a domar sua filha? Isto não é uma comédia shakespeariana, e, apesar de ajudarmos nossas clientes com diversos tipos de problemas, nunca tivemos um caso como este.

— Sr. Ellis, a minha filha, princesa Christina, foi escolhida pelo príncipe herdeiro Sven para ser sua noiva.

— E ela não quer se casar com o príncipe? — arrisco.

A mulher balança a cabeça e pousa as mãos no colo, dobrando-as de maneira recatada.

— Muito pelo contrário, pelo que eu soube. E não foi pela minha filha, infelizmente...

A insinuação de uma carranca macula seus lábios finos, revelando que mãe e filha não concordam em muitas coisas e que a princesa mais nova não tem a mãe como confidente. Uma informação importante para guardar para mais tarde.

A princesa continua:

— Pelo que eu sei, Christina gosta muito do príncipe herdeiro. Eles se conhecem desde sempre. Ao longo dos anos, venho testemunhando uma aproximação entre os dois.

— Então qual é o problema? — pergunto e me inclino para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos e descansando o queixo sobre os dedos.

— Não sei muito bem. O pai do príncipe herdeiro, o rei, ficou muito doente no ano passado, e há alguns meses Sven perdeu o irmão mais velho, o herdeiro natural, em um horroroso acidente de montaria. Com o falecimento dele, Sven se tornou o primeiro na linha de sucessão. Desde essa época, Christina vem agindo de um jeito estranho. Fica fora de casa até tarde, aparece nos tabloides quase sem roupa, enfim, desonra o nome da família real Kaarsberg. — A princesa mãe quase solta um riso irônico, mas, a julgar pelos lábios apertados, vejo que está se controlando. — Quanto o senhor sabe sobre a monarquia dinamarquesa, sr. Ellis?

Suspiro.

— Lamento dizer que não muito, senhora.

Ela anui secamente.

— Entendo. Então vou informá-lo sobre as facetas mais importantes. Existem quatro ramos da família real dinástica, e o rei Frederico é o chefe do ramo governante. Somente um descendente direto desse ramo pode assumir o trono. Com a morte de Enok, Sven se tornou o herdeiro natural, o príncipe herdeiro. Nas últimas três gerações, a esposa do monarca governante veio de outras famílias, não pertencentes aos ramos dinásticos. O fato de Sven se casar com uma mulher de um dos ramos dinásticos vai propiciar uma ligação dos ramos e laços com o trono, o que trará imensas implicações históricas para a monarquia.

— Então o príncipe herdeiro se torna rei, e, quando ele se casar com a sua filha, ela vai ser a rainha da Dinamarca. Qual é o problema, além de a sua filha ter apresentado uma mudança significativa de comportamento nos últimos meses?

— A minha filha declarou enfaticamente que não deseja ser rainha.

Abro a boca, mas minha garganta de repente parece seca como o deserto.

— Ela quer que o príncipe herdeiro desista dela e se case com minha outra filha, Elizabeth.

Minha cabeça recua como se tivesse vida própria.

— Vamos ver se eu entendi: a sua filha quer passar o futuro rei para a irmã dela? — Rio com vontade, até perceber que estou rindo sozinho.

A princesa estreita os olhos e me lança um olhar gelado. Imagino que não tenha gostado da minha observação. Sinto o suor molhar meu couro cabeludo quando percebo que preciso ser mais cuidadoso e, definitivamente, mais profissional com

esta mulher.

— Se o senhor tiver terminado... — ela me repreende.

— Sim. Desculpe, Alteza. Por favor, continue — digo, constrangido, e limpo a garganta.

— A princesa Elizabeth aceitaria de bom grado a honra de se casar com o príncipe herdeiro. Ele é bem bonito, justo e gentil. — Ela aperta os lábios e um músculo se contrai em sua face. — Mas, infelizmente, o príncipe herdeiro *quer* Christina. Nenhuma outra mulher serve. E é aí que o senhor entra...

Franzo o cenho enquanto ela me estuda com seus olhos azuis sagazes. Nós nos encaramos por alguns momentos, como se estivéssemos travando uma batalha — que ela vence sem dificuldade quando desvio o rosto. Ao encará-la de novo, vejo que a princesa não moveu um músculo.

— O senhor precisa corrigir os maus modos da minha filha, prepará-la para se casar com o príncipe herdeiro e convencê-la a aceitar o seu lugar de direito como a próxima rainha da Dinamarca.

E fim de papo.

2

Domar uma princesa louca. Bem, para isso, tenho que conhecê-la primeiro!

— Falar é fácil — resmungo enquanto abro a porta do último bar da lista de lugares que Wendy disse que a princesa frequentava. Ela investigou furtivamente nossa realeza selvagem, seus cartões de crédito, aparições sociais e nos tabloides para me fornecer uma relação de seus refúgios preferidos.

O Jolene é um barzinho tranquilo, com cerveja gelada, público jovem e música alta — fornecida por DJs tocando os sucessos mais recentes ou bandas ao vivo. Esta noite o DJ está no comando. O lugar todo é de um vermelho assustador, o que dificulta a identificação de rostos e cores de cabelo enquanto caminho pela multidão de clientes. Encontrar uma morena de olhos e sangue azuis não vai ser fácil. Isso se ela estiver aqui.

Frustrado, cansado e faminto, vou até o bar e peço uma cerveja gelada.

— Noite difícil? — pergunta uma mulher magérrima, vestindo jeans justo e regata, enquanto coloca uma cerveja à minha frente.

Seu cabelo preto tem um corte chanel sem graça, que não ajuda em nada a realçar suas feições. Observo seu corpo: pelo menos um metro e oitenta de altura, magra demais, pernas longas. A mulher vai precisar encontrar um jogador de basquete para combinar com sua altura e sua constituição delgada. Mas tem um belo sorriso e olhos grandes.

Bebo um longo gole da cerveja gelada, terminando com um audível "Ah". Depois de pegar um voo de sete horas e meia, conversar com a princesa mãe e passar as últimas horas procurando sem sucesso um membro errante da realeza em bares e casas noturnas... estou acabado. Só o pó.

— É, por aí... Ei, vocês servem comida aqui?

Ela assente.

— Temos alguma coisa.

Minha boca se enche de água.

— Qualquer coisa. Hambúrguer, um bife, o que tiver, desde que não esteja

mugindo. — Meu estômago ronca, mas não dá para ouvir por causa do som do DJ.

— Nós temos hambúrguer, mas não é igual ao americano — ela diz, franzindo a testa.

Sorrio.

— Eu adoro qualquer tipo de hambúrguer. Todas as versões, de todas as nacionalidades, são saborosas — respondo com uma piscadinha.

Ela sorri e balança a cabeça.

— Fora o hambúrguer, o que você recomenda? — pergunto.

Ela franze os lábios.

— Se quiser uma comida dinamarquesa clássica, diferente do paladar americano, sugiro o *frikadeller smørrebrød*. Para vocês, seria tipo um sanduíche aberto de almôndega. É um pão de centeio com manteiga, coberto com almôndegas caseiras, queijo...

Levanto a mão.

— Não precisa dizer mais nada. Você me convenceu no "almôndegas e queijo". Pode pedir. Estou morrendo de fome.

— É pra já.

Ela vai para os fundos, onde posso ver uma cozinha.

Bebendo minha cerveja, olho em volta, observando corpos jovens girando na pequena pista de dança. Outras pessoas estão sentadas ao redor de mesas, gritando por cima da música. Observo a multidão, até me deter em uma figura solitária que vem rebolando em minha direção. Alta, cheia de curvas, cabelo escuro ondulado em volta do rosto. Seu vestido justo tem um decote quadrado que deixa à mostra os seios saltitantes. O vestido mal chega ao meio das coxas, o que normalmente faria a "fera" reagir em um segundo. Só que há algo de extremamente familiar nessa mulher.

Enquanto ela caminha para o bar onde estou sentado, uma das luzes giratórias passa pelo seu rosto. Grandes olhos azuis, cabelo castanho, lábios em formato de coração formando um beicinho natural.

Caralho.

O mulherão que acabou de chegar ao bar e está bem ao meu lado, com dois homens de terno de aspecto ameaçador e vigilante atrás dela, é o meu maldito alvo.

Princesa Christina.

Ela me olha de soslaio com um sorrisinho e pergunta:

— Posso sentar aqui?

Lambo os lábios e estendo a mão, apontando para o banquinho.

— Fique à vontade.

— Valeu. — Ela desliza no banco e cruza as longas pernas, me dando a visão de grande parte de sua coxa nua e tonificada.

Cacete... Agora eu entendi por que o príncipe herdeiro é louco pela princesa. Ela é deliciosa.

Engulo em seco e limpo a garganta antes de estender a mão para me apresentar.

— Parker.

Ela ergue a sobrancelha e bufa antes de morder a isca e pousar a mão na minha.

— Christina.

— Nome bonito para uma mulher bonita — digo, deixando meu instinto falar.

Ela inspira e meio que revira os olhos, olhando para o outro lado antes de dar o golpe. Eu aguardo, já sabendo o que vem por aí. Quase posso ver seu cérebro trabalhando.

Três.

Dois.

Um.

— Aposto que você diz isso para todas — ela replica em tom entediado, com uma pontada de condescendência.

— Por que você diz isso? — Abro meu melhor sorriso atrevido, que funciona com todas as solteiras.

— Inacreditável — ela diz, baixinho. — Provavelmente porque eu já ouvi isso... hum... umas cem vezes.

Bebo um gole de cerveja e a deixo continuar.

Ela passa a mão pelo cabelo comprido. Provavelmente não sabe como os homens consideram esse movimento sexy. Se está tentando *não* ser sensual, não está funcionando.

— Os homens só querem uma coisa. Talvez eu tenha acabado de chegar e só queira uma cerveja.

Solto um risinho.

— É mesmo? Se é esse o caso, por que você está usando um microvestido e esses sapatos altíssimos?

Ela vira a cabeça para mim, apoia um cotovelo no balcão e dá um sorriso dengoso.

— Talveeeeez eu só queira estar bonita... para mim.

Balanço a cabeça.

— Desculpe, *princesa*, mas você não me engana, nem a nenhum outro homem aqui. Você está pedindo atenção e está conseguindo. O que eu quero saber é por quê.

Seu rosto assume uma expressão de desdém.

— Então você sabe quem eu sou. Grande coisa. Todo mundo aqui sabe. — Ela tira o cabelo do ombro e se endireita.

A garçonete traz minha comida, e meu estômago ronca. Salivo ao sentir o aroma da carne. Desenrolo os talheres, coloco o guardanapo no colo e me preparo para comer.

— Eu sei mais a seu respeito do que você imagina, Christina — declaro antes de cortar um pedaço do meu sanduíche, me certificando de que haja bastante almôndega, queijo e pão no garfo antes de enfiar tudo na boca.

É uma explosão de sabor. O tempero, a carne, o queijo e o molho misturados são uma maravilha. Quero mastigar e engolir depressa para pegar outro pedaço.

— Você não sabe nada sobre mim. Além disso, pelo seu sotaque, você é americano. Provavelmente um empresário procurando uma mulher para se divertir. Bom... Parker. Eu não sou essa mulher. Além disso, sou comprometida — diz, empinando o queixo, com um ar pretensioso.

Ergo as sobrancelhas e a encaro sem expressão.

— É mesmo? Com base nos tabloides que eu li, você é livre como um pássaro. Se bem que existem rumores de que você está sendo cotada para a realeza. Não é verdade?

Ela aperta os lábios.

— A minha irmã vai se casar com um membro da realeza.

— É mesmo? A princesa Elizabeth?

Ela responde entredentes, como se fosse quase doloroso pronunciar a palavra:

— Sim.

— Hummm. Engraçado... quando eu conversei hoje com a sua mãe, a princesa Mary, não foi essa exatamente a história que ela me contou. Pelo que eu sei, o príncipe herdeiro Sven quer *você.* — Giro o dedo na frente dela, fingindo acertar um alvo.

Ela estreita os olhos até transformá-los em pequenas fendas.

— Quem é você? E por que conversou com a minha mãe? — pergunta, se endireitando e se inclinando mais para perto.

Eu corto o sanduíche e levo outro pedaço à boca. Cara, que delícia. Levanto o copo à garçonete em agradecimento pela dica enquanto mastigo. Ela sorri largamente e continua atendendo outro freguês.

— Responda — Christina rosna.

Quando acabo de mastigar e tomo um gole saboroso de cerveja, me volto para ela e abro as pernas para ficar mais confortável.

— A sua mãe me contratou. Sou um consultor dos Estados Unidos. — Puxo um cartão do bolso interno do paletó e lhe entrego.

Ela aperta os olhos e repete o que lê.

— Parker Ellis, CEO, International Guy.

— Sou eu.

— E o que você faz?

Dou de ombros.

— Um pouco de tudo. Mas agora, hoje, neste caso, eu fui contratado pela sua mãe para fazer você se casar com o príncipe.

Ela joga o corpo para trás.

— Está brincando.

Balanço a cabeça, mergulho o garfo no sanduíche e o seguro no alto.

— Lamento dizer que não, princesa. — Levo o pedaço à boca e mastigo enquanto ela fica sentada ali, calada.

Christina se volta para o bar e levanta a mão.

— Vou precisar de duas doses de Jameson — grita para a garçonete, que assente.

Uísque irlandês? Estou dentro.

— Quero uma também — acrescento ao pedido. — Ponha tudo na minha conta.

Ela franze a testa.

— Não preciso que você pague a minha bebida.

Eu sorrio.

— Bom, considerando que eu acabei de jogar uma bomba em cima de você, acho que te devo uma.

— Então não foi coincidência você estar aqui hoje. Como você me encontrou?

Inclino a cabeça.

— Princesa, você realmente acha que é tão difícil de encontrar?

Ela faz beicinho.

— Acho que não. Ser uma pessoa pública tem suas desvantagens. Não existe lugar aonde eu possa ir e ficar sozinha.

Dou de ombros.

— Não sei não... Aposto que em um castelo grande como o do príncipe herdeiro há muitos cômodos onde você poderia ficar sozinha.

Christina suspira e esfrega a testa. A garçonete coloca dois copinhos cheios de uísque na frente dela e um na minha. A princesa pega o primeiro sem nem olhar para mim e vira. Ela é uma mulher com um objetivo, e esse objetivo é tomar um

porre.

— Ei... eu ia fazer um brinde. — Rio.

Christina sorri brevemente e vira para mim com a dose restante.

— Vá em frente... estou esperando.

Levanto o copo e olho direto em seus lindos olhos azuis.

— A assumir o seu futuro.

Ela fecha os olhos brevemente e vira o copinho.

Quando Christina vai dizer alguma coisa, um dos homens de terno se aproxima e sussurra em seu ouvido.

— Eles tiraram uma foto dela sendo a princesinha perfeita no jantar de hoje, com a minha mãe e o meu pai? — ela pergunta, ignorando minha presença.

O cara de terno assente.

— Excelente. E estão aqui agora?

— Sim, senhorita.

— Perfeito. É hora do show.

Ela sorri, se levanta e passa as mãos pelo vestido, puxando a barra para cima, mais do que deveria. Definitivamente, está beirando o vulgar. A seguir se inclina para a frente, balança os seios grandes e ajusta o decote quadrado, de modo que seus peitos praticamente pulam para fora da roupa.

— Que porra é essa? — rosno.

— Tenho que ir. — Ela afofa o cabelo e dá meia-volta. Instintivamente, eu a seguro pelo pulso.

Um dos engravatados aperta meu ombro com firmeza.

— Solte o braço dela, cara. Eu posso matar você aqui mesmo, e tenho autoridade para isso. — Suas palavras são diretas e assustadoras. Eu acredito que ele pode e vai cumprir essa ameaça.

Engulo em seco e a solto.

— Espere só um minuto... — peço.

Ela se volta e me olha por cima do ombro.

— Não posso. Os paparazzi estão aqui e precisam de um belo show.

Franzo a testa.

— Mas...

Ela agita os dedos na minha direção.

— Tchau, Parker. — E sai andando.

Quero ir atrás dela, mas, honestamente, a dose de uísque, a cerveja e a barriga cheia de proteínas e carboidratos, somados ao jet lag, me deixaram letárgico. Parece que estou colado no banquinho.

— Que merda acabou de acontecer? — resmungo, balançando a cabeça e me virando para a garçonete.

Ela está parada bem à minha frente, observando a princesa rebolar no meio da multidão.

— Eu gostaria que ela não fizesse isso — murmura.

— Não fizesse o quê? — Eu me inclino em sua direção a fim de ouvir o que ela tem a dizer, mesmo com a música alta.

— A música, a dança. — Ela faz um movimento com a mão para cima e para baixo. — Essa coisa toda. Ficar se mostrando para os paparazzi. — Dá de ombros.

— O que você quer dizer com música e dança? — Tento fazer meu cérebro cansado assimilar suas palavras.

Ela coloca a mão no balcão e balança a cabeça.

— Fingir que é porra louca.

— Por que ela faria isso? — pergunto, percebendo que a mente da mulher está funcionando muito melhor que a minha.

— Não é óbvio?

Franzo a testa.

— Para mim, não.

Ela suspira.

— Para ganhar atenção negativa. Essas coisas comprometem a imagem dela. E eu aposto que amanhã vai sair uma foto da Christina ao lado de uma foto da irmã dela, a princesa Elizabeth, perfeitamente equilibrada. As pessoas interpretam tudo errado. A Christina não enche a cara. Eu a conheço há anos, e é a primeira vez que a vejo beber mais de uma dose. — Ela limpa o balcão, mas continua falando. — Não sei que jogo é esse que ela está fazendo. Enfim, aqui está a sua conta. Daqui a pouco você vai dormir com a cara em cima do prato.

Faço que sim com a cabeça e entrego meu cartão de crédito.

— É verdade. Você pode chamar um táxi para mim?

— Claro.

Enquanto a moça telefona, tomo o resto da cerveja e penso no que ela disse e nas ações da princesa logo antes de sair. Foi como se Christina estivesse esperando a imprensa chegar para poder fazer seu showzinho. Puxou o decote para mostrar mais os seios e subiu a saia para parecer indecente. Por quê?

A pergunta invade meu cérebro enquanto saio do bar. O ar frio me faz abotoar o paletó e desejar ter pegado um casaco.

O táxi chega, e eu dou o endereço do Kaarsberg Slot.

— Tem certeza? É o castelo real.

— Sim, tenho certeza. Eu trabalho para eles.

— Vamos ter que ver isso na guarita de lá.

— Não se preocupe.

Ele dá de ombros, e meu celular vibra. Tiro o aparelho do paletó e olho para a tela. Antes de eu viajar, Wendy adicionou Christina Kaarsberg no Google Alerts para eu ficar a par de qualquer notícia que saia. Clico no primeiro link, de um jornaleco de celebridades.

"PRINCESA AGITA", diz a manchete, mostrando uma foto da princesa Christina, gostosa como é, saindo desse mesmo bar vinte minutos atrás. Seus peitos estão praticamente pulando do vestido, e a barra está tão levantada que quase dá para ver sua bunda. Ela joga um beijo para a câmera, como se adorasse a atenção. Em fonte azul e negrito, a palavra "FESTEIRA" se inclina sobre a imagem. Ao lado da foto dela há uma de sua irmã, princesa Elizabeth, parada em frente ao restaurante de um hotel, com a mão pousada delicadamente no braço do pai, e sua mãe em pé do outro lado. A princesa Elizabeth está sorrindo, com um vestido branco de caimento perfeito até os joelhos, sapatos altos claros e simples, o cabelo loiro preso em um rabo de cavalo baixo, clássico. O epítome da classe dinamarquesa. Parece mais um anjo, perto do mulherão diabólico que é sua irmã. A legenda acima de Elizabeth diz: "UM AMOR DE MENINA".

Então, embaixo das fotos há um espaço para votar em quem o príncipe herdeiro deveria escolher como rainha.

Olho para a foto e não consigo relacionar a Christina que vi e com quem conversei com a persona festeira que ela está descaradamente vendendo à imprensa. É como se ela estivesse tentando fazer a opinião pública odiá-la. Como se fizesse tudo de caso pensado.

Então, lembro que ela perguntou ao guarda-costas se haviam tirado uma foto de sua irmã no jantar desta noite com os pais.

Ela está arruinando a própria imagem de propósito.

As palavras de sua mãe ecoam em minha mente enquanto o carro costura o trânsito da madrugada.

A minha filha declarou enfaticamente que não deseja ser rainha.

Dou uma risadinha, olhando para a noite. Christina está se sabotando para que o príncipe escolha sua irmã como noiva. Não sei se entendi por que ela chegaria a esse extremo, quando poderia simplesmente mandar o sujeito à merda. Talvez não com essas palavras — afinal ele é o futuro rei, e imagino que não se pode mandar à merda alguém como ele. Mesmo assim, tem de haver uma maneira de resolver isso sem drama.

Agora quero ainda mais conversar com ela, entrar em sua cabeça, descobrir por que está fazendo isso. Eu entendo por que sua mãe quer que eu a ajude a voltar aos trilhos, mas, se Christina está fingindo, a mãe não é o problema. Há algo mais a fazendo sentir que precisa chegar a esse extremo. É a peça que falta do quebra-cabeça. E estou determinado a ir fundo nisso.

Quando vou guardar o celular, ele vibra, avisando que chegou uma mensagem.

> **Meu pêssego**
> Espero que tenha chegado bem à Dinamarca. Tive uma reunião com o pessoal do próximo filme da série Angel. Foi legal. As filmagens começam na próxima semana.

Sinto calafrios percorrerem minha coluna. Imediatamente desperto e, sem pensar, clico no botão ligar, imaginando que, se ela me mandou mensagem, é porque está acordada.

Minha garota atende com um "alô" rouco após o primeiro toque.

— Meu pêssego — sorrio.

— Eu não queria ligar, achei que podia te atrapalhar. Especialmente porque você está domando uma linda princesa — ela brinca.

Rio e aperto o celular no ouvido, desejando poder apertar Skyler no lugar do telefone.

— Domar pode não ser a palavra certa...

— Ah, é?

— Acho que ela não precisa ser domada. Ainda não sei qual é a dela, mas espero descobrir mais alguma coisa amanhã. Como foi com o pessoal do filme?

— Muito bom. Eu estava nervosa, não sei por quê. Acho que, como eu estava me escondendo e não cumpri nenhum dos meus compromissos normais, fiquei preocupada que as coisas estivessem diferentes.

— E estavam?

— De jeito nenhum. Todo mundo agiu totalmente normal. — Seu tom é de alívio.

— Ah, Sky, que bom. — Minha voz sai baixa até para os meus ouvidos.

— E eu agendei algumas leituras preliminares do roteiro com o ator que vai contracenar comigo, o Rick. Espero que isso ajude a acalmar a minha ansiedade em relação a atuar.

— Rick? Rick Pettington, o sujeito que o mundo inteiro achava que você estava

namorando?

— Humm... sim, acho que sim. Bom, como eu te falei, era basicamente um namoro de aparência. — Sua voz chia um pouco.

— Basicamente? — repito, concentrado na única palavra que pode significar algo diferente.

— Parker... — Sua voz entra na cadência sexy que deixa meu pau duro em meio segundo, e a fera se dá conta do que quer e com quem quer.

— Eu sei que nós não falamos sobre isso, mas... — Porra, não sei como dizer o que eu quero sem parecer um idiota. Passo as mãos pelo cabelo e o puxo.

— O quê? — ela pergunta.

Fecho os olhos e arrisco tudo.

— Eu não quero que você se encontre com ele.

Ela ri.

— Eu tenho que me encontrar, seu bobo. Ele vai contracenar comigo.

Balanço a cabeça, mas ela não pode me ver pelo telefone.

— Não. Eu quero dizer pessoalmente. *Romanticamente.*

— Ah... — Sua voz desaparece, e posso ouvi-la respirar fundo. — E quanto a você e a sua princesa?

— Ela não é *minha* princesa. Na verdade, ela é a princesa do príncipe, e ele quer que ela seja a rainha dele. Você não tem nada com que se preocupar.

Sky solta um *humm* baixinho e meu pau se anima, dolorosamente espremido contra a costura da calça.

— Eu não tenho nenhuma intenção de ficar com o Rick — ela afirma.

— Ótimo. — Espalmo minha ereção, tentando conseguir um pouco de alívio. Mas não adianta: a fera quer Skyler. Gemo de frustração.

— Qual é o problema? Está com saudade de mim? — ela provoca.

— O meu pau está — grunho baixinho, bem perto do telefone.

Ela ri gostoso, e me dá vontade de vê-la jogar a cabeça para trás e gargalhar com todo o seu ser. Ela fica inacreditavelmente linda quando faz isso.

— Ah, o grandão está sentindo a minha falta.

Grandão. Puta merda!

— Bom, eu sinto a falta dele também, mas principalmente sinto falta da sua boca. — Sua voz mergulha no território da gatinha sexy e eu gemo de novo.

— Meu pêssego... você tem que parar de me fazer pensar em sexo. Estou muito longe de você para resolver isso. Aliás, estou dentro de um táxi.

Ela ri.

— Pobrezinho. Se eu estivesse aí, beijaria o grandão e ele iria se sentir melhor.

Meu pau endurece ainda mais, se debatendo para se libertar.

— Porra, mulher!

Ela ri com vontade de novo.

— Desculpa. Mas eu estou com saudade mesmo — admite.

— Também estou. Não sei bem quando volto.

— Me liga logo, tá?

Seu tom denota esperança, e isso me incomoda, porque minha vontade é ligar para ela todas as noites antes de dormir e todas as manhãs quando acordo. Mas não posso. Não é justo com ela nem comigo, porque preciso trabalhar e ela precisa se concentrar na interpretação.

Maldito Rick Pettington.

Aperto os dentes e respiro fundo.

— Ligo sim.

— Tchau, meu bem — ela diz, antes de desligar.

Meu bem.

Esse termo penetra diretamente na parte calorosa que normalmente não compartilho com ninguém além dos meus pais e dos meus melhores amigos. Merda. Uma palavra e eu me perco.

O táxi encosta na guarita.

— Como é mesmo o seu nome, senhor? — o motorista pergunta.

— Parker Ellis.

Ele repete para o guarda, que nos autoriza a entrar.

Esfrego o rosto enquanto o motorista segue lentamente para a parte de trás do castelo. Por incrível que pareça, Henrik está me esperando com a porta aberta. Pago o taxista, saio do carro e atravesso a porta.

— Vou lhe mostrar o seu quarto, senhor.

— Obrigado por me esperar acordado, Henrik. Sinceramente, eu não sabia onde ia descansar a cabeça depois que encontrasse a princesa.

— Claro, senhor. Por aqui. Já arrumei a cama. Há um banheiro privativo ao lado. — Ele me leva ao quarto e abre a porta. — Se precisar de alguma coisa, basta apertar o botão ao lado da cama e um dos funcionários virá lhe atender — acrescenta. — Boa noite.

— Boa noite, Henrik.

Ele fecha a porta. Tiro o terno, faço o que preciso no banheiro e me jogo nu nos lençóis. Quando começo a relaxar, minha mente deveria estar em uma princesa de cabelo escuro que tem um problema, mas uma deusa loira com cheiro de pêssego invade meus pensamentos.

Adormeço sorrindo.

3

— Mais forte, meu bem...

O corpo de Skyler se tensiona sob o meu, em busca de liberação. Só que eu sou um filho da mãe ganancioso e quero mais dela antes que ela se jogue no abismo. Sempre mais.

— Ainda não. — Acaricio suas costas escorregadias, passando a mão para cima e para baixo na pele sedosa de sua coluna enquanto mantenho meu pau duro dentro dela.

Ela está de quatro, e seu corpo estremece de prazer enquanto mexo meu membro em seu calor úmido. Ela contrai os músculos internos, travando meu pau feito uma morsa.

O paraíso se derrama sobre mim a cada pulsação de suas paredes internas, envolvendo a fera em um calor maravilhoso.

— Caralho, meu pêssego! — rosno, então puxo os quadris para trás e meto forte.

Ela grita:

— Assim! Parker... *por favor!*

Adoro quando ela implora. É mágico para mim.

Minhas bolas se contraem conforme o êxtase percorre toda a minha pele, subindo de onde estou enterrado em Skyler até meu peito e minhas costas, pelos braços até a ponta dos dedos, as pernas e os dedos dos pés. Eu a sinto em *todos os lugares*. E nunca é o bastante.

Toda vez com Skyler é intenso, extraordinário. Uma experiência diferente de tudo o que já tive antes. Enterro os dedos nas mechas de cabelo em seu pescoço e puxo com a força de que eu sei que ela gosta. No momento em que a dor bater, ela vai encharcar meu pau. Entro e saio mais forte e mais fundo, torcendo seu cabelo em meu punho.

Ela explode como uma granada.

Eu fodo com força, bombeando com os quadris, gritando que ela é linda e que

eu adoro transar com ela enquanto vou fundo.

— Sr. Ellis. — Uma voz estranha ressoa, e o quarto se estilhaça diante dos meus olhos.

Continuo fodendo a minha garota. Obcecado pelo meu doce pêssego. O cheiro dela enche o ar, me cobrindo de... rosas?

O cheiro de rosas atinge minhas narinas e eu me encolho. Minha garota tem perfume de pêssego com chantili, não de flores. Ela não usa nada floral. Tusso, aperto seus quadris e estou pronto para gozar quando ouço de novo — distante, mas ali, se intrometendo em minha euforia.

— Sr. Ellis.

Sinto um toque no ombro.

Abro os olhos. A luz brilhante atinge minhas íris e eu os aperto. O quarto em que estou não é meu. Nem de Skyler. Estou de bruços, com o rosto sobre um travesseiro branco macio, os quadris girando em círculos no colchão. Meu pau está duro como uma pedra, pronto para explodir.

Merda. Eu estava sonhando.

Gemo com a boca colada no tecido e viro a cabeça. Com os olhos turvos, fico cara a cara com a minha cliente.

Princesa Christina.

Ela sorri timidamente e passa o olhar pelo meu corpo. Posso afirmar que os lençóis escorregaram, a julgar pelo frio que sinto nas costas, me deixando praticamente nu.

— Devo deixar você e a cama sozinhos? — Ela sorri. — Você estava dando uma bela surra nela. De onde eu estou, posso afirmar que você manda muito bem.

Levo as mãos para trás, enrosco os dedos no edredom e o puxo sobre meu corpo nu. Viro de lado, me certificando de que a fera não esteja visível.

Ao lado da cama, a princesa se levanta e caminha até um carrinho que apareceu magicamente no quarto. Um serviço de café e chá está preparado.

Henrik. Sujeito furtivo.

Christina serve uma xícara de café e acrescenta um pouco de leite e dois cubos de açúcar. Mistura e bate a colher na borda, fazendo-a tilintar de um jeito agradável.

— Quem é Skyler? — pergunta antes de tomar o café.

Ignoro a pergunta.

— Eu adoraria um pouco de café. Obrigado, princesa. Puro.

Amasso os cobertores ao meu redor e me sento, tocando o chão com os pés descalços. Meus olhos estão arranhando, e o jet lag pegou forte. Eu me sinto lento, desidratado e cansado pra caralho. Poderia virar dois litros de água agora mesmo.

— Você estava chamando o nome dela de um jeito... — ela tamborila no lábio inferior carnudo — ... muito excitado.

— Café — rosno, com a voz grossa de sono.

— Quem é Skyler? — ela repete.

— Se eu te disser, você me dá uma xícara de café?

Ela sorri.

— Sim.

— Uma mulher com quem estou envolvido — afirmo, de uma só vez.

Mas, por dentro, meu coração e meu pulso estão acelerados. Uma sensação de inquietude, não totalmente desagradável, toma meus nervos.

Christina se volta e verte o líquido celestial em uma xícara que pousa em um pires.

— E mesmo assim você estava dando em cima de mim na noite passada? — Ela ergue uma das sobrancelhas perfeitamente esculpidas quando me entrega o café.

Solto um ruído, entre um suspiro e um bufo exagerado.

— Eu não estava dando em cima de você, princesa. Estava te sondando.

— E o que você encontrou com a sua sondagem? — Ela toma um gole de café e senta na ponta da cama, sem se preocupar com o homem nu a poucos metros. É como se estivéssemos sentados a uma mesa posta, tomando o café da manhã juntos.

Penso em sua pergunta enquanto tomo alguns goles de minha xícara. Torrefação média, saboroso. Eu não esperaria menos de uma família real.

Viro de lado a fim de olhar diretamente para ela.

— Eu soube pela sua mãe que você não quer ser rainha. Palavras dela, não minhas.

— E as suas palavras?

Sorrio.

— Eu acho que você está com medo.

Ela ri com altivez, mas isso é claramente uma cortina de fumaça. Acho que acertei na mosca.

— Absurdo. Do que eu teria medo?

— Casamento. Responsabilidade. Um reino. Tenho certeza de que se tornar a próxima rainha da Dinamarca envolve muita coisa.

Ela franze a testa.

— Você não sabe nada sobre mim.

— Então me conte, princesa.

— Por que eu deveria? Eu não te devo nada, e a minha mãe está maluca se acha que pode te contratar para me fazer mudar de ideia.

— Tudo bem. O único problema é que eu ainda vou ficar por aqui um tempo, então, quanto antes você se abrir, mais depressa eu vou poder dizer para a sua mamãe querida que não sou capaz de fazer o trabalho para o qual ela me contratou.

Ela aperta os olhos, como se não acreditasse em mim.

— Você faria isso? Simplesmente diria não para ela e iria embora?

Dou de ombros.

— Só tem uma maneira de descobrir.

Ela aperta os lábios, formando uma linha branca.

— O que você quer saber?

— Por que você quer que a sua irmã tome o seu lugar como rainha?

Ela ri de novo.

— Você conheceu a minha irmã?

— Não.

— Pois você vai entender no momento em que a conhecer. Ela nasceu para a realeza. Perfeita em todos os sentidos. Ela vai deixar o Sven e a minha família orgulhosos como a próxima rainha.

Bebo meu café quase até o fim. Ela olha para a xícara e se levanta.

— Mais um?

— Sim, por favor.

Enquanto Christina me serve outra xícara, lanço um olhar para minha calça e cueca no chão. Pulo da cama e visto a cueca antes de ela virar, um milésimo de segundo antes. Seus olhos observam meu corpo da cabeça aos pés.

— Você não é de se jogar fora, sr. Ellis. Se você fosse loiro de olhos azuis, tivesse o cabelo comprido e selvagem, seria quase irresistível. Tenho certeza de que essa Skyler com quem você sonha tem sonhos parecidos com você.

Loiro. Olhos azuis. Cabelo comprido.

Catalogo essa descrição, e minha mente se fixa nas fotos que Wendy enviou do príncipe Sven.

— Você basicamente descreveu o príncipe herdeiro. — Sorrio abertamente.

Ela afasta o olhar, evitando contato visual, e lambe os lábios, mas termina sua negação dando de ombros.

— Muitos homens aqui têm essa aparência. É o meu tipo, e daí?

Eu rio e visto a calça.

— Você acabou de admitir uma informação muito útil que não tinha sido mencionada antes.

— E qual seria?

— Que você é louca pelo príncipe herdeiro — rio.

Sua postura muda bem diante dos meus olhos, indo de suave e elegante a dura e estoica.

— Não sei do que você está falando.

— Quanto mais você nega, maior é o buraco que cava, princesa. Não é para mim que você precisa mentir, mas estou muito interessado em saber por que você quer entregar a sua irmã de bandeja a um homem pelo qual obviamente se sente atraída. E, além disso, ele quer você! Nessa situação, os dois saem ganhando. Diga para o cara que você aceita se casar com ele, tenham um casal de herdeiros reais e pronto! Problema resolvido.

Ela me encara com os olhos estreitados, deixa a xícara de café e se aproxima. Cada passo parece um martelo batendo no chão, conforme ela avança. Quando está diante de mim, vejo seus lindos lábios controlando um rosnado.

Uau. Ela está puta.

Christina ergue o dedo indicador e apunhala meu peito com ele.

— Você não entende nada. Ele *precisa* se casar com a Elizabeth. Ela é perfeita para ele. Eu não sou. Eu não sou perfeita para ele! Agora, vá dizer para a minha mãe que o seu trabalho aqui acabou, pegue o seu avião e volte para a sua... para a sua Skyler! Volte para ela! Ela deve querer você lá, ao contrário de mim!

Então ela dá meia-volta e corre para fora do quarto, batendo a porta ao sair.

— Puta merda. O que acabou de acontecer aqui?

~

Com a princesa trancada em algum lugar do castelo, peço a Henrik que me arranje um táxi. Ele faz melhor e me leva de carro ao centro de Copenhague, onde posso ficar longe de tudo que tenha a ver com a realeza e refletir sobre o que descobri até agora.

— Henrik, há quanto tempo você trabalha para a família Kaarsberg?

— Eu venho de uma longa linha de atendentes reais, rapaz. Meu pai servia à família real e eu assumi o posto quando ele morreu, mas sempre estive com eles de alguma forma.

Assinto e olho pela janela, vendo os edifícios de formato estranho. No campo, muitos prédios parecem peças de Lego empilhadas, meio quadradões e coloridos como uma caixa de giz de cera. Já os da cidade tendem a ser mais tradicionais e históricos.

— Você sabe por que eu estou aqui? — pergunto, sondando o homem.

A princesa Mary me pediu para ser discreto e apenas confirmar minha presença ali como consultor, mas Henrik pode ser uma valiosa fonte de informação, uma vez que trabalhou a vida toda para a família.

— Há pouca coisa que eu não saiba por aqui, sr. Ellis.

— Pode me falar sobre a princesa Christina e o relacionamento dela com a irmã?

— É um relacionamento normal de irmãs, posso garantir. Tem alguma rivalidade, mas nada fora do usual.

— E o relacionamento delas com a mãe, a princesa Mary?

— O mesmo.

Humm. Não sei se ele está mentindo para manter intactos os segredos da família. E a merda é que eu nunca vou saber, porque ele é leal aos Kaarsberg, e eu não sou ninguém.

Mordo o lábio e penso em algo que ele possa responder diretamente.

— E sobre o relacionamento entre a Christina e o príncipe herdeiro Sven?

O homem sorri.

— Eles se conhecem desde que eram bebês. Cresceram juntos.

— Já que ele manifestou o desejo de se casar com a Christina, imagino que eles sejam próximos.

— Eram um casal perfeito, até poucos meses atrás.

— Um casal? — Essa informação me surpreende.

— Ele ama muito a princesa. — Henrik diz isso como se fosse um fato, não uma opinião.

Agora estou chegando a algum lugar.

— Então não foi surpresa ele rejeitar a Elizabeth.

O mordomo ri.

— Ele vê a princesa Elizabeth como irmã, não como a mulher com quem quer dividir a cama.

— Interessante. Imagino que a Elizabeth e a Christina saibam disso.

O homem assente, e eu resolvo ir mais fundo.

— Mas ele não deve estar feliz com as atitudes da Christina. Se bem que, se ela foi assim a vida inteira... saindo toda noite, enchendo a cara...

— A princesa Christina está passando por uma fase. Não sei por que ela está fazendo essas coisas... Poucos meses atrás ela era um doce, como o público está vendo a irmã dela agora. Talvez a sua consultoria devesse investigar por que essa mudança aconteceu. — A voz de Henrik fica dura.

— Sem dúvida. — Eu me recosto e me concentro na paisagem.

Duas pessoas já me disseram que Christina está agindo de forma contrária a sua personalidade. Mas não creio que a princesa vá me dar mais informações. Vou ter que investigar um pouco mais.

— Seria possível marcar uma reunião com o príncipe herdeiro Sven?

Henrik sorri.

— Vou entrar em contato com o gabinete dele e comunicar o seu desejo. E vou informar que também é o desejo da família real Kaarsberg.

— Obrigado, Henrik.

— Disponha, senhor — ele diz, antes de parar diante da Universidade de Copenhague.

Saio do carro e olho em volta, então viro e me inclino para a janela do passageiro.

— Onde eu estou?

Ele tira o quepe — que, tenho de admitir, lhe cai muito bem.

— Perto da universidade. Tem muitos restaurantes e lojas por aqui. Aprecie a vista e os sons da cidade. Creio que vá encontrar as respostas que procura onde menos espera.

Dou um tapinha na lataria.

— Obrigado, Henrik. Vou fazer isso.

— Ligue se precisar de mim. Vou tentar agendar a sua reunião com o príncipe herdeiro o mais cedo possível.

— Pode agendar uma com a princesa Elizabeth também?

Ele fecha os olhos e assente.

— Considere feito.

— Maravilha. Tenha um bom dia, Henrik. Até mais tarde.

— *Farvel* — ele diz. "Adeus" em dinamarquês.

Depois que o carro se afasta, olho em volta e desço uma rua de aparência agradável, então viro em uma de nome Fiolstræde. Jovens entram e saem de cafés e empresas. Pessoas de bicicleta andam de um lado para o outro pela rua. Quando estávamos no trânsito, vi mais bicicletas que carros. De acordo com as informações de Wendy, os moradores chamam Copenhague de Cidade das Bicicletas — o que, até agora, pela minha experiência, é a verdade absoluta.

Enquanto caminho, admiro os edifícios de tijolos e pedras. A arquitetura é simplista, mas funcional e bonita. Feita para durar. Esses edifícios foram erguidos para enfrentar qualquer tempestade, invernos rigorosos e verões quentes. Aposto que a maioria existe há cem anos ou mais.

Paro em frente a um conjunto de janelas. Dentro, vejo livros, mesas diferentes

umas das outras e pessoas comendo e trabalhando. Estantes lotadas cobrem as paredes, com títulos que incitam a pegar um volume e folheá-lo.

O cheiro de café fresco paira no ar, e eu o sigo até um lugar chamado Paludan Bog & Café. Encontro uma mesa no canto, de onde posso observar as pessoas, pensar um pouco e comer alguma coisa. Meu estômago ronca, e percebo que acordei, tomei um café, vesti a roupa e ainda não forneci nenhum sustento ao meu corpo.

Uma garçonete me vê e vem pegar meu pedido. Peço um latte dessa vez, além de um hambúrguer com batata frita. Vou ter que correr pelas terras do castelo amanhã de manhã, se o hambúrguer for parecido com o da foto.

Enquanto espero e observo a rua a minha frente, meu celular toca. Olho para a tela e sorrio.

— Alô... — começo, mas sou interrompido.

— Ela é gostosa? — é a primeira coisa que sai da boca de Bo. Nem um "oi", nem um "e aí?".

— Você só tem uma coisa na cabeça — digo e rio, curtindo o som da voz do meu amigo.

— E você não respondeu a minha pergunta.

Sorrio e olho pela janela.

— Sim, ela é linda.

— Cara, eu sabia! Você ficou com a gostosa de novo!

— Espere um minuto, Bogey... — Uso o nome que ele odeia. Sua mãe sempre o chama assim, e, embora eu concorde que é horrível, é útil para emergências.

— Cara... — ele sussurra, fingindo estar magoado ao ouvir seu apelido de infância.

— A princesa é gostosa, mas também é louca pelo príncipe herdeiro. Acontece que ela não quer ser rainha, e a mãe dela quer que eu a faça mudar de ideia. Como eu vou fazer isso... não tenho a mínima. — Suspiro, descarregando a frustração em meu sócio.

— Precisa de ajuda? — Bo oferece imediatamente.

Tamborilo com os dedos na mesa e sorrio. Sempre disposto a ajudar, a qualquer momento.

— Não, acho que não. Mas não tenho certeza de que vou conseguir fazer o que a cliente quer. A situação é complexa. Tem corações envolvidos, além da responsabilidade por um país. Isso pode estar acima da minha capacidade.

— É, eu entendo, meu amigo. Mas, se tem alguém que pode fazer isso, esse alguém é você. Mesmo assim, se achar que é uma causa perdida, cancele o negócio e

volte para os Estados Unidos. A Wendy tem muitos casos na fila...

— Como é que é?

Ele ri.

— Sim, a Sininho está levantando a empresa. Você não acredita... ela está fazendo marketing. Você sabia que ela manjava disso? O Royce está em choque com as potenciais clientes que ela colocou na fila.

— Sério? Eu não vi nada disso nos meus e-mails.

— Foi ideia do Roy. Ele pediu para concentrar essas coisas nele, para você poder focar no caso.

Assinto.

— Fez bem.

— Essa menina vale ouro — ele diz.

Minha mente vai instantaneamente para Skyler, o cabelo dourado e o jeito como as mechas caem lindamente em volta de seu rosto.

Lembranças do sonho me passam pela cabeça.

— Park? Ainda está aí, cara?

Afasto os pensamentos da mulher dos meus sonhos e me concentro na ligação.

— Sim, irmão, estou aqui. Ainda bem que está dando certo com a Wendy. Ela definitivamente sabe trabalhar. Já conheceu o namorado dela?

— Ah, sim. O sujeito apareceu para conhecer o escritório. E se liga: ele é um homem de negócios total. Terno caro, chegou de limusine. O homem não está sofrendo por dinheiro, não. O Royce investigou. O nome dele é Michael Pritchard, Mick para os amigos. E ele não nos incluiu nessa categoria quando trocamos um aperto de mãos. Tive a impressão de que ele queria deixar claro para nós três que a Wendy é *propriedade* dele e que é melhor tratá-la como a dama que ela é. Deixou claro, com o jeitinho dele, que ia arrancar o meu pau se eu continuasse flertando com ela. — Ele ri com vontade do outro lado da linha.

— Caralho... — Solto um suspiro que parece um assobio.

— Pois é. Incrível. Parece que a nossa Sininho tem alguns esqueletos no armário.

— Todo mundo tem — observo.

— É verdade, cara.

— Estou ansioso para saber mais sobre o Sir Mick.

— Ah, eu tenho mais para contar. Tipo, o jeito como ele estalou os dedos e ela correu para ele como se fosse um cachorro! E o pior é que ela ficou toda toda, como se a única alegria na vida dela fosse estar com ele.

— Como é que é?

— Pois é. Eu tive que segurar o Royce para ele não socar o cara. Você sabe como ele fica puto quando vê uma mulher sendo controlada por um homem. Mas aí aconteceu a coisa mais louca.

— O quê? — Estou completamente fascinado pela história. Tanto que só percebo que a garçonete colocou meu sanduíche e meu latte na mesa quando bato o braço neles.

— Ele virou para a Wendy, como se eu e o Roy nem estivéssemos ali, segurou o queixo dela e acariciou o cabelo com a outra mão. Aí ele disse: "Esses caras estão te tratando bem, coração? Basta me dizer que eu acabo com eles". E deu um puxãozinho no cadeado no pescoço dela. Ela riu, ficou na ponta dos pés, beijou o cara com força e deu um tapinha no peito dele, como se *ele* fosse o cachorro. Depois ela olhou para a gente e disse: "Ele não é o máximo?" Como se essa situação fosse totalmente normal!

— Bizarro. Bom, cada louco com a sua mania, né?

— Porra, se é. Mesmo assim, isso não significa que eu não vou flertar e mexer com ela o máximo possível.

— Eu não esperaria nada menos de você.

— Você vai ficar bem aí? — Bo pergunta, baixando a voz, como se quisesse me garantir que eu posso contar com ele se precisar conversar.

— Sim. Eu tenho algumas reuniões amanhã para me aprofundar na situação.

— Lembre-se do que eu disse, irmão: qualquer coisa que precisar, conte com a gente. Mesmo se precisar cair fora, tá certo?

— Pode deixar — respondo, pegando meu café com leite.

— É isso aí, irmão. Até mais. — Bo desliga antes que eu possa responder. É o jeito dele.

Pego meu hambúrguer suculento, que tem uma coruja e a palavra Paludan queimadas no pão, e dou uma grande mordida. Interessante essa história sobre a Wendy. Estou ansioso para conhecer esse homem estranho que a reivindica como propriedade, e a quem ela não contraria. Mas eu não sei nada sobre o universo do sadomasoquismo. Quem pode dizer o que é normal? Não eu, com certeza. Pelo menos Wendy encontrou alguém a quem quer pertencer. Literalmente. Penso no cadeado em volta do pescoço dela e balanço a cabeça.

Eu quero ser dono da Skyler?

Dono, não. Mas amarrá-la na minha cama e ser bem malvado com ela... sem dúvida nenhuma.

Talvez ela me deixe fazer isso da próxima vez que nos virmos...

E lá vou eu de novo pensar em Skyler. Porra, não consigo tirar essa mulher da

cabeça!

Acabo o sanduíche e vou para a rua, com a intenção de queimar as calorias do brunch e recuperar a concentração.

4

Henrik me leva ao Palácio de Amalienborg, que é, na verdade, um pequeno agrupamento de quatro palácios dispostos em forma octogonal. A fachada dos quatro edifícios dá para um pátio que tem a estátua de um homem a cavalo no centro. Segundo Henrik, a estátua homenageia o fundador do lugar, o rei Frederico V. Os palácios estão localizados em Copenhague, perto da água. O público pode caminhar pelo pátio, os turistas podem tirar fotos, mas a entrada nos aposentos reais é estritamente limitada. Ainda assim, acho reconfortante a monarquia permitir que os súditos façam parte de sua rica história.

Quando chego, sou levado por alguns corredores até a sala de recepção de Sua Alteza Real. Pelo menos, acho que é assim que devo me dirigir a ele.

— Sua Alteza Real, o príncipe herdeiro Sven Frederik, da Dinamarca — diz em tom solene um lacaio vestido de gala, quando um homem incrivelmente alto entra na sala.

O príncipe herdeiro deve ter pelo menos um metro e noventa. O cabelo loiro está preso em um coque apertado na nuca. Sua mandíbula quadrada é rígida quando se aproxima, e nota-se o cansaço em seu andar. Seus olhos são de um azul penetrante, de um tom muito parecido com o dos meus.

Eu me curvo um pouco; não sei exatamente como me dirigir a ele. Droga, devia ter perguntado a Henrik. O príncipe herdeiro não diz nada até chegar a mim. Então estende a mão e eu a aperto.

— Olá, Alteza Real, é um prazer conhecê-lo. Eu sou Parker Ellis, dos...

— Eu sei quem você é. Por favor, sente-se, sr. Ellis. Eu teria cancelado esta reunião depois do que aconteceu hoje de manhã, mas as informações que você tem podem ser muito importantes.

Franzo o cenho e me sento enquanto ele caminha até um aparador e serve uma boa dose de algo que parece um uísque premium. Ele nem me oferece, mas acho que não é porque não tem boas maneiras ou tato. É como se sua mente estivesse em outro lugar.

— Desculpe se pareço inconveniente, mas eu sou especialista em linguagem corporal, e o senhor parece que acaba de receber o peso do mundo sobre os ombros.

Ele suspira, baixa a cabeça e fecha os olhos.

— Exatamente. Meu pai, o rei, piorou esta manhã. Ele tem mais alguns dias, no máximo.

— Meu Deus — suspiro. — Sinto muito, cara. Quer dizer, Sua Alteza Real... err... senhor... — vou tentando.

Ele me oferece um sorriso mínimo em resposta às minhas gafes.

— Tudo bem, esta não é uma reunião formal. Em um ambiente privado, pode me chamar de Sven.

— Obrigado. E você pode me chamar de Parker.

Ele assente e bebe o líquido âmbar.

— Quer que eu volte em um momento melhor? — pergunto, mas penso que "nunca" seria o momento ideal.

Ele balança a cabeça e se dirige até mim, então senta na cadeira à minha frente.

— Não. Agora, mais do que nunca, eu preciso que essa situação seja resolvida imediatamente.

— Situação?

— A minha princesa está me evitando. Fugindo e fingindo... me mandando casar com a irmã dela, Lizzie... — Ele franze a testa. — Eu não posso me casar com a princesa Elizabeth, assim como não ousaria tocar outra mulher. Christina é a mulher para mim.

Muito bem... Eis um homem que sabe exatamente o que quer e não tem medo de afirmar. É animador, no mínimo.

Lambo os lábios e pouso as mãos nos joelhos. A seguir, passo-as ao longo das coxas.

— Eu aprecio a sua franqueza, e vou ser franco também. Tive duas conversas com a princesa Christina, e ela parece bastante decidida a não se casar com você. Pode me dar alguma informação sobre a razão disso?

Ele limpa a garganta e toma mais um gole da bebida. Estou com pena do sujeito. Posso ver pelas rugas no canto de seus olhos jovens o estresse de suas responsabilidades. Além disso, encontrar a mulher que você quer e não ser correspondido... é de arrasar.

— Infelizmente, ela continua me dizendo que eu estaria melhor com Elizabeth como futura rainha. Ela não diz por quê. Só fala que a irmã mais velha, Lizzie, é a princesa perfeita.

Perfeita.

Essa palavra continua surgindo em conversas referentes a Elizabeth.

— E quanto à Christina?

Seus olhos se iluminam.

— Ela é perfeita para mim. Se bem que, ultimamente, as ações dela têm deixado muito a desejar.

Faço que sim com a cabeça.

— Você vai se casar com a princesa Elizabeth, se a Christina não mudar de ideia?

— Não. Eu nunca poderia fazer isso com Christina... trair o nosso amor assim. Creio que preferiria passar por isso sozinho a ficar sem a única mulher que eu já amei.

Respiro fundo.

— Mas a Christina acha, por algum motivo, que você pode aceitar a irmã no lugar dela. Por quê?

Ele balança a cabeça.

— É o que eu venho tentando descobrir. Elizabeth seria uma linda rainha? Sem dúvida alguma. Ela é querida no país, os paparazzi a amam. Parece uma princesa dessas de livros. Mas eu não quero o comum, sr. Ellis. Eu quero o *extraordinário*, e a minha Christina é isso. Extraordinária. Eu conheço as duas desde criança. Elizabeth e eu temos a mesma idade. Christina é um ano mais nova. Mas as duas são completamente opostas. Christina é intensa e sensual, Lizzie é leve e doce.

— Até agora eu tive a mesma impressão, embora ainda não tenha conhecido a princesa Elizabeth. Meu próximo encontro é com ela.

— Você vai entender quando a conhecer.

O príncipe herdeiro se levanta e reabastece sua bebida. Enquanto faz isso, sigo um palpite e pego meu celular para ligar o gravador. Uma vez acionado, coloco o telefone na cadeira, ao lado da minha perna, fora de vista.

— Fale mais sobre a Christina. Por que você quer se casar com ela?

— Além do fato de eu ser apaixonado por ela desde que nós éramos crianças? — Ele ri.

— Sim. — Sorrio.

— Ela é tudo para mim. Meu oposto perfeito. Ela equilibra os desafios da vida com seu riso, seu beijo, o jeito como me abraça, como se o sol nascesse e se pusesse com o nosso amor. Ela é a minha noiva de contos de fadas. A única mulher que eu vejo ao meu lado.

— E você acha que ela sente o mesmo por você?

Ele deixa a cabeça cair para a frente, como se estivesse envergonhado.

— Sempre achei. Nunca duvidei do amor dela por mim e do nosso futuro juntos. Até que tudo mudou.

— Quando?

— Depois que o meu irmão morreu e eu me tornei herdeiro natural. É como se alguém tivesse apertado um botão e de repente ela mudasse. Começou a sair na noite, a me evitar, a criar distância entre nós.

— E mesmo assim você ainda a ama?

— Eu sempre vou amar Christina. Ela é o ar que eu respiro. O perfume que eu necessito para encher os pulmões e conseguir dormir. A única mulher que eu imagino carregando os meus filhos. Se eu não puder ter herdeiros com ela, não quero ter nenhum.

Assinto.

— Vou fazer o meu melhor para tentar ajudar, mas, quando se trata de assuntos do coração... — Balanço a cabeça. — Não podemos ter certeza de como ela vai responder. Estou tentando chegar à origem dessa mudança repentina.

— Espero que você consiga, sr. Ellis. — Ele abaixa e ergue os olhos. — Parker, quer dizer. — Toma sua bebida e olha pela janela. — Eu não quero trilhar esse caminho sozinho, mas é o que vou fazer se não puder ter Christina comigo.

Sentindo que é o fim da nossa conversa, eu me levanto e aperto disfarçadamente o botão do celular para interromper a gravação, então o coloco no bolso da calça.

— Foi bom conversarmos hoje. Lamento muito o que está passando com o seu pai.

— Obrigado. — Ele aperta minha mão e me leva até a porta.

Do lado de fora está Henrik, esperando para me acompanhar até o carro e voltar para o Kaarsberg Slot.

— Sr. Ellis? — chama o príncipe herdeiro. Eu me volto para ele. — Diga a ela que estou com saudade.

— Vou dizer.

— Adeus.

— Adeus, Sua Alteza Real — me despeço com um sorriso.

Ele levanta a mão em um aceno silencioso.

~

— Ah, entre, sr. Ellis. Ouvi falar muito de você — diz a princesa Elizabeth quando aperta minha mão para me receber.

— Digo o mesmo, princesa. A sua mãe explicou por que eu estou aqui? — pergunto, pois preciso descobrir quanto ela sabe sobre o motivo da minha presença no castelo da família Kaarsberg.

Ela sorri largamente e anui com leveza. Seu vestido é de um azul suave que desce modestamente até os joelhos. Está de sapatilhas, estilo que Bogart odeia. Ele acha que uma mulher sempre deve mostrar seus dotes da melhor maneira possível, especialmente quando está de olho em alguém ou tentando impressionar. Não me incomodo com sapatilhas, mas não posso dizer que não adoro uma mulher de salto alto. Todo homem adora, e quem diz o contrário está mentindo.

Essa mulher, no entanto, não parece do tipo que usa sapatos sexy. Mais um saltinho médio ou escarpins comuns. Isso não quer dizer que ela não seja bonita, em seu próprio estilo. Ela é, e muito. Seu cabelo tem o mesmo tom dourado da mãe, os olhos também azuis, mas não tão brilhantes quanto os da irmã. Seu corpo é magro como o de uma modelo, o oposto de sua irmã gostosona, mas definitivamente atraente.

Eu quero o extraordinário. A descrição do príncipe herdeiro Sven sobre a mulher que ele quer, Christina, volta à minha mente.

— Sim, a minha mãe explicou que você está tentando ajudar a família com o nosso probleminha com a minha irmã. — Ela pestaneja com doçura e vai até o aparador. — Posso lhe oferecer uma bebida, sr. Ellis?

A esta altura, uma bebida cairia bem.

— Claro.

— O que você gostaria de beber?

— Você sabe fazer gim-tônica?

Ela inclina a cabeça.

— Eu sei fazer muitas coisas, e a maioria vai agradar ao meu futuro marido. Uma boa esposa deve saber fazer um drinque para o seu rei se ele desejar. Não concorda, sr. Ellis?

Escolha interessante de palavras.

Eu me reclino no sofá e me ponho um pouco mais à vontade: braço esticado no encosto e perna cruzada, com o pé descansando no joelho oposto. Dou de ombros.

— Acho que é uma ideia adorável, mas, pela minha experiência, o homem é quem deve fazer o drinque para a sua mulher.

Ela prepara o drinque e o serve com um floreio.

— Na família real, nós temos uma diferença de opinião sobre algumas coisas. Eu adoraria que o meu rei me preparasse um drinque, sem dúvida, mas só se ele quisesse. Eu nunca esperaria isso de um homem com tanta responsabilidade sobre os

ombros. É meu dever, como sua rainha e parceira na vida, garantir que ele tenha tudo que precisa para fazer o seu trabalho com o melhor das suas habilidades.

O meu rei.

Pelo que eu entendi, ela só pode "ter um rei" se se casar com um. E o único rei prestes a estar disponível é o príncipe herdeiro Sven. Elizabeth age como se estivesse escrito nas estrelas que um dia vai se casar com um rei.

Franzo a testa.

— Por esta conversa, eu concluo que você não teria problema nenhum em se casar com o príncipe herdeiro Sven.

Ela vem até o sofá e senta com as costas eretas, os ombros para trás, as mãos no colo. Não tem um fio de cabelo fora de lugar. A maquiagem é natural e impecável. Caramba, tudo nela poderia ter saído de um dicionário real. Ao lado da descrição de *princesa* apareceria a foto dela.

— Absolutamente. Eu ficaria honrada em me casar com o príncipe herdeiro. — Ela sorri, como se falar em se casar com o namorado da irmã não fosse problema algum.

Bebo meu gim-tônica. Ela sabe mesmo fazer um drinque. Proporção ideal de gim, tônica e limão siciliano.

— Excelente — elogio.

Ela sorri com falsa modéstia, mas não diz nada nem se vangloria de suas habilidades.

Recatada e apropriada em todos os momentos. Entendi por que todos pensam que ela seria a rainha ideal para Sven. Se bem que o homem que conheci hoje parece passional e genuíno. Esta mulher não exala paixão como sua irmã, Christina.

Eu a fito nos olhos. Ela não se intimida. Confortável em sua própria pele, mesmo na presença de estranhos.

— Me fale sobre o seu relacionamento com a princesa Christina.

Ela sorri largamente ao ouvir o nome da irmã. Esquisito... É como se não houvesse absolutamente nenhuma animosidade entre elas. Pelo menos por parte de Elizabeth.

— Eu tenho um ótimo relacionamento com a minha irmã. Nós somos muito amigas.

— E você acha que é por isso que ela escolheria você para se casar com o Sven, em vez de ela mesma?

Ela pisca uma vez, duas, depois inclina a cabeça.

— Possivelmente. Ela sabe que eu levaria o papel de rainha muito a sério e com muito respeito. Tenho treinado para ser rainha todos os dias da minha vida.

Franzo a testa.

— Por quê?

— Antes de o príncipe se tornar o herdeiro natural, eu era noiva do irmão dele, Enok. Nós íamos nos casar e assumir o trono quando o pai dele falecesse.

Puta. Merda.

— Você e o irmão do Sven eram noivos?

— Sim — ela diz, e seus olhos se enchem de lágrimas. — Nós íamos nos casar em uma cerimônia gloriosa. Estava marcada para um mês depois do terrível acidente. — Elizabeth se levanta abruptamente e caminha até a janela.

— Se não se importa em responder... o que aconteceu com o Enok?

Ela cruza os braços e olha pela janela.

— Enok amava cavalos. Além do reino, e de mim, claro, era o que ele mais amava no mundo. Ele tinha muitos cavalos. Os amigos dele, além de Sven, competiam também. — Ela respira fundo. Posso ver seu peito subir e descer com a emoção, que flui ao recordar uma experiência que deve ter sido muito dolorosa. — Estávamos todos lá. Christina, mamãe, papai, o rei e a rainha, aproveitando uma linda tarde no palácio de verão. Todos os cavalos ficam lá. Eles têm uma pequena pista de corrida onde os homens montavam, corriam, saltavam... — Sua respiração sai trêmula e vejo uma lágrima rolar por sua face.

— Não precisa prosseguir, princesa...

— Não. Preciso sim. Para que você entenda. — Ela enxuga o rosto. — Enok, Sven e outros amigos e primos estavam brincando com os cavalos. Cavalgando em duplas, saltando, correndo e tentando bater o tempo um do outro. O cavalo de Enok se chocou contra um dos postes com força e se desequilibrou, batendo no cavalo de Sven. Os dois caíram. Sven quebrou o braço e algumas costelas quando foi jogado em cima das vigas de madeira. Enok não teve tanta sorte. Não só seu cavalo caiu em cima dele como o cavalo de Sven pisou no pescoço dele. Foi um acidente horrível, que acabou com a vida de Enok e com o meu sonho de me casar com o meu rei, o meu amor.

Minha cabeça começa a latejar e minha pele fica quente. Engulo em seco.

— Princesa... meus sinceros sentimentos.

Ela enxuga as faces e se volta para mim.

— Faz alguns meses. Estou lidando com isso da melhor maneira que posso, me concentrando no dever, na responsabilidade de um país à minha frente.

— Então você quer ser rainha?

— Com certeza. É tudo o que eu sempre quis... exceto por Enok. Eu daria tudo para tê-lo de volta.

— No entanto, você está disposta a se casar com o irmão dele, a ter filhos com ele?

Seus olhos se tornam duros e ela assume uma expressão artificial. Como se tivesse colocado tudo o que disse em uma caixa, depois a trancado e jogado a chave fora.

— Eu vou fazer o que o meu país necessita e espera de mim. É meu dever, minha responsabilidade. Meu direito de primogênita.

— Não quero parecer duro, princesa... mas o príncipe herdeiro está apaixonado pela sua irmã.

— E eu estava apaixonada pelo irmão dele. Nós dois perdemos muito com o falecimento de Enok. Juntos, espero que consigamos construir um relacionamento amoroso, mas isso não é um pré-requisito. Na história, muitos membros da realeza se casaram com quem os pais escolheram, ou com alguém cujo país lhes desse o melhor tratado de paz ou riqueza. Mesmo hoje em dia as pessoas se casam por menos que isso. Pelo menos eu sei que Sven tem carinho por mim e me ama como um membro da família. Já é um começo.

— E a sua irmã?

A princesa fecha os olhos brevemente e, quando os abre, há uma dureza, uma resolução que eu não tinha notado antes.

— A minha irmã conhece o lugar dela. Ela não foi treinada para a responsabilidade de governar um país. Ela sabe que falharia. Eu estou destinada a me casar com o próximo monarca. Christina não.

— Quem disse? — pergunto, sem perceber que pode parecer um insulto.

Ela ergue a cabeça.

— A nossa ordem de nascimento. A família em que nascemos. Se você preferir uma abordagem mais espiritual... o próprio Deus. Se ele quisesse que Christina fosse rainha, ela teria nascido primeiro. Como não é esse o caso, o dever é meu.

Apoio o drinque na mesinha à minha frente e me levanto, abotoando o paletó.

— Existem três problemas na sua lógica — digo.

Ela se coloca de frente para mim; há ferocidade em sua postura.

— Por favor, compartilhe suas teorias, sr. Ellis.

— Primeiro, o herdeiro natural pode se casar com qualquer mulher que ele julgar digna.

Ela se apruma, e é como se ficasse dois ou três centímetros mais alta diante dos meus olhos.

— Está dizendo que eu não sou digna? — Sua voz é forte e direta.

Ergo as mãos, em uma atitude apaziguadora.

— De jeito nenhum. Eu só quis deixar claro que Sven não precisa escolher alguém nascido na realeza. Ele pode escolher quem quiser, ou ninguém.

— Isso é um absurdo.

Dou de ombros.

— Talvez, mas é verdade. E, sendo verdade, isso me leva ao segundo problema. O príncipe herdeiro não ama você. Ele está apaixonado pela Christina.

— Ele vai superar isso. Vai liderar com responsabilidade, não com amor.

Tenho certeza de que minha expressão é cética, na melhor das hipóteses.

— Eu não apostaria nisso — rebato. — Veja, eu visitei o príncipe herdeiro hoje, e as palavras dele foram: se ele não puder ter Christina, não vai se casar com ninguém.

Seus olhos praticamente saltam das órbitas enquanto ela leva uma das mãos ao coração.

— Você não pode estar falando sério!

— Amor é amor. Não se pode mudar isso em nome do dever. E, se não há lei que o obrigue a se casar para ser rei, eu apostaria que ele vai ser rei sozinho.

— Ele não pode fazer isso... — Ela ofega, e seus olhos se enchem de lágrimas mais uma vez.

— Receio que pode. Mas não precisa acreditar em mim, pergunte à sua mãe. Que é o terceiro problema.

Ela franze a testa e respira fundo.

— A sua mãe me contratou para fazer a princesa Christina mudar de ideia. Parece que ela sabe que o príncipe herdeiro não vai seguir o caminho do dever.

Elizabeth dá meia-volta, fazendo o vestido girar ao seu redor e agitar o ar.

— Por favor vá embora — diz, com a voz trêmula.

— Desculpe, princesa, se eu passei dos...

— Não, você não passou dos limites. Quando a minha mãe disse que traria você aqui para domar Christina, eu presumi erroneamente que isso serviria para ela não sujar o nosso bom nome, não para você fazer a minha irmã mudar de ideia a respeito do casamento com Sven. É que... a minha mãe sempre me disse que eu seria rainha um dia... a vida inteira. Eu nasci para isso. Sem isso... eu não tenho *nada*. — Ela balança a cabeça e vira de costas. — Por favor, vá embora. Eu preciso pensar.

Dou um passo em direção a ela, sabendo que está ferida. Odeio ver uma mulher chateada. Elizabeth levanta a mão, me pedindo para parar.

— Por favor... só vá embora. Obrigada por ter vindo. Eu... eu entendi muita coisa.

Solto todo o ar dos pulmões.

— Princesa... eu sinto muito.

Ela balança a cabeça.

— Não há necessidade. Obrigada. Adeus, sr. Ellis.

Eu me viro para sair. Quando já estou segurando a maçaneta, digo:

— Eu acho que você seria uma rainha adorável. Porém, mais que isso, imagino que seria uma ótima confidente para a sua irmã. Ela precisa de você agora, mais do que nunca. E, na minha opinião, nada é mais importante que a família.

— Talvez você esteja certo — ela sussurra enquanto eu fecho a porta.

Vou para o meu quarto com o coração pesado. Esta viagem está cada vez mais depressiva. Talvez Bo tenha razão... Talvez eu deva minimizar os prejuízos e voltar para casa. E ver Skyler.

Vê-la agora seria uma lufada de ar fresco, um bálsamo para minha alma.

Mas algo dentro de mim me mantém aqui. É como se eu tivesse que ajudá-los a fazer a coisa certa. Todos eles: Christina, Sven, Elizabeth... As duas famílias reais.

Por mais que eu odeie acreditar nisso, acho que todo mundo precisa de alguma ajuda. Se eu não ajudar... quem vai?

5

Estou morto. Ainda sinto o cansaço e o jet lag, sem falar que minha mente está um caos com tudo o que descobri hoje.

A princesa Elizabeth ia se casar com Enok, o herdeiro natural, até poucos meses atrás. Ele morreu em um trágico acidente e agora ela acredita que vai se casar com o irmão dele, que, por acaso, está apaixonado pela irmã dela. Isso é digno de um programa de barracos de família — nesse caso, família real. E Christina, que eu sei que é apaixonada pelo príncipe, está empurrando o cara para sua irmã. Ou ela não quer mesmo ser rainha, ou está fazendo um enorme sacrifício pela irmã, deixando de lado a própria felicidade com Sven para que Elizabeth seja a única coisa que já quis ser na vida.

Rainha.

Tiro a roupa e me aconchego só de cueca na nuvem de cobertores. Estou exausto. Esfrego a mão no rosto quando o celular toca na mesa de cabeceira. Pego o aparelho e vejo "Meu pêssego" na tela.

Sorrio e atendo, murmurando:

— A que devo o extremo prazer de...

— Eu consegui! — ela grita ao telefone. — E tudo por sua causa, Parker! Você, meu gostoso! — Skyler ri, e isso enche meu coração com uma alegria muito bem-vinda.

— Bom, eu vou concordar com a parte do gostoso, mas por favor não seja tímida e diga por que me acha tão gostoso.

— O Rick e eu nos encontramos no estúdio e passamos uma cena pela primeira vez.

Rick. *Argh.*

Ela continua:

— Estou estudando sem parar, portanto sabia as minhas falas de trás para a frente.

— Essa é a minha garota — incentivo, adorando a felicidade que ela exala.

— E adivinha só! — Skyler continua, toda animada.

— O quê? Estou me roendo de curiosidade — brinco.

— Eu consegui atuar. Melhor que isso... eu fui *bem*. Tão bem que o diretor bateu palmas no fim da cena e ficou entusiasmado com a química entre mim e o Rick. Ele disse que nós somos perfeitos juntos...

— Química? — interrompo sua narrativa com uma sensação de enjoo.

— Sim! Foi incrível! Eu não me sentia tão bem contracenando com um homem fazia muito, muito tempo, e graças a *você*!

Respire fundo, Park. Ela está falando de atuar. É o trabalho dela.

Além disso, não posso cobrar nada de Skyler. Ela é livre para fazer o que quiser, independentemente do que eu queira que ela faça.

Balanço a cabeça e aperto os dentes.

— Não, meu pêssego. É graças a *você*. Você fez tudo sozinha. Se dedicou a reencontrar a sua inspiração, trouxe de volta o seu amor pela arte. Você se preparou para viver a sua verdade.

— Sim, mas sem a sua ajuda eu acho que não conseguiria. — Sua voz vai se tornando sensual.

Meu pau percebe e fica duro, e eu o tiro da cueca, apertando-o firmemente, imaginando que é a mão dela.

— Se isso é verdade, como você vai demonstrar gratidão a um milhão de quilômetros de distância? — rosno.

Ela faz *hummm* baixinho.

— Onde você está agora? — pergunta.

— Na cama. Só de cueca. — Revelo a falta de roupa na esperança de que ela entenda e enlouqueça comigo por telefone.

— Humm... e o som da minha voz está fazendo ele ficar duro?

— Caralho, demais — gemo na linha, querendo mais de sua boca suja. Ela não fala muita sacanagem, mas, quando fala, é foda. Deixa meu pau trincando.

Ouço o som de uma porta se fechando e algo sendo arrastado.

— O que você está fazendo?

— Deitando na cama.

— Não é cedo para ir para a cama? — pergunto, passando a mão pelo meu membro firme, imaginando que ela já tirou a roupa e está deitada nua, aberta, pronta para mim, como estaria se eu estivesse lá.

— Nunca é cedo demais para ir para a cama quando estou com você — ela provoca.

Estou adorando cada segundo. Lambo os lábios, desejando que fosse a língua

dela no lugar da minha.

— É mesmo? E se eu estivesse aí nessa cama, o que você faria comigo?

Quero muito que ela entre no jogo.

Ela suspira fundo e baixinho. Eu conheço esse som. Lembro dele muito claramente. Significa que ela está passando as mãos pelo corpo, bem de leve. Ela adora um toque suave, uma carícia só da ponta dos meus dedos em sua pele. Faz ela se arrepiar inteira.

— Eu sentaria nas suas coxas, para você não poder se mexer, e esfregaria a minha umidade em você.

Que delícia de mulher.

— E...

— Eu passaria as mãos pelo seu peito, apertando os mamilos, te deixando louco de necessidade de ter a minha boca neles. Você pode fazer isso para mim agora? — ela pergunta.

Eu a coloco no viva-voz e deixo o celular em cima da barriga.

— Você está no viva-voz.

— Está fazendo como eu pedi?

— Claro que sim! Continue falando. O meu pau está duro por sua causa, Sky... Caramba, baby.

Ela geme enquanto eu aperto meus mamilos com força suficiente para me fazer gritar levemente.

— Ahhh, estou ouvindo. Quando você geme, Parker, é como se estivesse me chamando. Fico toda molhada...

— Jura? Muito molhada? — digo, apertando os dentes.

— Encharcada — ela murmura.

E eu perco a cabeça, arqueando no vazio. Ela me deixa louco.

— Estou passando as mãos pelos meus seios, beliscando os mamilos, fingindo que você está lambendo e mordendo, daquele jeito perfeito que você faz.

Sorrio enquanto desço a cueca até os joelhos. O telefone na minha barriga balança, mas fica ali.

— Mantenha as mãos em movimento, meu pêssego. Eu quero que você sinta como está molhada.

— Sim, mas só se você pegar o seu pau grande e duro e fingir que a minha mão está tocando nele. Meio tímida no começo, depois subindo, girando o polegar na cabeça, até você me presentear com uma gotinha do céu.

— Caralho!

Faço o que ela diz, fechando os olhos, imaginando que Sky está me tocando, se

inclinando, seu cabelo beijando meu peito e barriga enquanto ela lambe a gota na ponta do meu pau.

— Puta merda, Parker — ela grita.

— Você está se tocando, meu pêssego? Passando os dedos pela sua boceta escorregadia?

Puxo meu pau duro, arqueando os quadris com o esforço.

— Sim... — Sua voz é rouca, ofegante, como se estivesse correndo, mas eu sei o que ela está fazendo. Quando minha garota vai à loucura, ela se entrega. Sem barreiras, sem insegurança. Ela é livre, não tem vergonha de sua sexualidade.

— Enfie dois dedos lá dentro, Sky. Bem como eu faria. Gostoso e fundo.

Mantenho um ritmo constante em meu membro, para cima e para baixo. Lambo o polegar e o esfrego ao redor da ponta. Um raio de prazer atravessa meu pau até a virilha.

— Que delícia, meu bem... Eu queria que você estivesse aqui. — Ela suspira.

— Eu também.

— Vou gozar com os meus dedos imaginando que é você, Parker. Goza comigo... — Ela geme e sua voz se eleva. — Ah... meu bem, por favor...

— Eu adoro quando você implora, meu pêssego. Estou bem aqui com você, acariciando o meu pau, pronto para explodir com você.

— Sim, eu também. Estou qu-quase g-gozan... — ela gagueja pelo esforço.

— Passe dois dedos ao redor do seu clitóris quente, como eu faria.

Ela grita. Estou ofegante, meu membro tão duro que parece que vai explodir a qualquer momento. Minhas bolas pesam entre as coxas enquanto me agito ouvindo os ruídos que ela está fazendo.

— Parker! — ela grita.

Eu conheço esse som, está gravado em minha memória. Eu nunca poderia esquecer o som de Skyler Paige gozando.

Ela me leva à loucura, e eu aperto meu pau forte, como sei que sua boceta apertaria se estivesse montada em mim, cavalgando até o orgasmo.

— Caralho, Sky! — grito enquanto minhas bolas e todo o meu corpo se contraem, meus músculos se retesam em proporção máxima e o primeiro jato de porra jorra pela ponta. Continuo bombeando os quadris no ar, imaginando Skyler me cavalgando até eu acabar e me acabar.

Arrepios percorrem meus membros. Afasto o sentimento intenso, voltando ao quarto desconhecido, com sua opulência e decoração formal. Definitivamente, não é como o ninho de amor que eu curtia no apartamento de Skyler em Nova York.

Ela solta um *hummm*, fazendo meu pau se contrair.

— Tudo certo, meu bem? — pergunta.

— Mais que certo. — Eu rio e flexiono os dedos dos pés, deixando correr os últimos tremores de prazer. — Obrigado. Eu estava precisando disso.

— Eu também. Acho que vai ter que ser suficiente até a próxima vez que a gente se encontrar para reviver isso pessoalmente.

Ela ri baixinho. Suas palavras são um lembrete da distância entre nós. E é mais que só esta minha viagem a negócios. Quando eu voltar para casa, ela não vai estar lá. Talvez eu possa passar um dia ou dois em Nova York... A ideia é interessante. Será que é cedo demais?

Foda-se, não me interessa. Em minha névoa sexual eufórica, com o cérebro retardado pelo jet lag, deixo escapar meu desejo:

— Eu estava pensando em pedir para a Wendy trocar o meu voo para passar um dia ou dois em Nova York. Você estaria interessada em me hospedar?

— De verdade?

A ansiedade em seu tom de voz alivia minhas preocupações sobre ser cedo demais. Só preciso me deixar levar quando se trata de Skyler. É o que havíamos decidido, e parece ser o único caminho agora.

— Eu não teria dito isso, meu pêssego, se não achasse que era uma boa ideia.

— Mas tem que ser dentro dos próximos dez dias. Depois eu começo a filmar fora da cidade.

— Então acho que eu preciso me mexer e encerrar logo esse caso.

— Eu gostaria, Parker, gostaria muito. E você vai conhecer a minha nova equipe de segurança.

— Equipe de segurança?

Eu me sento, pego um punhado de lenços na mesinha de cabeceira e limpo a bagunça que fiz. Vou até o banheiro para jogar o papel no lixo e lavar as mãos. Estou cansado pra caralho e precisando cair na cama depois de gozar de um jeito tão fantástico, mas quero ouvir a voz dela.

Ouço o som da água correndo ao fundo.

— Sim! Eu contratei a Van Dyken Segurança. É um casal, marido e mulher. Eu aluguei o apartamento de três quartos embaixo do meu para eles. Nós já saímos, e eles são incríveis. A mulher, Rachel, é alguns anos mais velha que eu e totalmente durona. Ela disse que vai me dar aulas de crossfit e defesa pessoal! Não é demais?

Defesa pessoal. Sim. Um casal de guarda-costas, marido e mulher, o que significa que não vai haver um cara musculoso desejando Skyler... Maravilha. Mas não comento nada sobre isso.

— Parece ótimo.

— E o cara, meu bem, é enorme! Todo cheio de músculos e braveza, mas tem o coração mole. Trata a mim e à esposa como se fôssemos duas joias preciosas.

— Joias preciosas... Sky, ele precisa proteger você... — começo.

— Sim, é o jeito dele. Quando está com a mulher e comigo, ele é um doce. Pela cidade e fora de casa, é um pit bull profissional. É como se ele se transformasse em um super-herói.

— Um super-herói... Sky, tem certeza que você não passou tempo demais no mundo dos filmes de ação? — provoco.

— Cala a boca! É que ele é muito legal. E ela é superfofa, protetora. Vai comigo ao banheiro, ao provador e tudo o mais. Eles vão para o set, e ela fica comigo onde quer que eu esteja, enquanto ele circula pelos edifícios checando as pessoas, observando todo mundo. Eu já tive bons seguranças, mas esses dois levam o trabalho muito a sério.

— Como deveriam. Você é valiosa, meu pêssego. Mas não baixe a guarda. Fique atenta.

— Sim. Não vejo a hora de você conhecer os dois. E é muito bom ter com quem conversar. Eles não me tratam como se eu fosse uma grande celebridade, me tratam como amiga. É legal. Já faz tempo que eu não tenho pessoas que ficam por perto porque querem estar comigo.

Aperto os dentes até o queixo doer. Sinto vontade de dizer que os guarda-costas estão com ela porque ganham para isso, mas não quero frustrá-la. Ela está feliz, acabamos de fazer sexo excepcional por telefone e eu preciso dormir um pouco.

— Fico feliz por você. E, por mais que eu adorasse conversar a noite toda, já é tarde aqui e eu estou morrendo de sono. Além disso, alguém fez a fera tão feliz que ela finalmente relaxou.

— A fera — ela resmunga, contrariada. — O nome dele é grandão. Fale direito.

Eu rio e volto para a cama depois de limpar os rastros da nossa teletrepada.

— Você pode chamá-lo como quiser. Ele está feliz, eu estou feliz, e espero que você esteja feliz...

— Estou — ela sussurra.

Eu gostaria de passar os braços em torno de Skyler, aninhar o pau em sua bundinha e adormecer com ela colada em mim. Não durmo desse jeito desde que saí de Nova York, há mais de uma semana. Mas esta noite tenho a sensação de que vou dormir bem.

— Ótimo. Tenha uma boa noite. E parabéns pela atuação. Estou orgulhoso de você.

— Estou orgulhosa de mim também. A gente se fala logo?

— Logo.

— Sonha comigo — ela diz antes de desligar.

— Eu sempre sonho — sussurro para o quarto vazio.

Coloco o celular para carregar ao lado da cama e mergulho de cara no edredom macio.



Posso senti-la me olhando, mas não é *ela* que eu quero olhando para mim. Mais uma vez, abro os olhos para uma manhã brilhante, em um quarto desconhecido, e vejo Christina sentada em minha cama tomando café.

Skyler seria um bom motivo para acordar. Mas a princesa da pá virada... não muito.

— Bom dia, flor do dia — ela diz alegremente. — Talvez nem tão bom, já que você não está transando com o colchão e o chamando pelo nome da sua namorada...

— Ela não é minha namorada. E, afinal, por que você está aqui? — murmuro e deito de costas, coçando o peito.

Seu olhar acompanha o movimento e ela sorri.

— Quero saber como foram as conversas com o Sven e a minha irmã. Descobriu alguma coisa interessante sobre mim? — Ela leva a xícara aos lábios.

— E isso te interessa de verdade? — rebato, na tentativa de ver qual é seu estado de espírito. Se ela está aqui tão cedo, é porque tem algum interesse.

Christina levanta e vai para o carrinho de café; a calça justa abraça cada centímetro de sua bunda voluptuosa. O príncipe herdeiro escolheu bem. Nos pés, um par de sapatos de salto vermelho-cereja. O visual se completa com lábios pintados de vermelho e uma blusa de seda branca com um ombro caído. Minha kriptonita. Adoro mulheres com batom vermelho ousado. Ela está de cabelo preso hoje, o que é quase um pecado. Ela tem um cabelo lindo, e seu visual é arrebatador.

— Está gostando, sr. Ellis? — Ela sorri por cima do ombro enquanto serve uma xícara de café para si mesma e outra que espero que seja para mim.

Eu me sento com as costas apoiadas na cabeceira da cama.

— Você tem um corpo incrível, seria uma pena não admirar. E eu sei que o príncipe herdeiro adora também. Ele deixou isso bem claro ontem.

Ela levanta a xícara de café preto que serviu para mim, e vejo que suas mãos tremem um pouco. Por um momento fica parada, de costas para mim. Imagino que esteja respirando fundo, se acalmando para responder. Então se volta, já vestindo a

máscara de malvada.

— É mesmo? — diz, como se não estivesse atenta a cada palavra que pronuncio sobre o príncipe.

— Sim. Ele é louco por você. — Pego a xícara que ela me oferece, segurando-a antes que ela derrame o café.

— Ele disse isso ou você presumiu? Você sabe o que se diz sobre pessoas que presumem as coisas... — Ela tenta desviar o assunto.

Eu rio.

— São palavras dele, não minhas.

— Duvido muito que um homem na posição dele se entretenha com conversa de vestiário. — Ela faz uma careta e volta ao carrinho para pegar sua xícara.

— Antes de mais nada, não é no vestiário que um homem fala sobre a mulher por quem está apaixonado. No vestiário ele conta vantagem sobre a mulher que está pegando. Tem uma grande diferença entre uma e outra.

Ela dá de ombros.

— Bem, eu não acredito em você. Acho que está de conluio com a minha mãe, dizendo o que acha que eu quero ouvir, quando deveria convencê-la a fazer o Sven concordar em se casar com a minha irmã.

Bebo o café, mas o sinto amargo, ou talvez seja a conversa. Sabendo que só há uma maneira de fazê-la acreditar em mim, pego meu celular.

— Ué, cansou do nosso espirituoso papo matinal? — Ela ri, mas sem sinceridade.

— Ouça, princesa.

Aperto play para rodar a gravação que fiz de Sven ontem.

— *Fale mais sobre a Christina. Por que você quer se casar com ela?*

— *Além do fato de eu ser apaixonado por ela desde que nós éramos crianças?*

— *Sim.*

— *Ela é tudo para mim. Meu oposto perfeito. Ela equilibra os desafios da vida com seu riso, seu beijo, o jeito como me abraça, como se o sol nascesse e se pusesse com o nosso amor. Ela é a minha noiva de contos de fadas. A única mulher que eu vejo ao meu lado.*

— *E você acha que ela sente o mesmo por você?*

— *Sempre achei. Nunca duvidei do amor dela por mim e do nosso futuro juntos. Até que tudo mudou.*

— *Quando?*

— *Depois que o meu irmão morreu e eu me tornei herdeiro natural. É como se alguém tivesse apertado um botão e de repente ela mudasse. Começou a sair na noite, a me evitar, a criar distância entre nós.*

— E mesmo assim você ainda a ama?

— Eu sempre vou amar Christina. Ela é o ar que eu respiro. O perfume que eu necessito para encher os pulmões e conseguir dormir. A única mulher que eu imagino carregando os meus filhos. Se eu não puder ter herdeiros com ela, não quero ter nenhum.

— Vou fazer o meu melhor para tentar ajudar, mas, quando se trata de assuntos do coração... Não podemos ter certeza de como ela vai responder. Estou tentando chegar à origem dessa mudança repentina.

— Espero que você consiga, sr. Ellis. Parker, quer dizer. Eu não quero trilhar esse caminho sozinho, mas é o que vou fazer se não puder ter Christina comigo.

— É isso. — Clico para interromper a gravação.

As mãos de Christina tremem quando ela pousa a xícara de café e aperta os dedos, retorcendo-os antes de começar a andar pela sala.

— Eu... eu... sabia que seria difícil. Para nós dois... Mas eu nunca... — Suas palavras desaparecem quando as emoções a dominam.

— Nunca o quê? — encorajo-a a pôr tudo para fora. Para que diga de verdade o que está passando.

Ela balança a cabeça.

— Nunca pensei que ele escolheria ficar sozinho. Ele não é o tipo de homem que pode ficar sozinho. Tem muito amor e um coração bom. Ele precisa compartilhar isso, senão...

— Senão?

— Ele vai ser infeliz. — Suas palavras saem revestidas de tristeza.

— Ele não quer ficar sozinho, Christina...

Ela limpa a garganta e sua fachada volta ao lugar. Christina se vira para mim e põe as mãos na cintura.

— É por isso que eu quero que ele fique com a Lizzie. Ela é a escolha certa. Vai ser a rainha perfeita — diz, como se estivesse tentando convencer a si mesma, tanto quanto a mim.

— Ele não quer uma pessoa para ostentar um título, princesa. Ele quer você!

— Ele não pode ficar comigo! — ela grita.

— Por que não? — pressiono.

— Porque eu não sou a pessoa certa para ele!

A dor vai enchendo o ambiente a cada respiração dela.

Quase engasgo com a réplica, mais furioso a cada segundo.

— Nisso talvez você tenha razão. Ele precisa de uma mulher que não seja egocêntrica e focada só em suas próprias necessidades — solto, sarcástico.

— Você não sabe nada sobre mim! — Sua voz é letal, pronta para atacar com

fúria peçonhenta.

— Não, princesa. Eu só conheço a mulher que os paparazzi mostram.

Ela franze a testa e olha para longe, recomeçando a andar de lá para cá.

— Ele precisa seguir em frente, para o seu próprio bem. A Lizzie vai fazer tudo certo. Ele nunca vai receber uma crítica com ela ao lado. A minha irmã vai deixá-lo orgulhoso. Ela é a mulher certa para essa tarefa.

— Só tem um problema com o que você está dizendo — afirmo.

Ela se detém e me encara com os olhos cheios de confusão, irritação e tristeza.

— Ele não quer a mulher certa para *tarefa* nenhuma. Quer a mulher certa para *ele*.

6

— Pode entrar, sr. Ellis — diz a princesa Mary, minha cliente, quando paro diante da porta aberta de seu escritório.

Entro no gabinete real e percebo como seu espaço de trabalho é diferente do meu. Enquanto a International Guy tem linhas planas, arquitetura arejada e um visual monocromático, o gabinete dela é repleto de filigranas de ouro, padrões entrelaçados, estantes lotadas de livros empoeirados de parede a parede e uma atmosfera escura como uma caverna. Ali, para mim, seria mais fácil deitar no divã e tirar um cochilo do que trabalhar. No entanto, com base na maneira como a princesa está revisando documentos em sua mesa, ela não parece ter esse problema.

— Como posso ajudá-lo, sr. Ellis?

Descanso as mãos no encosto de uma das cadeiras estofadas, em vez de me sentar. Não pretendo ficar muito tempo. Francamente, essa mulher me deixa desconfortável. Ela me faz lembrar de quando eu era mandado para a sala do diretor na escola.

— Estou tentando localizar a princesa Christina. Normalmente eu a encontro de manhã cedo. — E não é mentira. Christina tende a ultrapassar os limites entrando no meu quarto de manhã sem ser convidada, mas não preciso compartilhar essa informação com sua mãe. É estranho que na última semana eu só tenha cruzado com ela na hora do jantar.

A princesa abaixa uma pasta e cruza as mãos sobre o colo, me dando toda a sua atenção.

— Ela faz trabalhos de caridade e voluntariado durante o dia. — Uma leve carranca macula suas feições bonitas. — Pensei que você já soubesse disso. Não está seguindo a minha filha?

Balanço a cabeça.

— Não no momento. Eu estive em contato com o príncipe herdeiro, os empregados e a sua outra filha, Elizabeth, para formular minhas próprias opiniões sobre a situação que a senhora me apresentou. Então a Christina faz trabalhos de

caridade?

Ela assente.

— Sempre fez. Faz trabalho voluntário todos os dias. Questões femininas, o orfanato, o hospital... — Ela agita a mão e puxa uma pasta a sua frente. — Henrik pode lhe dar os detalhes, pois é ele quem a leva aos lugares.

— E por que essa informação não é de conhecimento público? — pergunto.

A princesa suspira.

— Provavelmente porque a minha filha é ótima em guardar segredos. Ela não compartilha essas informações com ninguém. Foi o príncipe herdeiro quem me contou há algum tempo sobre as atividades reservadas de Christina.

— E, ainda assim, a sua preocupação é que ela possa estar manchando o nome da família Kaarsberg por sair e se divertir como qualquer moça normal de vinte e poucos anos...

A princesa se levanta abruptamente.

— Sr. Ellis, a minha filha não é uma moça *normal*. Ela é da realeza. Tudo o que ela faz é alimento para a mídia. As atividades noturnas dela são impróprias e chamam a atenção da imprensa. As fotos têm sido péssimas. Agora me diga: o que você tem feito para ajudar a resolver esse problema?

— A princesa saiu à noite desde que eu cheguei? — Sorrio. Ela estreita os olhos. — Exatamente — prossigo. — Essas coisas levam tempo, e eu só estou aqui há alguns dias. A Christina sabe que estou observando, esperando nos bastidores. Desde a minha chegada, a princesa não saiu à noite, coisa que, pelo que entendi, é uma pausa significativa nas atividades dela.

Ela franze os lábios e ergue uma sobrancelha.

— É verdade. Por favor, faça com que esse novo comportamento se torne permanente.

Balanço a cabeça e tento segurar o que realmente gostaria de dizer, porque é possível que ela me demita, e eu quero de verdade ajudar Christina.

— Veja, alguma coisa está acontecendo com a princesa Christina. Eu conversei com o Sven e a Elizabeth. O Sven não vai se casar com outra mulher. Ele é loucamente apaixonado pela Christina.

— Sim, eu estou ciente das afeições dele.

— E, ainda assim, a senhora encorajou a Elizabeth a assumir o papel de rainha se casando com o irmão do falecido noivo dela.

A princesa Mary aperta a mandíbula e seu rosto fica rosa-escuro.

— Elizabeth foi preparada a vida inteira para ser rainha. Faz todo o sentido que ela assuma esse papel. Infelizmente, depois de repetidas tentativas de convencer Sven

a ouvir a voz da razão, ele continua negando esse fato. Foi por isso que você foi chamado, sr. Ellis.

Aperto forte o encosto da cadeira, até meus dedos ficarem brancos.

— A Christina está convencida de que a irmã dela seria uma rainha melhor — digo.

— E seria mesmo. — Mary é categórica, sem remorso algum.

Respiro fundo, mais uma vez tentando aplacar minha ira.

— Imagino que, se a pessoa passa a vida inteira ouvindo que a irmã dela deve ser a rainha, que ela mesma seria terrível nesse papel, e de repente surge o momento em que essa pessoa tem de assumir tal posição, ela recusaria.

— Sendo assim, parece que você tem um desafio à frente, sr. Ellis. Sugiro que não perca mais tempo — ela diz, me dispensando como se estivesse espantando uma mosca.

— Obrigado, princesa — digo apertando os dentes, dou meia-volta e saio em busca de Henrik.

~

— De segunda a quarta-feira a princesa Christina fica no Rigshospitalet... — Ele pronuncia a palavra tão rápido que mal consigo ouvir. — O hospital principal — reitera em inglês. — Às segundas ela geralmente está na ala de câncer. Passa um tempo com mulheres e homens que estão lutando contra a doença ou crianças que precisam se divertir um pouco. Às terças ela fica com as pessoas no centro de diálise, lendo, conversando e brincando com os pacientes. Às quartas ajuda na maternidade, seja segurando a mão da parturiente, auxiliando as enfermeiras, ninando os bebês ou sendo apenas um ombro amigo para as pacientes que perderam o filho. Eles olham para ela como uma princesa, e ela os faz se sentir melhor. Todos eles.

Inspiro profundamente, absorvendo as informações enquanto Henrik me leva ao hospital.

— E às quintas e sextas?

— Às quintas ela vai a uma casa de repouso.

Bufo.

— E às sextas? O que a santa Christina faz às sextas-feiras?

Ele sorri.

— Costuma visitar os abrigos de sem-teto. Deixa comida para eles e ajuda com quaisquer necessidades.

Sorrio e pego meu telefone para ligar no celular de Wendy, sabendo que é muito cedo para falar com ela no trabalho. Preciso que ela faça uma coisa imediatamente.

— Sr. Ellis, por que a minha mulher está sendo contatada tão cedo? — diz o homem que atende o celular de Wendy. Direto, claro e conciso.

Sir Mick, presumo.

— Posso falar com ela?

— Ela está meio *enrolada* agora. Como podemos ajudá-lo? — Há certo humor em seu tom, mas não muito. O sujeito é curto e grosso.

Enrolada. Desconfio de que está mais para *amarrada.*

Sabendo que é muito cedo em Boston — por volta das seis da manhã — e conhecendo seu estilo de vida, eu me remexo no banco de couro pensando em como adoraria ver Skyler amarrada na cama. À minha mercê.

Porra, as coisas que eu faria com o corpo dela...

Minha temperatura sobe, e uma camada de suor cobre minha testa conforme minha mente me fornece flashes de Skyler em todo tipo de poses sacanas.

Limpo a garganta.

— Preciso que ela reserve um voo para o Bo hoje, o mais cedo possível, para me encontrar aqui em Copenhague. Preciso dele aqui o mais rápido possível, com o equipamento fotográfico, incluindo as lentes de longo alcance, para tirar fotos de longe.

— Gatinha... você precisa reservar um voo para o sr. Montgomery — ele repete o que eu disse como se ela estivesse sentada a seu lado.

Aparentemente, estava certa a minha conclusão de que ela está fisicamente amarrada.

— Considere a sua solicitação atendida, sr. Ellis. Mais alguma coisa?

— Não. Só agradeça a ela.

— Sem dúvida. Até logo.

— Tchau.

Desligo e sinto um arrepio. Sujeito estranho. Bem formal, o que é um contraste completo com Wendy. Ela é uma pessoa livre, divertida e aberta. Seu namorado aparenta ser exatamente o oposto.

Parece que a minha ruivinha tecnológica está desabrochando. Não vejo a hora de implicar com ela por não ter podido atender minha ligação. Esse é um dos requisitos do cargo: receber ligações a qualquer momento. E nós não abusamos disso. Se bem que o namorado dela não disse para eu não ligar, só me fez falar por meio dele. Mais uma vez, esquisito.

Henrik para o carro em frente ao hospital enquanto afasto o pensamento da minha assistente e seu relacionamento peculiar.

— Oncologia? — confirmo com ele.

— *Ja*. — "Sim" em dinamarquês. — Pronuncia-se *onkologi*. — Ele diz a palavra em sua língua nativa e a soletra.

É parecida o suficiente para eu entender, mas, quando repito, sai completamente diferente do que Henrik disse. Ele assente como se estivesse correto, mas repito algumas vezes mentalmente e também baixinho, para não falar errado, e entro no hospital.

Imediatamente vejo um balcão de informações e agradeço ao bom Deus porque a moça fala inglês perfeitamente. Não só isso: ela é jovem e impressionável. Depois de alguns sorrisos, consigo que a doce recepcionista me acompanhe ao departamento de oncologia.

Enquanto ela caminha a minha frente pelos longos corredores, observo sua bunda, empinada e exuberante. Eu lhe daria um oito. Ela está de tênis, e seu rabo de cavalo loiro balança quando vira para mim. Pega uma mecha de cabelo e a gira nos dedos.

— Hum, aqui é a oncologia, e é ali que os voluntários se apresentam — diz, apontando para uma mesa no centro.

Pouso a mão em seu cotovelo, me inclino na direção de sua orelha e sussurro:

— *Tak*.

Ela estremece visivelmente.

— De nada. — E dá uma risadinha.

Aperto de leve seu braço e vou em direção à mesa antes de ouvi-la gritar:

— Parker?

— Sim? — Eu me volto para ela.

A garota está com um pé para trás, balançando o calcanhar, ainda girando o rabo de cavalo nos dedos, só que mais rápido.

— Hum, se você quiser... humm... conhecer a cidade, vai ser um prazer te mostrar tudo por aí.

Ela é nova. Muito mais nova que eu. Provavelmente perto dos vinte, enquanto eu estou próximo dos trinta. Antes eu não pensava que a idade de uma mulher fosse importante, contanto que tivesse mais de dezoito. Mas agora, chegando aos trinta, acredito menos nessa lógica. Prefiro mulheres um tantinho mais velhas, mais próximas da minha idade, com um pouco mais de experiência de vida.

— Eu estou aqui a negócios, mas, se precisar de uma guia turística... — dou uma piscadinha — ligo para o balcão de informações do hospital.

Ela sorri largamente e se endireita. A inquietação some, e a garota feliz e confiante permanece.

— Tudo bem! — E se afasta saltitante, definitivamente animada.

— O que você está fazendo aqui? — ouço atrás de mim, em um tom abafado e crescente.

Quando viro, fico cara a cara com Christina.

— Olá, princesa. Acho que a pergunta é: o que *você* está fazendo aqui? Fazendo voluntariado? Ajudando os necessitados? — Esfrego as mãos. — Isso não combina exatamente com a sua reputação de festeira, não é?

Seus olhos disparam flechas enquanto me encaram.

— Eu sabia que você ia ser um problema.

Dou risada.

— Um problema? Já me chamaram de muitas coisas, mas disso é a primeira vez. Até que eu gosto — digo, sorrindo.

— Afff. Você me cansa.

Ela dá meia-volta e se dirige à mesa do voluntariado. Uma negra bonita a cumprimenta em dinamarquês, depois diz um monte de coisas que eu não entendo antes de lhe entregar um bloco de notas pautado amarelo. Posso ver nomes e números de quarto escritos.

— O que é isso? — pergunto, apontando para o bloco e a seguindo.

— Pacientes que eu preciso visitar — ela responde, sucinta.

— Mas você não é médica. — Cutuco seu braço de brincadeira, querendo que ela admita o que está fazendo.

Ela resmunga, para no primeiro quarto da lista e me encara.

— Ouça, sr. Ellis, essas pessoas não precisam ser envolvidas nisso — diz, apontando para si mesma e para mim. — A maioria está bem doente e não tem ninguém com quem contar. Por favor, não traga a minha vida particular para o meu trabalho. Esses pacientes precisam de mim.

Seus olhos azuis brilham com lágrimas não derramadas, com uma emoção poderosa que me atinge exatamente onde deveria. No estômago.

— Você se importa se eu observar?

Ela expira alto antes de dizer lentamente:

— Tudo bem. Mas não me atrapalhe.

— Pode deixar. — Faço uma cruz sobre o coração, e ela revira os olhos.

— Eu sei que vou me arrepender — murmura e abre a porta. — Olá, sr. Jepsen. Quais são as estatísticas do futebol hoje? Estou louca para saber se o Copenhague ganhou do Vestsjalland.

Fico surpreso ao ouvi-la falar em inglês, e o paciente responde no mesmo idioma.

— Quem é esse jovem? — pergunta o sr. Jepsen, acenando com o queixo para mim.

— Ele... — ela faz uma careta, como se eu estivesse fedendo — é um voluntário novo.

O homem assente, depois tosse muito, tanto que parece que seus pulmões estão prestes a sair pela garganta. Ela dá uns tapinhas nas costas dele e passa a mão para cima e para baixo, lhe entregando um pano que pega na mesinha aos pés da cama.

— Tente respirar superficialmente, de leve.

Christina cuida do sr. Jepsen enquanto eu fico em segundo plano, observando-a. Ela é maravilhosa com ele, e a gratidão está estampada em cada pequeno sorriso, toque de mão e palavra de adoração que ele lhe dá.

Visitamos mais um punhado de pacientes, cada um pior que o outro. Quando chegamos a uma idosa que é sozinha e, de acordo com os médicos, está prestes a dar o último suspiro, Christina segura a mão da mulher, se senta ao seu lado e canta uma música para ela, uma melodia suave em dinamarquês que me faz lembrar de "Noel", uma canção de Natal americana.

Sentindo-me um intrometido, saio do quarto e fico no corredor, para lhes dar privacidade. Depois de meia hora, vejo o médico e a enfermeira entrarem e Christina sair com lágrimas rolando pelo rosto.

— Ela... — pergunto, com a garganta seca e a voz rouca.

A princesa assente.

— Sim, ela se foi.

— Christina... sinto muito. Você a conhecia bem?

Ela balança a cabeça, com uma expressão triste.

— Não. Eu a visitei algumas vezes, mas ela não podia falar.

— Entendo.

Deixo o silêncio crescer entre nós enquanto a sigo pelos corredores, até os elevadores e para fora do hospital. Henrik deve ter nos visto sair, porque em dois minutos o carro está parado diante de nós. Discreto demais.

Antes de entrarmos no carro, pego a mão de Christina e a aperto.

— O que você fez por ela pouca gente faria. Estar presente quando alguém morre é muito altruísta. — Ela não diz uma palavra, mas as lágrimas marejam seus olhos mais uma vez. — Tem alguma coisa que eu possa fazer?

Ela apoia a mão no carro e olha para mim.

— Sim, você pode me embebedar.

— Para alimentar a mídia? — pressiono.

A princesa aperta os lábios e levanta o queixo.

— Não. Por mim. Por nós. Pela Beatrice.

— Era esse o nome da mulher?

— Era — ela responde com a voz rouca, e isso machuca meu coração.

Precisando suavizar o clima, sorrio e abro a porta para ela.

— Tudo bem. Pela Beatrice. — Inclino o corpo para entrar no Audi. — Henrik, nos leve para um bar discreto e isolado onde a princesa não tenha sido vista pela imprensa.

— Sim, senhor.



O silêncio domina o carro enquanto seguimos para o City Pub. O bar não fica muito longe do hospital, o que é bom. A necessidade de beber alguma coisa está pulsando em meu peito. A dor de Christina, que se propaga em ondas, é palpável, e preciso ajudar a aliviá-la.

Sentamos a uma mesa nos fundos, a meu pedido. O lugar está praticamente vazio: há apenas duas pessoas sentadas nas banquetas do longo balcão. O pub é pequeno, escuro e perfeito para escapar depois do dia que tivemos.

— Não sei como você faz isso — afirmo no segundo em que nos sentamos, precisando atenuar o peso entre nós.

Ela dá de ombros e joga o cabelo comprido para trás. O barman pega nossos pedidos e rapidamente traz uma cerveja e uma dose de Jameson para cada um. Ergo meu uísque e brindamos.

— A Beatrice. Que ela descanse em paz.

— A Beatrice — Christina repete, e nós dois viramos a dose.

Empurro o uísque com um gole de cerveja. Está gelada e gostosa pra caralho.

— Então, princesa, agora que estamos aqui sozinhos, que tal me contar por que você faz o que faz?

— Você quer dizer na noite?

Uma risada escapa dos meus lábios.

— Não, o voluntariado. O Henrik disse que você trabalha como voluntária todo dia... em segredo.

Ela franze a testa e bebe sua cerveja.

— Não é da conta de ninguém o que eu faço durante o dia. A minha família é

milionária, o que significa que eu tenho muito dinheiro nas mãos. Eu me formei na faculdade, mas não há nada com que eu queira trabalhar. E eu gosto de ser voluntária.

— Por quê?

— Porque as pessoas que eu visito precisam de mim. Ninguém mais precisa de mim.

Ela passa o dedo na borda do copo antes de desviar o olhar e beber mais um gole de cerveja. Então ergue o copinho vazio para o barman.

— Acho que nós vamos precisar de mais uma dose.

— Ah, meu Deus. — Rio.

— Está com medo de manchar a sua reputação... ou a minha?

— A sua já azedou, princesa. Além disso, eu deixei o Henrik de vigia contra os paparazzi. Se ele suspeitar que a imprensa está aqui, vai me ligar e levar o carro para a saída dos fundos. Nada de publicidade negativa esta noite, querida, desculpe — digo, fingindo uma carranca.

O barman nos serve mais duas doses de uísque.

Ela sorri largamente.

— Então beba.

— Senhor, estou perdido — murmuro e viro o segundo uísque da noite.

7

Pelo amor de tudo o que é mais sagrado, minha cabeça está latejando. Gemo e rolo na cama, entre a nuvem de cobertores, enquanto me aconchego em seu pescoço quente.

— Humm, meu pêssego — murmuro contra a pele macia onde grudo o nariz.

Passo o braço em volta de sua cintura e colo o corpo em suas costas, permitindo que as fissuras da minha dor de cabeça se dissipem quando começo a cair no sono de novo.

Inalo profundamente, na expectativa de que seu cheiro de pêssego com chantili acolha meus sentidos e me leve de volta a um lugar mais feliz. Mas sou assaltado pela fragrância floral que entra pelas minhas narinas. Um segundo antes de eu abrir os olhos para investigar, o corpo quente gira nos meus braços e murmura:

— Bom dia, Sven. — Seu hálito quente toca minha bochecha.

Essa voz...

Não é Skyler.

E tenho certeza de que não sou Sven.

— Princesa? — grunho.

Abro os olhos, e o sol da manhã lança espinhos diretamente em minhas retinas. Minhas têmporas disparam pulsações para o crânio enquanto tento desesperadamente descobrir o que aconteceu.

Nós nos encaramos a dez centímetros de distância. Lentamente, como se tivéssemos medo de nos mover muito depressa, vamos nos distanciando um do outro.

— Ah, não... — ela sussurra.

— Que porra é essa? — digo e me sento.

Minha cabeça grita, revoltada com o movimento tão rápido.

O cobertor cai, e fico imensamente aliviado ao ver que ainda estamos com as roupas da noite passada. Ela está com a mesma blusa preta de manga comprida e decote V, e eu com a camiseta que usava sob a camisa.

Olho em volta e percebo que estou no meu quarto de hóspedes, mas o que ela está fazendo aqui?

Flashes da noite passada começam a aparecer em minha psique, como um daqueles brinquedos de plástico em que você insere a roda do filme no mecanismo e usa o dedo para puxar a alavanca e ver a imagem mudar.

Enchendo a cara de Jameson.

Saindo do bar às gargalhadas.

Henrik nos trazendo de volta ao castelo enquanto jogávamos uma versão distorcida de Fusca Azul, gritando bem alto toda vez que víamos um BMW. E foram muitas.

Henrik nos deixando na porta da frente.

Nós dois tentando não fazer barulho enquanto vínhamos para o meu quarto, trombando com as paredes e rindo histericamente.

Entrando no meu quarto e deitando na cama...

Então tudo fica preto.

— O que eu estou fazendo na sua cama? — ela pergunta, deslizando para fora das cobertas, felizmente ainda de legging.

Faço o mesmo e percebo que estou de calça. Graças a Deus. Passo as mãos pelo meu rosto cansado e balanço a cabeça.

— Não sei. Ficou tudo meio embaçado depois que entramos em casa. A boa notícia é que ainda estamos vestidos, o que significa que não fizemos nada sujo.

— Sujo? — ela diz, com as mãos na cintura. — Você teria muita sorte de me levar para a cama. Eu percebo o jeito como você me olha.

Rio alto, mas me arrependo instantaneamente quando minha cabeça lateja.

— Você é uma mulher linda, tem um corpo incrível. *Todo* homem olha para você. Se não olha, é porque é gay.

Ela franze os lábios e passa a mão pelo cabelo comprido desgrenhado. Pelo menos seus lábios não estão inchados, o que significa que provavelmente não nos beijamos na noite passada. Essa seria a última coisa de que eu precisaria agora. Especialmente porque estou planejando passar uma noite ou duas com a minha linda atriz assim que sair da Dinamarca.

A princesa aponta para a cama.

— Não me sinto como se tivesse feito nada além de dormir. Você não me atrai desse jeito.

Uso as palavras dela.

— *Pfff!* Você teria muita sorte se eu te levasse para a cama. Acredite, princesa, eu sou bom demais nisso.

Ela revira os olhos.

— Não importa, eu nunca vou saber. O único homem com quem já estive é o Sven, e não tenho vontade de ficar com mais ninguém — ela diz sem pensar, sem perceber o que acabou de revelar.

Corro para o lado dela no quarto.

— Eu sabia! Você ainda é louca pelo príncipe herdeiro, e acabou de admitir.

Seu rosto assume uma expressão de vazio e tédio.

Balanço a cabeça.

— Nada disso. Você não vai escapar. Você quer ficar com o Sven. Acabou de admitir que ele é o único homem que você deseja. Então diga, princesa. Por que está evitando o cara? Por que está machucando o coitado?

Ela cruza os braços.

— Eu nunca quis machucá-lo. É que... é melhor assim.

— Melhor para quem?

Noto que Christina está lutando contra suas emoções. Seus olhos lacrimejam, mas ela não permite que as lágrimas caiam.

— A minha irmã vai ser uma rainha perfeita. Ele tem que se casar com ela.

É impossível controlar o resmungo longo e cansado que solto em resposta.

— Ele não quer a sua irmã! Eu já te provei isso. Ele te ama, Christina, quer você do lado dele. Por que não se permitir uma vida feliz juntos?

Ela retesa a mandíbula e franze a testa.

— Eu nunca vou ser a rainha de que ele precisa. Eu iria envergonhá-lo, eu não conheço as regras. Sou muito egoísta. Não pareço em nada com uma princesa de contos de fadas — diz, erguendo as mãos e indicando seu corpo da cabeça aos pés. — O Sven precisa de uma mulher que possa estar do lado dele e conduzir com ele a monarquia. Que seja o exemplo perfeito para a família dele, que honre o seu legado como rei. Eu não sou boa o suficiente. Nunca vou ser boa o suficiente! — Sua voz sobe e desce com as emoções, e então, como um furacão atingindo a costa, as lágrimas por fim rolam.

Puxo Christina para os meus braços, sentindo que ela precisa de apoio.

— Princesa, ele não quer a rainha perfeita. Ele quer ser feliz. O Sven é um homem apaixonado e quer se casar com a mulher com quem se vê passando o resto da vida. Tudo o mais vai se encaixar. Você pode aprender a ser uma boa rainha, se bem que eu acho que você não está se dando o devido valor.

Ela agarra minha camiseta e soluça em meu peito. Eu estreito os braços e simplesmente permito que ela desabafe.

— Por que você não acredita que o Sven sabe o que quer, o que precisa? Querida, ele escolheu você. Agora é hora de você o escolher, *assumir o seu futuro*, ser

a mulher que dá um tapa na cara do medo e pula para a vida de braços abertos. Ela não vai deixar você cair, prometo que não. — Beijo o topo de sua cabeça.

— Eu tenho tanto medo de estragar tudo... E se eu falhar?

Passo os dedos pelo seu cabelo.

— Querida, e se você for bem-sucedida?

Ela balança a cabeça.

— Eu nunca deveria ter que escolher essa vida. Era para sermos o Sven e eu, felizes como príncipe e princesa, sem nunca ter que assumir reino nenhum. O plano sempre foi que o Enok e a Elizabeth seriam os futuros rei e rainha. Nós não queríamos isso.

— A vida é uma droga às vezes — digo, pousando a mão em seu rosto. — Merdas acontecem, e nós temos que aprender a nos adaptar. A crescer, mudar.

— A assumir o nosso futuro? — ela repete o mantra.

Sorrio abertamente.

— Isso mesmo. A vida não é fácil. Nem acho que deva ser. Se tudo fosse fácil, não saberíamos apreciar as coisas boas quando elas aparecem.

Ela funga e outra lágrima rola pela sua bochecha. Eu a enxugo com o polegar.

— Eu não sei o que fazer. — Sua voz treme.

— O que o seu coração está lhe dizendo? — pergunto, acreditando que ela fará a escolha certa. Que vai sair dessa depressão, perceber que pode fazer qualquer coisa que desejar e ir atrás do seu homem.

Seu semblante desmorona diante de mim, e nesse exato momento sei que tudo o que eu disse perdeu para suas emoções.

— Ele está me dizendo para deixar o Sven ser o rei que ele precisa ser. Para eu me afastar e permitir que ele desenvolva todo o seu potencial. Para eu deixar a minha família orgulhosa.

— Christina...

Ela cobre a boca com o braço e mais soluços escapam.

— Não, eu não posso fazer isso. Seria egoísmo querer ficar com ele... — Então arfa, dá meia-volta e corre para a porta.

— Christina, espera! Vamos conversar sobre isso! — grito enquanto ela abre a porta.

Mas então ela para abruptamente.

— Oi, linda. — Bo sorri, apoia a mão no batente e se recosta ali.

A princesa mal ergue os olhos antes de passar por ele e sair correndo. Suspiro e sento pesadamente na cama bagunçada.

— Merda! — Agarro meu cabelo, aumentando a dor de cabeça. Porra, eu

preciso de um analgésico.

Bo entra no quarto, batendo suas botas de motociclista no velho piso de madeira.

— Parece que eu interrompi uma incômoda conversa pós-transa. — Ele puxa o ar por entre os dentes e estremece.

— Não, nada disso. Eu não transei com ela — resmungo.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Não? Por quê? Ela é muito gostosa. Eu teria jogado aquela mocinha na cama em um segundo.

Às vezes, ver um dos nossos melhores amigos pode ser a coisa mais irritante do mundo. É a situação agora.

— Bo, ela não é uma "mocinha". Ela é a princesa louca que eu preciso domar.

Ele alisa o cavanhaque.

— Bom, considerando que você não levou a garota para a cama, definitivamente ela não foi domada. — E sorri descaradamente. — Não estou entendendo.

— Senta. Toma um café que eu te conto tudo. Aliás, tem ibuprofeno aí?

Ele ri, tira a mochila que leva no ombro, joga-a no sofá e pega um frasco, que lança para mim e eu capturo na palma da mão.

— Valeu.

— Eu sempre carrego comigo — explica, se dirigindo ao carrinho de café.

Ele me serve café preto — sabe que eu gosto assim — e me entrega só a xícara, sem pires. Engulo os comprimidos com um gole da bebida quente.

Então ele serve uma xícara para si, volta até a mochila e pega duas garrafinhas de uísque. Verte uma delas no café dele, vem até mim e põe um pouco no meu.

— Confie em mim. Um pouco de álcool para rebater a ressaca e três comprimidos desses, e você vai estar como novo em breve.

Assinto e tomo um gole da bebida turbinada, permitindo que o uísque aqueça meu estômago.

— Agora me conte o que está acontecendo no Castelo Kaarsberg. A Wendy não sabia de nada, só me deu as passagens e me mandou trazer o equipamento fotográfico.

Já com os pensamentos em ordem, olho para um dos meus melhores amigos esperando desesperadamente que ele possa me ajudar a consertar as coisas.

— Vamos lá. Vou te contar tudo.

Dois dias depois, sem mais nenhum desentendimento com a princesa, meu plano funciona perfeitamente.

— Você fez contato com os paparazzi para as duas primeiras levas de fotos?

Ele concorda.

— Foi baba. Eu prometi um acordo pelas fotos, desde que elas sejam publicadas quando nós decidirmos. Eles não vão precisar fazer merda nenhuma e vão ter fotos inéditas da princesinha selvagem fazendo seu trabalho secreto de caridade. A primeira já deve ter saído. A próxima vai ser à tarde. E a de hoje vai sair amanhã cedo.

Sorrio enquanto nos dirigimos à casa de repouso. Minha parte foi garantir que os locais que ela ajuda sejam mencionados. Se o público em geral souber que um dos membros da realeza está doando tempo, dinheiro e esforços para essas causas, isso pode resultar em mais doações por parte da população.

Bo esconde a câmera na bolsa e começa a conversar com um dos idosos. A princesa Christina provavelmente não vai reconhecê-lo, já que estava emocionalmente abalada quando eles se cruzaram pela primeira vez. Além disso, ela não espera que ele tire fotos dela escondido.

O que os olhos não veem o coração não sente — espero. Quando se trata dessa mulher, que afirma ser egoísta, mas na verdade é uma das pessoas mais altruístas que eu conheço, escolho o caminho do tapa de amor. Ou, nesse caso, de amizade. A princesa acha que não é digna do rei, independentemente de seu amor por Sven. Está disposta a abrir mão do próprio futuro para que ele assuma seu papel. Já falei com Sven várias vezes; o príncipe herdeiro me liga todo dia para saber se consegui convencer sua futura noiva.

Tudo isso é muito triste. Duas pessoas que querem ficar juntas arriscando a própria felicidade para proteger uma à outra. Sven escolhendo ficar sozinho se não puder ter Christina. E Christina escolhendo deixá-lo para que ele seja o rei que ela acha que só poderá ser sem ela.

Sorrio pensando em meu plano incrível.

Meu telefone zune, revelando que tenho uma mensagem. É um e-mail de alerta para o nome Christina Kaarsberg.

A notícia diz: “Santa princesa Christina — sua vida secreta de caridade”.

Isso vai ser muito bom.

Bogart e eu mal chegamos à sala de recepção do Kaarsberg Slot na manhã seguinte quando Christina ataca, batendo três jornais diferentes em meu peito.

— O que você fez?! — ela grita.

Sua mãe está atrás, com um sorriso mal disfarçado adornando os lábios.

A mãe da princesa feliz? Chocante.

— Só você sabia! Eu faço isso há anos em segredo. *Anos!* — Christina exclama.

Bogart passa por nós e segue direto para a princesa mãe, toma sua mão e a beija, inclinando a cabeça.

— Finalmente nos conhecemos, princesa Mary. Eu não fazia ideia de que a senhora era tão estonteante pessoalmente — murmura.

Aperto os dentes, mas deixo que ele tente encantá-la.

Ela se empertiga, ficando mais alta — não que eu imaginasse isso possível. A princesa Mary parece que tem sempre um cabo de vassoura enfiado na bunda; sua postura nunca relaxa. Nem um pouquinho.

— Como vai, sr. Montgomery? — ela cumprimenta, mais suavemente do que fala comigo.

Balanço a cabeça. Maldito Bo, capaz de encantar qualquer uma.

— Por que você fez isso comigo? — Christina vocifera, andando de um lado ao outro da sala, seu cabelo escuro fluindo atrás dela em ondas macias. Suas faces estão rosadas, provando que a raiva lhe cai bem.

Pego os jornais e leio as manchetes.

Santa princesa Christina — sua vida secreta de caridade

Princesa Christina, não tão levada, afinal

A filantropa real

— Gostei desta aqui. Combina com você.

Ela geme e levanta as mãos.

— Você estragou tudo...

Dobro os jornais, enfio os três debaixo do braço e fico parado com as mãos entrelaçadas à frente.

— Você quer dizer que eu restaurei a sua reputação. De nada.

Seus olhos brilham de raiva, tanto que o azul de suas íris se torna cinza.

— Vocês fizeram um ótimo trabalho, sr. Ellis e sr. Montgomery — diz a princesa Mary, com seu tom de voz altivo e pomposo, indo para o sofá e se

sentando bem ereta. — Meu marido e eu estamos muito satisfeitos, assim como o príncipe herdeiro.

— Sven? — a princesa pergunta, arfando e deixando cair os ombros.

— Sim. Ele ficou muito feliz por ver essa sua faceta revelada ao público. Nós já recebemos inúmeras solicitações de entrevistas da imprensa local. Você vai se reunir com eles na próxima semana. — Ela emite a ordem como se acabasse de dizer que Christina vai ter que lavar a louça do jantar. A mulher trata a filha como criança, apesar de ela ter vinte e cinco anos.

Christina para de andar e olha para a mãe.

— Eu não vou.

A senhora levanta abruptamente, e sua ira enche a sala com uma densidade sufocante.

— Você vai aproveitar essa oportunidade para fazer respeitar a si mesma, ao nome da sua família e ao seu futuro papel. Vai apagar o comportamento vergonhoso dos últimos meses e apresentar uma nova princesa, que vai ser adorada pelo público.

Christina fecha os olhos e balança a cabeça.

— Não, mãe. Você não pode me obrigar a fazer isso.

— Não, não posso. Mas, quando você vir a felicidade nos olhos do seu pai, o orgulho... Você é quem vai dizer a ele que não é a mulher gentil e caridosa que a mídia tem mostrado. A mulher a quem ele se orgulha de chamar de filha diante de qualquer um que queira ouvir.

Eu me aproximo de Christina e a puxo para meus braços. Ela se debate no começo, mas não a deixo escapar.

— Eu queria estar arrependido, mas não estou. Você merece a atenção que está recebendo. Precisa enxergar o valor que tem para este país.

— Não. — Ela tenta me afastar, mas não a solto.

— Escute. Ponha isto na sua cabeça dura: você é digna.

— Concordo — diz uma voz profunda que provém da porta.

Christina vira, e seu corpo inteiro paralisa ao ver o príncipe herdeiro.

O cabelo loiro de Sven cai em ondas soltas pelos ombros. A gravata pende frouxamente do pescoço, e o terno já viu dias melhores. Parece que ele dormiu vestido. Mesmo com tudo isso, são seus olhos que mais me preocupam. Estão cheios até a borda de uma emoção descontrolada. É um homem prestes a desmoronar aos nossos pés.

— Sven, o que aconteceu? — Christina pergunta, correndo para ele e pousando as mãos em suas faces. Ele engole em seco e baixa a cabeça. O homem parece não ter um único amigo no mundo. Christina entorta o pescoço para encará-lo. — Fale

comigo. O que você tem? Você está me assustando!

Sven a puxa para si e enterra o rosto em seu cabelo. É o retrato de um homem que perdeu tudo.

— Eu preciso muito de você... — Sua voz está abatida, trêmula.

— Por quê, Sven? Meu bem, por quê?

Meu bem.

Esse termo me faz sentir falta da única mulher — além da minha mãe — que já me chamou assim. Aperto os punhos e respiro fundo.

— Meu pai... — Ele sufoca e arfa.

— Seu pai... — Christina repete, acariciando seu cabelo e seu rosto.

Ele a olha no fundo dos olhos, como se buscasse salvação. Agarra-se a ela como se Christina fosse seu mundo inteiro e ele precisasse dela para se manter em pé. Um homem completamente arrasado e totalmente apaixonado.

— O rei está morto.

8

Bem diante dos meus olhos, o enorme Sven, que parece um viking, desaba. E, quando digo *desaba*, quero dizer que ele cai de joelhos, se segurando em Christina como se ela fosse sua tábua de salvação.

Ela grita, tentando impedi-lo de cair, mas é impossível. O homem está arrasado, e Christina é seu único apego à realidade.

Ela envolve a cabeça de Sven com as mãos enquanto ele pressiona o rosto em sua barriga.

— Eu não dou conta disso sozinho, *min elskede*. — Ele se agarra a ela, e seus braços parecem apertá-la mais firmemente. — Eu imploro, Christy. Não me obrigue a isso. Eu preciso de você. Por favor... — Suas palavras são torturadas, desesperadas.

Meu coração acelera enquanto testemunho o cara desmoronar. Eu sei que, se fosse meu pai que tivesse morrido, também me sentiria vazio.

As lágrimas de Christina rolam tão rápido que escorrem pelo seu rosto. Os olhos azuis de Sven estão cheios de tristeza enquanto olham para a mulher que ele ama. *Implorando*.

Posso perceber a batalha dentro dela enquanto se concentra no homem que ama com todo o seu ser. Eu sei que ela é boa em fugir desses sentimentos. Só que, neste momento, ela não consegue. Christina precisa fazer uma escolha.

— Ele está implorando, Christina — digo, com a voz rouca, para a sala toda. — Escolha o Sven, como ele está escolhendo você.

Vejo seu corpo inteiro tremer nos braços dele.

— Eu não sou boa o bastante — ela sussurra enquanto passa os dedos pelo cabelo indomado do príncipe.

Ele leva os dedos dela aos lábios e os beija.

— Você é tudo o que há de bom no mundo. Tudo que eu necessito. E agora... eu preciso tanto de você. Fique comigo. Fique do meu lado...

Ela fecha os olhos por um breve momento. A sala inteira fica em silêncio. Nem

uma respiração se ouve.

— Eu vou estar do seu lado... — a princesa diz e libera as lágrimas.

Abro um sorriso. Ela fez a escolha certa.

Sven descansa a testa na barriga dela, seus ombros largos tremendo com a quantidade esmagadora de emoções que obviamente o dominam. Christina o ampara, deixando as próprias lágrimas caírem silenciosamente.

— Para sempre? — ele pergunta, levantando a cabeça com olhos suplicantes, esperando que ela dê o passo final.

— Para sempre.

— Segurando minha mão... — Ele pega a mão dela e entrelaça seus dedos. — Se tornando a minha esposa... — Pousa a mão em sua face. — E a mãe dos meus filhos... — Levanta e apoia a testa na dela, alicerçando a conexão. — Minha rainha...

Seus lábios pairam sobre os dela enquanto a olha fixamente nos olhos.

— Sim, Sven. — A voz dela treme. — Eu vou segurar a sua mão. — Ergue a sua para cobrir a dele em seu rosto. — Vou ser sua esposa. — Leva a outra mão para a face dele. — E vou ter todos os filhos com que Deus nos abençoar.

Christina fecha os olhos momentaneamente. Maravilhado, vejo seu rosto se iluminar. Ela se endireita e fica mais alta, mais forte.

— Eu vou ser a sua rainha. — Sua voz é firme, e suas palavras, convictas.

Os dois unem os lábios em um beijo aparentemente bruto, mas muito necessário para o casal apaixonado.

— Acho que é melhor nós... — digo, olhando para a princesa Mary, que está sorrindo abertamente pela primeira vez desde que cheguei. Bo, claro, está com o braço em volta dos ombros dela, também sorrindo de orelha e orelha.

Sven dá um passo atrás em busca de ar. Então pega Christina pela cintura, coloca-a ao seu lado e se volta para nós três.

— Nós vamos nos casar daqui a duas semanas. No domingo, vamos sepultar o rei. No domingo seguinte eu me caso com a minha rainha. Era o desejo do meu pai.

— Ah, meu Deus, Majestade... É muita coisa para preparar em duas semanas — a princesa Mary intervém.

O sorriso dele é tão largo que temo que seu rosto rache ao meio. Ele ignora a objeção da sogra e lhe dá um golpe verbal:

— Assim será. Vou pedir à minha mãe que entre em contato amanhã.

— Nós podemos ajudar a planejar, se for necessário — ofereço.

Sven anui, solta Christina e dá os doze passos necessários para parar à minha frente.

— Eu lhe devo o mundo, sr. Ellis. O que você fez para ajudar a garantir a minha felicidade não será esquecido. O rei da Dinamarca... — ele franze a testa — como vocês dizem? Te deve uma?

Sorrio e aperto sua mão.

— Sim, é isso, mas acho que eu não fiz muita coisa. O amor estava aí... A princesa só precisava acreditar em si mesma, no próprio valor e no seu amor por ela. E eu tenho certeza de que você vai ajudá-la a superar o medo de decepcionar o país no papel de rainha.

— Ele não precisa fazer isso. Eu mesma vou fazer. — A princesa Elizabeth entra pela porta atrás de nós. — Não foi minha intenção, mas eu ouvi tudo. Meus sentimentos, Majestade. Depois do que aconteceu com Enok, é uma perda terrível para a sua família.

Sven me dá um tapinha no ombro e vira para Elizabeth, então abre os braços e ela o abraça, fechando os olhos com força. Quando os abre, seus olhos brilham de lágrimas. Ela limpa a garganta, solta o príncipe herdeiro e puxa a irmã para si.

— Christina... lamento que você tenha se sentido indigna da coroa. Mais que isso, lamento pela minha parte nisso tudo. Eu estou sofrendo muito desde a morte de Enok e... — Suas palavras falham e ela se afasta. — Não, isso não é desculpa. Eu... eu não fui gentil com você. Nós sempre fomos melhores amigas, planejávamos passar a vida perto uma da outra, casadas com dois irmãos.

Ela ri levemente e então aperta a mandíbula.

— Alguma coisa aconteceu comigo quando perdi Enok. É como se a melhor parte de mim tivesse morrido naquele acidente. Eu nunca, *nunca* deveria... — sua voz é um sussurro, e lágrimas rolam por suas bochechas — ter cogitado me casar com Sven. Ele é sua alma gêmea. Seu para sempre. Eu quero isso para você. Me desculpe. Eu sinto muito mesmo. Vou ficar honrada em te ajudar com o que você precisar para aprender a ser uma rainha forte, respeitada e grandiosa. — Ela aperta as mãos da irmã e as levanta, com os olhos em Christina. — Porque... eu acredito em você, Christina. Sempre acreditei, e sempre vou acreditar.

Elas se abraçam, ambas com o rosto molhado de lágrimas.

Bo bate palmas uma vez e suspira.

— Eu adoro um final feliz. — Sorri. — Onde está o champanhe, princesa? Vamos começar a festa — diz, cutucando a princesa Mary, que pega um sininho na mesa e o toca.

— Sim, Alteza? — Henrik responde, entrando na sala.

— Por favor, traga da adega o nosso melhor champanhe. A minha filha concordou em se casar com o rei da Dinamarca.

À noite, pego o telefone e digito o número dela, já deitado na cama.

— Parker... — ouço sua voz sensual e doce.

Uma onda de excitação corre pelas minhas veias, me aquecendo de dentro para fora.

— Meu pêssego — sussurro seu apelido, imaginando seu perfume em minhas narinas.

— Tudo bem? — ela pergunta, bocejando.

Olho para o relógio e percebo que são três da manhã aqui, mas não tão tarde na costa Leste.

Depois que o champanhe chegou, deixamos Sven e Christina caindo de bêbados, e agora eles estão dormindo no quarto dela... Bem, *dormindo* deve ser a palavra errada. Trepando como coelhos é melhor. Acabamos passando o dia com os dois, falando sobre o rei e Enok. Eles nos contaram inúmeras histórias, enquanto Bo derramava sua admiração e atenção sobre a princesa Elizabeth e eu morria de rir de tudo o que esses membros da realeza aprontaram ao longo dos anos.

— Que horas são aí?

— Nove e pouco, mas eu tive um dia longo repassando as falas com o Rick.

Sinto um calafrio. *Rick.*

— Hum, estou ouvindo você resmungar daqui — ela diz, rindo suavemente.

Ela não está errada. A simples menção desse nome irrita até meu último nervo, mas não posso cobrar nada de Skyler, então guardo meus sentimentos para mim e me concentro nela, no aqui e agora.

— Eu só queria que fosse eu aí com você.

— Humm. O trabalho acabou? — ela pergunta, com um toque de felicidade na voz.

Que chato ter que estragar essa vibe.

— Infelizmente não. Vou ficar aqui por mais duas semanas.

Um longo suspiro atravessa a linha.

— Meu bem, eu começo a filmar na quarta-feira. O que significa que você não vai poder vir me ver.

— Eu sei.

— É foda... — ela diz, alto o suficiente para me fazer sorrir.

— E não do jeito bom — declaro, insinuando o máximo possível.

Ela ri, e esse som enche meu coração.

— Tenho uma ideia, mas vai depender de você — digo, com esperança na voz.

— É mesmo? — ela responde, com uma cadência alegre.

— Bom, parece que eu vou ter que supervisionar o treinamento da nova rainha, já que o príncipe herdeiro agora é o rei da Dinamarca...

— Ah, não! Isso significa que o pai dele morreu. Agora estou triste de novo.

Minha garota é meiga. Muito meiga. E inteligente. Já meu cérebro está confuso por causa do álcool e da falta de sono.

— É triste, mas o lado bom é que o príncipe herdeiro Sven vai se casar com a rainha dele daqui a dois domingos.

Ela arqueja, e posso imaginá-la aninhada em sua cama com as pernas cruzadas e o telefone apertado no ouvido. Seu cabelo deve estar uma bagunça de ondas douradas, o rosto sem maquiagem, e ela deve estar usando uma calcinha minúscula e uma blusinha, sua roupa padrão para dormir. A menos que esteja comigo, porque aí eu tiro toda a sua roupa e me empanturro de sua pele nua a noite toda.

Meu pau fica duro, mas meia-bomba. Estou cansado demais até para tirá-lo da cueca.

— Parece que você vai ficar ocupado na Dinamarca um tempo ainda. O enterro do rei, a posse do príncipe herdeiro e um casamento real... — Ela solta um longo suspiro.

— É verdade.

— E quanto a nós? Qual é a sua ideia? — Uma nota de esperança acentua suas palavras.

Sorrio e me aninho mais na cama.

— Bom, eu queria saber, srta. Paige, se você gostaria de me acompanhar no casamento do rei Sven Frederik da Dinamarca com sua noiva, a princesa Christina Kaarsberg, daqui a dois fins de semana. Imaginei que talvez você pudesse pegar um avião no sábado e ser a minha acompanhante no evento real.

— Está de brincadeira! — ela grita do outro lado da linha, tão alto que tenho que afastar o telefone da orelha. — Que demais! Um casamento real de verdade, com princesas, reis e rainhas. Ai, meu Deus!

Posso ouvir sua cama rangendo a distância. Conheço esse barulho, ouço-o muito quando estou com ela na cama.

— O que você está fazendo? — pergunto, rindo, adorando ver como ela ficou feliz com a minha proposta.

— Pulando na cama, claro! — Seus gritos e guinchos continuam.

Espero mais um minuto, até ela se recompor e voltar para mim, ofegante.

— Tudo bem, só para confirmar: você quer que eu te acompanhe em um casamento real na Dinamarca daqui a duas semanas?

— Sim... mas se você estiver muito ocupada...

— Não! Eu vou estar aí, gato! Só preciso da liberação da produtora e do diretor. Se bem que ir a um casamento real é uma boa publicidade, especialmente se eu prometer responder algumas perguntas... — Ela parece pensar em voz alta.

Eu rio, querendo trazê-la de volta para o aqui e agora.

— *Gato*... Essa é nova.

— É. Bom, você é um gato mesmo, e eu gosto de você.

— E o que aconteceu com *meu bem*? Eu adoro o *meu bem* — digo, baixando a voz para demonstrar quanto gosto do termo carinhoso.

Ela faz *hummm*, daquele jeito que acorda meu pau cansado e o eleva a meio mastro. Eu o pego e dou um apertão.

— Vou mandar a Wendy cuidar de tudo — ofereço.

— Eu posso cuidar disso sozinha.

— Sim, mas você vai ser a minha acompanhante e, quando eu te levo para sair, eu pago. Ponto.

— Que cavalheiro — ela brinca. — Estou louca para te ver.

— E eu estou louco para te pegar de todos os jeitos possíveis até domingo — digo com a voz rouca. — Não espere dormir muito. Você dorme no avião de volta para casa.

Ela ri gostoso. Meu Deus, como sinto falta de vê-la rir, tão livre e cheia de vida.

— Pode deixar. Vou aguardar as informações da sua assistente.

— Tudo bem. Ela vai entrar em contato para pegar os dados dos seus guarda-costas. Eles têm que vir também. Vai ter muita imprensa aqui.

Ela suspira profundamente.

— Certo. Faz sentido. Tenho certeza de que a Rachel vai adorar assistir a um casamento real.

— Contanto que ela *adore* garantir que ninguém além de mim ponha as mãos sujas em você, por mim tudo bem.

— Como você é dramático.

— Só quero ter certeza de poder transar com você de novo.

— Você só pensa nisso? Transar comigo? — Suas palavras deveriam transparecer raiva, mas eu a conheço muito bem. Ela está tão interessada em se divertir quanto eu.

— Sim! Não finja que não está morrendo de vontade de me levar para a cama. Não sei você, meu pêssego, mas a fera aqui está cansada da minha mão direita.

— Que bom que o grandão não vai ter que esperar muito mais — ela me consola, baixinho, com aquele timbre que me deixa maluco.

— Eu sabia!

— Cala a boca — ela resmunga.

— Você me quer.

— Eu mandei calar a boca! — Ri.

— Você quer me ver nu — digo em voz baixa, sexy.

— Quero nada!

— Você quer ficar nua comigo.

— Nã-não! — retruca.

— Você quer me pegar encostado na porta, na cama, no chuveiro, no chão, em qualquer lugar. E pode acreditar, Sky, eu vou te pegar em *todos os lugares*. É uma promessa.

— Humm... Sim, por favor!

Rio muito, até bocejar, levando a mão à boca.

— Baby, eu preciso dormir. E você precisa organizar as coisas para vir para a Dinamarca daqui a dois fins de semana.

— Não vejo a hora. — Seu tom é sonhador.

— Ei... — Fico ensaiando as palavras que quero lhe dizer.

— O quê?

— Além do sexo... estou com saudade de você, Sky. Da sua risada, do seu sorriso... de comer com você. Nossa, eu sinto muita falta de dormir do seu lado. Parece que faz semanas que eu não durmo — gemo, lhe mostrando como estou frustrado.

Ela fez alguma coisa comigo, de alguma forma me fez mudar, mas não estou pronto para dedicar muito tempo a analisar essas mudanças.

— Eu também. Por que será? Quer dizer, eu passei a vida inteira dormindo sozinha, aí você aparece, nós passamos três semanas juntos e você me estragou! — Ela ri.

Desta vez meu *humm* sai no meio de outro bocejo.

— Eu digo o mesmo. Até daqui a pouco, meu pêssego.

— Até, meu bem.

Ahh, aí está o meu "meu bem".

— Sonha comigo — Skyler diz e desliga.

E eu sei que esta noite não vou ver nada além dela quando fechar os olhos.

9

— Não, não, não. Ombros para trás, ereta — Elizabeth reclama, passando a mão pela coluna de Christina para lhe mostrar a postura correta.

— Estou cansada — Christina geme. — Eu sei a postura certa, Lizzie. Assim como já sabia que garfo usar com cada prato. Eu vivi nesta casa a vida toda, recebi o mesmo treinamento que você...

Elizabeth estreita os olhos.

— Você passou mais tempo fugindo e se encontrando escondido com Sven do que estudando e treinando — diz, cruzando os braços. — Quer a minha ajuda ou não?

Christina revira os olhos e anui com um movimento de cabeça. Elizabeth abre uma pasta cheia de regras, dicas e uma enorme quantidade de detalhes sobre o protocolo apropriado para quase todas as situações que podem surgir na monarquia.

— Hora da chamada oral — ela diz, batendo palmas, exuberante, curtindo cada minuto do treinamento de rainha da irmã.

— Eu preciso de uma pausa, Lizzie. Você está me matando de tédio, irmãzinha querida.

Elizabeth quase lança raios pelos olhos.

— Isso aqui não é tedioso, é necessário. Você vai aprender tudo e deixar a nossa família orgulhosa...

— Porque é impossível eu deixar alguém orgulhoso sendo apenas eu... — Christina ironiza.

— Eu não disse isso — Elizabeth bufa, levando a mão ao peito.

— Nem precisava.

Christina dá meia-volta e está prestes a sair quando Bo a detém.

— Venha aqui, benzinho — ele diz, encaixando a mão dela na curva de seu braço. — Vamos sentar, tomar um café e conversar.

— Para quê? Eu nunca vou ser boa nisso — ela retruca, desolada.

Bo olha por cima do ombro de Christina e diz a Elizabeth:

— Princesa, podemos fazer uma pausa de trinta minutos? O Parker e eu precisamos dar uma palavrinha com a Christina.

Elizabeth solta um suspiro.

— Tudo bem. Trinta minutos, e nem um segundo a mais. — E sai da sala como se tivesse uma vareta real enfiada em sua bundinha firme.

— Ela é tão fria — Bo comenta, fingindo arrepios.

Christina ri antes de defender a irmã.

— Não... Isso é importante para ela, para a minha família. Viu? É por isso que eu não sei se vou ser uma boa rainha.

Estendo a mão e acaricio a dela.

— Até agora você está indo maravilhosamente bem. Além disso, não estamos falando de duzentos anos atrás. Muita coisa mudou nas práticas reais, e muita coisa ainda pode mudar, dependendo de quem esteja sentado no trono. Você e o Sven vão fazer muitas coisas juntos, como uma equipe. Você não está sozinha. Ele vai estar ao seu lado a cada passo do caminho.

Ela franze os lábios.

— É verdade. — As palavras mal saíram de sua boca e ela sacode a cabeça. — E se eles não gostarem de mim ou acharem que eu sou uma péssima rainha?

— O que há para não gostar, benzinho? — Bo se intromete. — Você é linda, educada, generosa, gentil. E, acima de tudo, ama o rei do fundo do coração.

Os olhos de Christina se ofuscam.

— Não sei se isso é suficiente.

Desta vez, pego sua mão e a cubro com as minhas.

— Christina, você vem servindo o seu povo há muito tempo. Atua como voluntária em inúmeras causas... Você serve *pessoalmente*, não só dá dinheiro quando acha necessário. Você põe a mão na massa, ajuda as pessoas. Tudo isso veio à tona, a imprensa curtiu. O povo está apaixonado por você e pela sua história. Estão rolando apostas para saber que estilista você vai usar no casamento, não que tipo de rainha você vai ser.

Ela ri.

Bo a encara, impassível.

— Oscar de la Renta. Sem dúvida.

— Bo, você está perdendo o fio da meada — resmungo.

— Não, meu amigo, não estou. O vestido é muito importante. E vai ser um Oscar de la Renta. Perfeito para ela. Esse homem é um gênio para vestir corpos em forma de ampulheta.

Christina cobre a boca, e as lágrimas ficam para trás quando a risada a domina.

— O Bo tem razão. Dos vestidos que eu recebi, o Oscar foi o melhor.

Ele inclina a cabeça para mim, convencido.

— Enfim, eu quero que você olhe para si mesma e diga o que está vendo de errado — peço.

Ela morde o lábio.

— Nos últimos meses, eu caí na noite...

— Isso é passado — interrompo. — Já cuidamos disso na imprensa falando da rebeldia juvenil, blá-blá-blá. O que mais?

— Não tenho tanto conhecimento quanto a Lizzie.

— É por isso que ela está te treinando. O que mais? Acredite, eu posso ficar nessa o dia todo — digo, fingindo bocejar, como se estivesse entediado.

— E se nós invertermos? — Bo se senta ao lado dela. — Que tal nos dizer por que você acha que seria uma boa rainha?

Ela torce os lábios, tamborilando com o dedo no inferior.

— Eu sou da realeza.

— Além disso — encorajo.

— Bom, eu vou me esforçar muito para ser o que o Sven precisa, o que o meu povo precisa. — Seu tom é sincero. Ela fala de coração.

— Isso é tudo que se pode exigir de uma nova rainha — assinto. — O que mais?

Christina lambe os lábios.

— Eu me preocupo com os problemas que afligem o nosso país e o nosso povo. Quero tentar ajudar e me envolver.

— A realeza está envolvida no momento?

— Um pouco. Acho que podemos fazer melhor.

— Parece ótimo para mim. O que mais? — cutuco, querendo que ela enxergue o que tem a oferecer sendo ela mesma

Ela passa o dedo pela borda da xícara de café.

— Eu gostaria de fazer mais pelas mulheres que trabalham fora. Ainda existem mulheres que fazem o mesmo trabalho que os homens e ganham menos.

Abro um grande sorriso, inclino a cabeça para trás e gargalho. Bo me acompanha.

— Que foi? — ela pergunta, sorrindo levemente.

— Você está se ouvindo falar? Tudo o que você disse comprova quanto vai impressionar o povo da Dinamarca. Muito bem!

Ela inclina a cabeça para o lado.

— Nunca pensei nisso dessa forma. Eu só quero ajudar.

— E você não diria que o desejo de ajudar é o que vai fazer de você uma rainha de muito sucesso? Que vai entrar para a história, sem dúvida — acrescento.

Seu semblante se ilumina, como se um raio de luz atravessasse a janela e caísse sobre seu lindo rosto.

— Sabe, Parker, talvez você tenha razão. Talvez eu consiga ser uma boa rainha apenas me importando com as pessoas, estando ao lado do Sven e sendo eu mesma.

— Essa sim é uma rainha de respeito.



O frio ar matutino bate em meu queixo barbeado, fazendo um arrepio correr pela minha espinha. Mal percebo, porém, pois estou encostado na limusine, esperando que ela passe por aquelas portas duplas. Infelizmente, com o casamento real, o aeroporto está fervilhando, e há paparazzi por todos os lados. Skyler não se importou quando comentei isso ao telefone ontem à noite. Ela queria que eu a pegasse no aeroporto.

Olho em volta e percebo que os fotógrafos estão por toda parte. Notaram a limusine e estão esperando para ver que celebridade vai chegar e entrar no carro. Aperto os dentes. Queria que ela viesse por um aeroporto privado, onde a imprensa não pudesse aparecer, mas, com tanta realeza chegando do mundo todo, não havia essa possibilidade. A rainha da Inglaterra e sua ninhada real vêm para as núpcias de Sven. Ouvi dizer que até o presidente dos Estados Unidos e a primeira-dama talvez compareçam.

Perdido em pensamentos, eu me apoio na limusine e cruzo os tornozelos, com os olhos fixos nas duas portas. A agitação fervilha ali dentro. Vozes se elevam, e as pessoas exclamam palavras de animação e surpresa que vão se transformando em um rugido surdo em meus ouvidos enquanto imagino a causa do tumulto. Até que as portas se abrem e lá está ela.

A mulher dos meus sonhos.

Meu pêssego.

Skyler Paige.

Ela sorri largamente quando me vê e avança, segura e forte, sem hesitar por um só momento. Nem mesmo desfilando sobre uma passarela ela estaria mais deslumbrante que agora, vindo em minha direção. Seus olhos cor de caramelo cintilam ao sol da manhã, e o cabelo forma um halo dourado ao redor de seu lindo rosto.

Ao seu lado estão um homem corpulento e uma loira miúda. O que a loira não tem em altura, compensa em atitude. Está com o braço estendido, criando uma muralha do lado esquerdo de Skyler, acompanhando seu ritmo. O homem do outro lado tem um olhar severo estampado no rosto, que deixa claro: "Não mexa conosco". Está com o braço estendido também, mantendo as pessoas longe. Meu pêssego nem nota a multidão que se reúne ao seu redor. Continua andando até estar diante de mim.

Quando nos olhamos, maravilhados, seu sorriso é impressionante.

— Oi — ela diz, tímida, a meio metro de distância.

Engulo em seco e lambo os lábios.

— Você está tão linda que não estou conseguindo controlar minhas mãos. — Mãos que tremem de necessidade de pegá-la, abraçá-la, agarrá-la onde possam alcançar.

Ela sorri.

— E por que você está se controlando?

Eu lhe dou o meu melhor sorriso maroto.

— Vamos fazer isso aqui, na frente de todo mundo?

Ela ergue uma das sobrancelhas perfeitamente desenhadas e sorri, provocante.

— Eu não tenho medo, se você não tiver.

Passo o dedo pelo lábio inferior e inclino a cabeça.

— Medo de ser visto com a mulher mais requisitada de Hollywood? *Medo* não seria a palavra que eu usaria.

Bênção. Orgulho. Sorte pra caralho... Todas essas serviriam.

— Bom, eles não sabem os problemas que eu posso causar — ela diz, mordendo o lábio inferior carnudo.

Queria ser eu mordiscando esse pedaço de carne.

— Mas eu sei.

Abro um sorriso e decido mandar a preocupação para o inferno. Se ela não se importa, nem eu. Pouso a mão avidamente em sua cintura; a outra eu enterro em seus cabelos sedosos e grudo os lábios nos dela. Seu corpo é catapultado contra meu peito, exatamente onde a quero.

Seus lábios são suaves e ansiosos enquanto a beijo, e se abrem imediatamente para mim. Aceito o convite e bebo longa e profundamente do poço que é sua boca suculenta. Ela tem gosto de champanhe e frutas, tão doce, e eu quero mais.

As pessoas estão aplaudindo em volta, mas eu não me importo. Nada importa quando a tenho em meus braços. Seguro seu queixo e mergulho mais fundo a língua, provando cada centímetro de sua boca. Ela suga minha língua e morde meu

lábio. Passa os braços ao redor do meu corpo, me prendendo a ela. A sensação de seu corpo no meu, seus lábios nos meus, é diferente de qualquer experiência que eu já vivi. O sangue em minhas veias ruge de satisfação e a fera se agita, presa na cueca. Com simples força de vontade, impeço meu pau de subir. Só de cheirar Skyler, posso ficar duro como uma rocha. Eu poderia jurar que o maldito está programado para o perfume dela.

Recuo e puxo um pouco de ar. Ela apoia a testa na minha, sorrindo.

— Que recepção... — sussurra.

As câmeras disparam ao redor e os paparazzi vão à loucura.

— Meu Deus, que saudade — admito.

— Eu também.

Inclino a cabeça para trás, beijo sua testa e seguro seu rosto para acariciar seus lábios inchados.

— Adoro ver sua boca inchada dos meus beijos.

Ela sorri.

— Eu sei. Você sempre toca a minha boca depois de me beijar.

— É que te beijar é tão inacreditável que eu tenho que fazer isso para saber que aconteceu de verdade.

Skyler joga os braços em volta dos meus ombros e me aperta.

— Me tira daqui. Os fotógrafos já tiveram o suficiente por hoje.

Faço um movimento de cabeça, que está mergulhada em seus cabelos, e inspiro profundamente para capturar seu perfume de pêssego com chantili, que me deixa louco. Encho os pulmões com esse cheiro, e uma sensação de paz preenche cada centímetro do meu ser.

Completo.

Com ela ao meu lado, eu me sinto completo.

Estou ferrado.

~

De mãos dadas, entramos no saguão do hotel. Não podemos evitar os fotógrafos ali na entrada também. É como se toda a imprensa da Europa estivesse presente, bombardeando todos os hotéis e pistas de pouso.

Skyler ignora as câmeras e fica ao meu lado, com seus seguranças nos acompanhando.

— Srta. Paige, você não vai a lugar nenhum sem estar com a Rachel ou comigo.

Isso aqui é uma exposição absurda — Nate rosna quando entramos no elevador.

Sorrio e assinto para Nate Van Dyken. O homem é enorme, alto e largo como o rei Sven. Deve ter ascendência escandinava. Poderia levar um navio cheio de vikings para a batalha e sair ileso. Dos ombros aos pés, ele é uma parede de músculos. Sua mulher também não é peso-leve. Ela pode ser pequena, mas eu a vi empurrar um homem três metros para trás quando ele tentou tocar Skyler, e o sujeito tinha três vezes o peso de Rachel. Eles não estão para brincadeira.

— Gostei da sua equipe — digo para que os dois ouçam.

Os lábios de Rachel se contorcem em um sorriso, mas Nate fica parado diante das portas do elevador com os braços enormes cruzados, os pés afastados em posição de batalha, agindo como um escudo a nossa frente.

— Eu também. Eles são incríveis. Mas ficam engraçadinhos quando estamos sozinhos relaxando. Não é, pessoal? — Ela fala como se estivesse brava, mas eles não reagem. Estão no modo trabalho. Gostei.

Chegamos à suíte que reservei. Tem três dormitórios que se conectam à área social, onde há uma sala de estar, bar e sala de jantar.

— Fiquem aqui com a Rachel — Nate diz, e nós obedecemos. — Vou dar uma olhada.

Eu lhe entrego a chave e ele entra em silêncio. Segundos depois, ouço um tumulto lá dentro. Puxo Skyler para trás de mim, no canto.

Rachel abre a porta.

— Precisa de reforços? — grita para dentro, mas não sai de sua posição.

— Não. Já peguei o abutre.

Nate sai do quarto com uma câmera enorme em uma das mãos e um homem com o uniforme do hotel pendurado no outro punho carnudo. Ele segura o homem pelas costas da camisa e pelo colete. O cara se debate, mas não é páreo para o tamanho do brutamontes.

Ele entrega a câmera a Rachel, que a abre, tira o cartão de memória e o guarda no bolso de trás.

— Você não pode fazer isso! — o homem grita enquanto Nate aperta o botão do elevador.

— Você tem sorte de eu não destruir a sua câmera, seu merda! — ela ruge, rangendo os dentes e batendo a câmera no peito do homem.

— Babe, eu vou levar o cara até a segurança do hotel. Vasculhe a suíte para ver se não tem mais vermes escondidos debaixo da cama.

Skyler arfa.

— Ele estava debaixo da cama?

Nate faz que sim com a cabeça e empurra o sujeito para o elevador.

— Já volto. Ellis, proteja a srta. Paige.

— Com a minha vida — afirmo, sem perceber como é séria a minha resposta.

Porque eu faria isso. Eu a protegeria com a minha vida se alguém tentasse lhe fazer algum mal. E por acaso eu não faria isso por qualquer um de quem eu gosto?

Gostar.

Fecho os olhos e viro para Sky, tentando ignorar a tensão em meu peito.

— Você está bem?

Ela anui.

— Sim. Mas foi bizarro. Ele estava debaixo da cama! Afff!

Respiro fundo.

— Não se preocupe. Eu pretendo eliminar todas as más vibrações que a cama possa ter e substituí-las por boas.

Ela sorri e joga os braços em volta do meu pescoço.

— É mesmo, sr. Ellis? Então me diga: como você planeja realizar essa façanha?

Levo a mão ao rosto de Skyler e ergo seu queixo para poder olhar em seus olhos, agora mais profundos e castanhos.

— Assim. — E pressiono os lábios nos dela.

Skyler suspira, respondendo preguiçosa enquanto minha língua e a dela se mexem e dançam lentamente em volta uma da outra. Chupo seu lábio inferior, esfrego a língua nele até ela gemer e repito o processo no lábio superior. Ela fica na ponta dos pés, e nós, mais próximos ainda.

É o paraíso.

— Liberado. Humm... não quero atrapalhar os amassos, mas vocês poderiam fazer isso na segurança do quarto? — Rachel diz, interrompendo nosso beijo enquanto segura a porta aberta.

Sky irradia alegria.

— Preciso beber alguma coisa!

— Eu também. Alguma coisa bem gelada — digo, fingindo morder seus lábios e seu pescoço enquanto ela grita e pula ao meu redor e nós passamos por Rachel.

A guarda-costas sorri e franze os lábios.

Toco seu nariz enquanto entro no quarto do hotel.

— Não tenho medo de você, She-Ra — brinco.

Seu olhar vazio é bastante inquietante.

— Pois deveria. Eu conheço trinta e sete maneiras de matar você só com as mãos — ela diz e pisca lindamente.

Seus olhos azuis são muito claros, quase cor de lavanda. O cabelo loiro-

platinado está preso de um jeito que só poderia ser chamado de trança guerreira. Eu certamente não mexeria com ela.

— Gostei de você — digo, lhe dando um dos meus sorrisos sexy.

Ela bufa e bate a porta atrás de nós.

— Você acha que charme funciona comigo? — diz. — Por acaso não viu o meu marido? Ele poderia te quebrar ao meio como um graveto. Eu gosto de músculos, Super Mouse, não de charme e de visual capa de revista.

Sky se aproxima e passa o braço em volta da minha cintura.

— Ah, ele é cheio de músculos. Todo em forma — diz, passando a mão pelo meu peito.

O prazer se espalha, aquecendo e liquefazendo todos os meus músculos.

Rachel inclina a cabeça e me avalia de cima a baixo.

— Acrescente uns trinta quilos de músculos bem duros e depois venha falar comigo. Até lá, cuidado com a minha garota, ou eu acabo com você.

— Caramba, She-Ra! Achei que nós íamos ser amigos. — Finjo estar ofendido.

— Isso nós vamos ver. Não saiam sem nos avisar — ela diz, lançando um olhar severo para Skyler.

Sky aperta minha cintura.

— Não se preocupe. Vamos beber alguma coisa e cair na cama. Estou... exausta.

Rachel olha para Sky como se tivesse acabado de nascer um par de chifres na cabeça dela.

— Depois de dormir a viagem toda? Sabia que essa garota é capaz de dormir oito horas seguidas dentro de um avião? — Ela aponta o polegar para Sky, mas se dirige a mim.

Balanço a cabeça.

— Como se ela estivesse na própria cama. É incrível.

Skyler dá de ombros.

— Aviões me acalmam. O zumbido constante... as três doses de tequila, a barriga cheia de bife Wellington... boa noite! — Ri.

Eu rio junto e beijo sua cabeça, inalando seu perfume mais uma vez. Nunca me canso disso. Ela tem um cheiro tão bom.

— Tenho uma garrafa de Patrón prontinha. Vamos lá, meu pêssego?

Os olhos dela se iluminam.

— Vamos!

O calor envolve meu pau conforme Skyler me chupa, levando-o até a garganta.

— Puta merda! — gemo e me arqueio, segurando seu cabelo e puxando firme.

Ela geme de dor, mas não para de me sugar. Põe a língua para fora, desliza-a da base até a cabeça do meu membro e a gira ali. Agita a língua na fenda até que uma gota transborda.

Skyler grunhe e volta para baixo, descendo pelo meu pau, fazendo o melhor boquete do mundo.

— Caralho. — Aperto os dentes. — Meu pêssego, você vai me fazer gozar.

— Humm, esse é o objetivo.

E me leva mais fundo. No instante em que ela passa a ponta do dedo molhado pelo meu períneo e o gira em torno do ânus, explodo. A dupla estimulação acaba com a minha determinação de não gozar. Não tem como segurar. São muitas sensações de uma vez. Minhas bolas se retesam, os músculos da minha virilha travam e quase rasgo os lençóis enquanto aperto os punhos no tecido de algodão. Assim, não a forço a engolir meu pau mais fundo para foder sua boca do jeito que eu gostaria. Ela curte um pouco de dor, mas não quero passar dos limites e acabar machucando-a.

Ela me chupa divinamente, até que a última gota de sêmen se vai, assim como a sensação de vazio que me rondava desde que deixei Nova York, semanas atrás.

Sky se aconchega ao meu lado. Acaricio seu corpo nu do ombro até o quadril, enquanto minha pele se arrepia com os tremores secundários causados por sua boca mágica.

— Eu retribuo o favor daqui a pouco.

— Ah, eu sei.

— Mas eu quero você sentada na minha cara.

Ela morde meu peitoral e gira a língua em torno do meu mamilo.

— Humm. Você tem um gosto e um cheiro deliciosos, gato.

Aqui está o *gato* de novo. Desde que ela me chame de alguma coisa carinhosa, não me interessa o termo. Qualquer coisa que saia dos seus lábios é maravilhosa.

— Está animada para amanhã? — pergunto, dando à fera um pouco de tempo para se recuperar antes de atacar minha garota.

Distraidamente, Sky traça linhas no meu abdome.

— Sim. Preocupada também. Não pensei que seria um evento tão badalado. Eu devia ter me ligado, mas às vezes esqueço que não sou uma pessoa normal, não posso simplesmente ir a um casamento com o cara com quem estou saindo.

— O cara com quem você está saindo? — repito.

Ela inclina o queixo no meu peito.

— É... Tudo bem para você essa descrição casual?

Penso no assunto. Na verdade, foi a mesma coisa que eu disse a Christina quando ela perguntou quem era Skyler, naquela primeira manhã.

— Sim, acho que isso resume o que está rolando entre a gente.

Ela sorri docemente.

— Às vezes eu queria que todos os movimentos que eu faço não fossem capturados pelas câmeras. Não me arrependo de ser atriz, eu amo o meu trabalho, e graças a você estou fazendo o que amo de novo, mas o medo ainda sobe pela minha garganta, pronto para me sufocar a qualquer momento.

— Como está indo a terapia?

Eu ainda não tinha perguntado sobre isso, achando que ela deveria escolher falar ou não sobre o assunto, mas, agora que ela abriu um pouco a comporta, estou interessado de verdade.

Sky se deita de costas, deixando certa distância entre nós, olhando para o teto. Solta um longo suspiro, pega uma mecha de cabelo e a gira entre os dedos.

— Acho que eu posso dizer que vai bem. A Tracey está animada, ainda mais porque o estúdio está feliz, acho. Será que é errado eu dizer isso? Quer dizer, ela é minha melhor amiga, mas a ética de trabalho dela às vezes me irrita.

Eu rio e me viro para Skyler, descansando a cabeça na mão, apoiado no cotovelo para poder olhar para ela.

— Se é isso que você sente... já pensou em conversar com ela?

Ela franze os lábios.

— Eu não saberia o que dizer. Toda vez que eu tento manifestar que quero dar um passo atrás, ela fala sobre o próximo grande projeto, quem está interessado em mim, em quais campanhas publicitárias eu deveria pensar no fim do ano para impulsionar minha imagem...

Passo os dedos pelo seu cabelo, jogando os longos fios para o lado.

— O que você quer fazer?

— O principal é que eu quero ir atrás dessa coisa de filantropia que nós discutimos. Fazer algum trabalho voluntário, ajudar as pessoas. E, claro, atuar. Eu quero fazer os filmes com os quais me comprometi e ler os roteiros que recebo. Quero decidir que desafios aceitar. Na maior parte do tempo a Tracey escolhe os filmes de grande orçamento, para os quais eu já sou a preferida. Nem preciso mais fazer testes. Eu gostava de fazer testes. Seria legal trabalhar em um projeto menor, sabe? Algo que eu pudesse realmente fazer com entusiasmo. Não mais um filme de ação ou romance, talvez um filme trágico e profundo. Uma coisa mais artística.

— Você tem alguma coisa em mente?

Ela balança a cabeça.

— Não, mas tenho toneladas de roteiros na minha mesa lá em casa.

— Acho que você precisa falar com a Tracey, contar o que está sentindo.

— Eu sinto falta da minha melhor amiga. A gente não conversa de mais nada, só de trabalho.

— Já pensou em contratar outro agente?

Ela ofega e cobre a boca com a mão.

— Eu nunca poderia fazer isso com ela. Sempre fomos nós duas.

— Então você precisa conversar com ela, dizer como se sente. Explique que quer um tempo para vocês serem só amigas, não colegas de trabalho.

Sky parece refletir.

— É, eu posso tentar.

Eu me inclino e a beijo, mordendo seu lábio inferior. Ela responde com fervor, uma pressão leve dos lábios no começo, que logo se torna impetuosa e apaixonada. Passo o braço sob suas costas e a faço rolar para cima de mim. A fera percebe seu corpo nu, endurecendo ao sentir o atrito glorioso de pele com pele.

— Humm, parece que o grandão está de volta — ela suspira, feliz.

Rio, faço Skyler sentar sobre o meu abdome e passo as mãos em seus seios, beliscando seus mamilos até que ela se arqueia para trás, de um jeito que a faz parecer a deusa do sexo.

— Venha aqui. Eu quero sentir o seu gosto — ordeno.

Ela vai deslizando para cima e apoia os joelhos nas laterais da minha cabeça. Aperto seus quadris e puxo seu centro para a minha boca.

— Meu pêssego, eu vou te fazer gozar tão forte que você vai ver estrelas. Acho melhor se segurar na cabeceira da cama.

— O qu... — ela diz, logo antes de eu a lamber da fenda até o clitóris. — Ah, caramba! — Ela estica as mãos e se segura na cabeceira, apertando até seus dedos ficarem brancos.

Eu capricho: lambo, mordisco, chupo e beijo cada centímetro de seu sexo, até ela ficar deliciosamente escorregadia. Suas coxas abraçam minha cabeça bem apertado, tremendo pelo esforço de permanecer nessa posição.

Sem pressa, passo a língua e dou um banho em sua boceta, marcando todos os lugares que posso, sem deixar nada intocado.

Quando percebo que ela vai gozar, envolvo com os lábios seu botãozinho de nervos e chupo o mais forte que posso. Ela grita, sacudindo os quadris, cavalgando meu rosto e me deixando sem ar. Não faz mal se eu sufocar — eu morreria feliz com o gosto dela enchendo minha boca, sua essência cobrindo minha língua. Felizmente

ela se levanta e curva o corpo, mas eu não a solto. Não, eu a quero insana, pedindo mais. Continuo lambendo sua fenda até ela começar a forçar os quadris de novo.

— Park... meu bem, eu não consigo... de novo não. — Ela joga a cabeça para trás, e seu cabelo cai em ondas sensuais pelas costas nuas.

Talvez meus ouvidos estejam bloqueados, mas uma declaração como essa parece um desafio para um homem como eu. E estou mais que disposto a aceitá-lo.

Não a deixo sair, enfio o rosto entre suas coxas mais uma vez e a devoro com a língua, até fazê-la gritar de prazer e encharcar meu rosto com sua essência.

Quando seu segundo orgasmo vai embora, eu a puxo para baixo e a coloco de quatro. Seguro sua bunda redonda com força e lhe dou alguns tapas, até ver a marca rosada da minha mão em sua pele imaculada. Ela grita, mas não se opõe.

Meu pau pulsa ao ver minha marca em seu corpo. Eu me inclino sobre ela, esfregando sua bunda quente e carnuda.

— É a minha vez, meu pêssego — rosno, perdido na névoa onde ela me colocou. — Depois de ver você gozar duas vezes na minha cara, de chupar o seu creme... eu estou muito duro pra você. Vou te levar mais alto, baby. Está pronta? — pergunto, porém é mais uma promessa.

— Ah, sim! Me fode, meu bem. Por favor. Me fod...

Antes que ela possa pronunciar a última palavra, estou enterrado dentro dela até as bolas. Meu corpo inteiro se retesa. Cada músculo está contraído, se preparando para o movimento, para me preencher com a perfeição de suas formas. Passando a mão pelas suas costas lisas, acaricio sua pele. O toque suave é o oposto do que pretendo fazer com ela, mas preciso me conter, senão vou acabar antes mesmo de começar.

Giro meu pau dentro dela, fechando os olhos e deixando a sensação me dominar. Toda a minha atenção está em meu membro. O aperto de suas paredes vaginais pulsa em torno do meu eixo, me chamando, me incitando a mergulhar mais fundo, ir mais longe, mais forte.

Respiro fundo e levo os quadris para trás, até que só a ponta do meu pau está sendo apertada.

— Caralho, a sua boceta está me ordenhando. Eu nunca vou me cansar disso.

Meto forte e seu corpo vai para a frente, mas eu aperto seu ombro e a seguro firme no lugar enquanto perco a cabeça.

— Porra, porra, porra, porra! — repito a cada impulso.

— Sim, sim, sim, sim — ela responde.

Até que nenhum dos dois aguenta mais.

O prazer é intenso. Bom demais. Simplesmente demais.

Em um último impulso forte, eu me curvo sobre suas costas, passo o braço pelo seu torso e a levanto.

— Beijo! — grunho, prendendo a respiração. Essa posição faz o peso de seu corpo afundar mais o meu pau. Puro êxtase.

Sky vira a cabeça, passando o braço em volta do meu pescoço para se segurar. Levo a mão a seu rosto, travando nossos lábios e mergulhando a língua em sua boca. Deslizo a outra mão para sua boceta, com os dedos de cada lado do meu pau, que está dentro dela. Uso o polegar para apertar seu clitóris e o esfrego... forte.

Ela grita enquanto nos beijamos, mas eu engulo seu grito, estimulando ainda mais seu clitóris e fodendo-a ao mesmo tempo. Ela explode, e as paredes de seu sexo me apertam tão forte que eu disparo como um canhão. Segurando-a firme, com a língua em sua boca, os dedos em sua fenda, meu pau amolecendo, mas ainda dentro dela, deixo os tremores me dominarem.

Por fim, eu a solto.

— Nunca senti nada parecido — ela murmura, lambe os lábios e fecha os olhos languidamente.

Eu sorrio e beijo seu pescoço suado.

— Nem eu. Parece que toda vez com você é a primeira.

10

As últimas duas semanas têm sido um turbilhão de atividades. Com o príncipe herdeiro se tornando o próximo rei da Dinamarca, o enterro do pai dele, o treinamento de Christina e a noite de ontem entre as pernas de Skyler, estou exausto, e ao mesmo tempo nunca me senti melhor.

Observo Skyler enquanto ela olha serenamente pela janela do carro. Está deslumbrante no vestido longo de cetim amarelo-mostarda que abraça seu corpo dos seios aos quadris, se abrindo na altura dos joelhos e caindo até o chão. As alças finas se cruzam atrás, deixando suas costas nuas, até a lombar.

O mais legal nos casamentos reais é que eles fazem tudo em grande estilo. Todos os presentes devem usar traje de gala. Puxo a gravata-borboleta do meu smoking, passando o dedo pelo colarinho da camisa; queria ter mais espaço para respirar.

— Animada com a recepção? — pergunto à minha garota enquanto ela espia, perplexa, pela janela e vê todas aquelas pessoas na entrada do palácio.

— Ah, sim. A cerimônia na catedral de Copenhague foi magnífica. Nem imagino como vai ser a festa.

— Bom, se eu ainda não disse, você está maravilhosa, Skyler.

Ela abre um sorriso.

— Você já me disse isso três vezes.

Eu me inclino e beijo seus lábios suavemente.

— Agora são quatro.

Ela geme, mordiscando meu lábio inferior, como costuma fazer. Um raio de eletricidade corre diretamente para a fera, me deixando ávido pelas nossas atividades noturnas.

Antes de levarmos nosso beijo mais longe, o carro para atrás de uma fila de limusines. Skyler observa e suspira.

— Isso me parece familiar.

Pego sua mão e entrelaço nossos dedos.

— Mas é diferente, porque você está aqui comigo. E eu vou garantir que seja divertido.

Ela me dá um sorrisinho.

— Obrigada por me convidar. Eu sei que comigo vem um monte de dor de cabeça... guarda-costas, imprensa, falta de privacidade...

Coloco o dedo em seus lábios, para silenciá-la, e seguro seu queixo.

— Ei, você não é uma dor de cabeça. Estar com você é um privilégio. Nunca se esqueça disso.

Ela fecha os olhos e assente.

— Eu sinto o mesmo em relação a você.

Eu a beijo de novo e desta vez me demoro um pouco mais, brincando levemente com a língua. Quando recuo, ela abre os olhos.

— É hora do show — digo.

— Vamos lá. — Agora ela tem mais determinação na voz.

— Essa é a minha garota. — Sorrio e pego sua mão.

A porta se abre. Nate e Rachel flanqueiam os dois lados, ambos de terno preto, óculos escuros e fones de ouvido para poderem conversar entre si. Basicamente, parecem dois agentes do serviço secreto com quem ninguém vai querer mexer.

Saio da limusine para o tapete vermelho colocado na entrada, então me inclino para a limusine e estendo a mão para Skyler.

— Meu primeiro tapete vermelho. Estou perdendo a virgindade com você, meu pêssego.

Ela pega minha mão e pousa seu salto dourado no chão, rindo gostoso enquanto sai da limusine. Essa é a imagem que a imprensa verá. Skyler Paige, radiante, enquanto eu a ajudo a sair da limusine e pouso seu braço no meu.

As câmeras ficam loucas por Skyler. Mais do que ficaram na catedral pelas outras celebridades. Todos ficam hipnotizados ao vê-la em um evento real de braço dado com um homem anônimo. Mas duvido de que esse segredo dure muito tempo.

Eu a levo pelos degraus até o palácio. Não caibo em mim de orgulho ao me dar conta do espetáculo que é Skyler Paige. Quando chegamos ao topo, noto que a multidão está enlouquecida por sua atenção, gritando seu nome.

Ela aperta meu braço e dá um tapinha nele antes de virar e acenar para a multidão. O rugido de gritos e aplausos é impressionante e esmagador. Ela balança levemente os quadris e joga um beijo, depois volta e segura meu braço mais uma vez.

— Certo, podemos ir.

Sorrio e balanço a cabeça.

— Você é pura classe. O que eu faço com você?

Ela bate com o dedo em seus lábios.

— Humm, já sei... me enche de champanhe e bolo de casamento, e depois transa comigo até amanhã de manhã.

— Você é realmente a mulher dos meus sonhos. — Rio.

Ela me dá um soquinho no braço.

— E não se esqueça disso, gato!

— Nunca na vida — afirmo e beijo sua têmpora conforme passamos pelas portas e deixamos o mundo para trás.



Quando chegamos ao salão, somos guiados a nossa mesa. A recepcionista se despede e um cheiro bem singular alcança meu nariz. Açúcar e especiarias e um monte de coisas boas. Sorrio abertamente, pois só conheço uma mulher com esse cheiro mágico. Ao mesmo tempo em que penso isso, vejo as costas nuas de uma morena que conheço muito bem. Já acariciei e beijei cada centímetro dessa pele.

— Sophie? — chamo e ela gira.

Olhos castanhos, faces rosadas e um largo sorriso me cumprimentam. Sinto meu coração se apertar diante da beleza da minha amiga querida.

— *Mon cher!* — ela exclama e vem até mim de braços abertos.

Eu a abraço e pouso o nariz em seu pescoço, inalando profundamente seu perfume de açúcar e especiarias. Quando já estou satisfeito, eu a solto, ela me dá dois beijinhos e depois segura meu rosto. Seu olhar sagaz analisa cada centímetro das minhas feições.

— Você é um *alívio* para os olhos — ela diz, sorrindo.

— É colírio para os olhos, Sosso. — Balanço a cabeça e rio. — O que você está fazendo aqui?

— Sou amiga da realeza da Dinamarca, naturalmente.

— Ah. — Inclino a cabeça. — É verdade, você nos recomendou para este trabalho. *Também!* — Estreito os olhos para fitá-la, e ela apenas ri docemente e dá um tapinha no meu peito.

— Você sabe que eu acredito nas suas... *habilidades.* — Ela sorri e bebe champanhe, e seu tom é cheio de insinuações.

— Que bom te ver.

Afasto uma mecha de cabelo de seu ombro e a observo. Ela está usando um vestido vermelho justo e sexy pra caramba, que realça seu corpo de modelo. Pego sua mão e dou um passo atrás para poder olhá-la melhor.

— Porra, Sosso, eu devia ter levado você para algum lugar chique! — Rio e a faço girar. — E os sapatos... O Bo ficaria orgulhoso. Aliás, ele deveria estar aqui... — começo a dizer, mas noto meu amigo se aproximar.

Ele passa o braço em volta da cintura dela.

— E quem você acha que é o meu acompanhante hoje, *mon cher*? Você já tem dona. — Ela dá uma piscadinha. — Falando nisso...

Ai, caralho. O nervosismo e a ansiedade me dominam. Fiquei tão feliz por rever Sophie que não percebi que deixei Skyler parada e sem graça atrás de mim.

Eu me volto e a vejo com a mão na cintura e a cabeça inclinada, numa linguagem corporal cheia de desafio e irritação.

— Amiga sua? — dispara.

Lambo os lábios e mexo a boca, dizendo um "desculpe" sem som.

Ela revira os olhos.

— Não vai me apresentar a sua... *amiga*?

Limpo a garganta.

— Na verdade, eu acho que vocês já se conhecem. Sophie Rolland, esta é Skyler Paige.

Skyler abre e fecha a boca algumas vezes enquanto seus olhos sobem e descem pela nova e melhorada Sophie.

— Meu Deus... você está linda.

Sophie larga a taça de champanhe, passa um braço pelas minhas costas e dá um tapinha em meu peito, depois estende a mão para Bo, que a pega.

— Tudo graças a eles! Fui eu que recomendei para a sua agente que entrasse em contato com a International Guy.

Dou um tapinha no braço de Sophie e me afasto para poder pegar Skyler pela cintura e puxá-la para o meu lado.

— E eu nunca vou poder te agradecer o bastante — digo, beijando a têmpora de Skyler para enfatizar que estou ali com ela e que nenhuma outra mulher chama minha atenção.

— Acho que eu devo agradecer a você também — Sky responde. — O Parker e eu... bom... não sei bem como definir o que nós temos. Por que você não explica, Parker? — Olha para mim e ergue uma sobrancelha.

Hora da verdade.

Estamos em uma reunião social entre amigos e ela é minha acompanhante.

Hora de admitir. Droga, Skyler e eu vamos estar em todas as revistas de celebridades dos Estados Unidos nos próximos dias. O que me faz lembrar de ligar para minha mãe antes que ela veja outra matéria nas revistas sem que eu tenha a chance de lhe contar.

Respiro fundo e olho para Bo e Sophie, que estão esperando pacientemente a minha resposta.

— Sosso, Bo... A Skyler e eu estamos juntos.

Bo aperta os lábios e sorri como o filho da mãe que é. Eu sei que em menos de um minuto ele vai mandar uma mensagem para Royce com a notícia de que eu estou fora do mercado e namorando Skyler. Corno.

Sophie, por outro lado, junta as mãos no peito. Posso ver que ela está a um segundo de saltitar sobre seus sapatos altíssimos.

— *Magnifique!* Estou muito feliz por vocês! Vocês formam um lindo casal.

— Obrigado. Que tal nos sentarmos? — Indico a mesa e puxo a cadeira para Skyler. — Quer uma bebida, meu pêssego?

— Com certeza.

— Sophie? Mais uma rodada?

Ela franze a testa.

— Rodada?

Suspiro.

— Quer outra taça de champanhe?

— *Oui*. Por que você não disse logo? — Ela balança a cabeça e estende a mão para a de Skyler. — Ele sempre faz isso comigo. Nunca diz o que realmente quer dizer. É muito cansativo.

Skyler sorri.

— Concordo totalmente... — Ela está prestes a me esfolar vivo, sei muito bem.

Aponto o dedo para elas.

— Ei, vocês duas. Nada de ficar compartilhando segredos. Lembrem-se: eu sou um cara legal!

Sophie cruza os braços e se recosta. Skyler lambe os lábios de um jeito sedutor, depois os aperta como se estivesse pensando em falar mal de mim para a minha amiga.

Bo bate no meu ombro.

— Vamos, meu amigo. Vamos pegar uma bebida para as garotas e uma grande para nós dois.

— É isso aí. Acho que, com essas duas, eu vou precisar.

— Irmão... — Ele olha por cima do ombro para a loira e a morena, que já estão

com as cabeças bem pertinho uma da outra, provavelmente tricotando. — É, você vai precisar de uma dose dupla.



O dia se transforma em noite, mas a festa continua. Os membros da realeza sabem animar as coisas. Abraço Skyler contra meu peito na pista de dança, curtindo ter seu corpo colado no meu. Ela é quente e tem um perfume tão bom...

— Está se divertindo? — sussurro em seu ouvido, fazendo questão de esfregar a barba rala em seu rosto.

Sorrio quando ela estremece em meus braços.

— Muito. Você é uma boa companhia — ela devolve o que eu lhe disse em Nova York.

— Obrigado. Eu acho... — Eu a levo para trás e a faço girar, depois a puxo para meu peito mais uma vez. Ela ri e pousa os lábios no meu pescoço. Fecho os olhos e encosto a cabeça no pescoço dela, deixando uma série de beijos na pele sensível antes de continuar: — ... que você precisa planejar o nosso próximo encontro.

— Isso é um desafio, gato?

Dou risada.

— Se você acha que é, então sim.

— Desafio aceito. O nosso próximo encontro vai fazer você pirar.

Eu a giro de novo, desta vez puxando-a de costas para meu peito. Nossos quadris balançam de um lado para o outro com a música.

— É mesmo?

— Sim. — Ela pousa as mãos nas minhas sobre seu peito e barriga.

— Desculpe por não ter conseguido pôr você no mesmo voo que eu amanhã.

Ela balança a cabeça, eu a giro de novo e a puxo, e nós ficamos cara a cara.

— Sem problemas. Eu precisava mesmo voltar antes. O Rick vai chegar, e nós vamos nos reunir no jantar para repassar mais uma parte do roteiro que mandaram.

— Rick... — resmungo.

— Que foi? — Ela pestaneja lindamente, sabendo que eu me incomodo de ouvir o nome dele.

— Ah, nada. Só estou pensando no Rick Babaca.

Ela ri alto.

— Babaca? Por quê?

— É o apelido que eu dei para o seu novo amigo.

— Na verdade ele é um velho amigo, eu já disse. Nós saímos, mas era tudo armação. — Ela passa os dedos na minha têmpora. — Além disso, eu estou saindo com alguém.

Faço biquinho e ela continua:

— Um cara sexy — acrescenta, com a voz rouca.

— É mesmo? Fale mais.

— Alto, bronzeado, bonito, com um cabelo que enrola no alto quando está comprido. — Ela enrosca um dedo em um cacho meu.

Preciso cortar o cabelo, mas não posso dizer que não gosto dos dedos de Sky nele... sempre.

— Parece um homão da porra — sorrio.

— Ah, ele é. E sabe o que eu mais amo nele?

Amo.

Amor.

Amor.

Merda. Meu corpo inteiro fica tenso, minhas costas estão retas como uma tábua e minhas mãos começam a suar. Parece que meu coração vai explodir enquanto meu estômago se aperta e se retorce.

— Eu amo... — ela continua.

E eu faço uma prece silenciosa pedindo que algo interrompa este momento. Um ato de Deus. Uma tradição de casamento. Alguma coisa!

— Skyl... — Estou perto de avisá-la que não me sinto preparado para esse tipo de conversa, nem nada parecido com esse tipo de conversa, quando ela termina:

— ... o pau enorme que ele tem.

— Caramba, mulher! — Todo o ar sai dos meus pulmões. Eu não percebi que estava prendendo a respiração.

Skyler joga a cabeça para trás e ri com vontade. Olho para seu pescoço exposto, seus seios altos esmagados entre nós, me dando uma visão sublime de seu decote apetitoso. Ela é puro sexo e uma traiçoeira!

Ela endireita o corpo e sorri, malandra.

— Eu assustei você.

— Não, senhora — digo imediatamente.

— Estou sentindo o suor das suas mãos nas minhas costas — instiga.

— Estou com calor! — Passo as mãos nas pernas da minha calça. Porra, ela tem razão.

Ela dá de ombros.

— Admita! Eu te assustei. Você estava prestes a sair correndo e gritando por

aquela porta — diz, indicando com o polegar por cima do ombro.

Eu a giro.

— Não vou admitir nada.

Skyler ri e espreme seu corpo no meu.

— Parker, não se preocupe. Eu sei que o nosso lance é casual. Nós concordamos com isso. Estamos ficando, saindo. Sem compromisso além de nos divertir e de estar juntos quando a nossa agenda permitir. Não foi isso que combinamos?

Eu a abraço, parado na pista de dança, e inclino seu queixo para que seus olhos encontrem os meus.

— Você é incrível, sabia?

Ela sorri, mas não diz nada. O que é bom, porque eu aproveito esse tempo para beijá-la.

Alguém pigarreia atrás de nós.

Presumo que seja Bo e não paro de beijar Sky. E ainda rosno entre beijos:

— Cai fora, imbecil.

— *Undskyld* — diz uma voz profunda.

Eu conheço essa palavra. Significa "desculpe" em dinamarquês. Era uma das palavras do glossário de Wendy. Merda. Definitivamente *não é* Bo.

Recuo, torcendo para que seja alguém diferente de quem eu acho que é, mas fico em choque quando descubro que o rei e a rainha estão parados ali, vestidos de noivos.

— Merda. Quer dizer, desculpem, Sven, Christina. Quer dizer... rei Sven e rainha Christina... humm... Majestades. — Fecho os olhos e o calor floresce em minhas faces, dominado pelo constrangimento.

Skyler sai dos meus braços e faz uma reverência.

— Sua Majestade, Sua Majestade. Obrigada por me receberem neste evento abençoado. Foi absolutamente mágico. É uma honra estar aqui.

A rainha Christina sorri largamente e oferece a mão, assim como o rei Sven.

— Sr. Ellis, eu queria agradecer de novo por tudo o que você fez. Eu não poderia estar mais feliz segurando a mão da minha esposa — Sven afirma, levantando a mão de Christina e a beijando.

— Eu preciso te agradecer também. Sem a sua intromissão, não sei se eu teria feito a escolha certa — Christina confidencia.

Puxo Skyler do meu lado, recordando o que tenho dentro do bolso do paletó.

— Com licença, Sua Majestade... — copio a forma de tratamento de Skyler. — Posso falar em particular com a rainha?

Ele concorda.

— Sem dúvida. Srta. Paige, me daria a honra de uma dança?

— Com um rei? Está de brincadeira? Era tudo que eu queria!

O rei sorri, bem-humorado.

Sven leva Skyler para a pista, e imediatamente todos os olhos estão nos dois. Mas eu posso sentir um par de lindos olhos azuis em mim. Viro e encontro Christina radiante.

— Você está uma noiva linda. Está feliz?

Preciso ouvir isso de seus próprios lábios.

— Muito. Não achei que poderia ser tão bom assim. Bem, ainda estou com medo. Não quero decepcioná-lo, mas ele garantiu que vai estar do meu lado e que nós vamos aprender a liderar juntos.

Levo a mão ao bolso de dentro do paletó e pego uma caixa prateada alongada com um laço branco iridescente.

— Está me dando um presente? — ela pergunta, surpresa.

— Sim. Eu encontrei isso enquanto andava pelas ruas de Copenhague, tentando descobrir como domar uma princesa selvagem e ajudá-la a enxergar o próprio valor. — Inclino a cabeça e sorrio. Ela levanta o olhar da caixa para mim, e seus olhos têm um brilho enevoado. — Abra.

Christina abre a caixa e me entrega a fita. De dentro, tira um espelho de prata antigo, de mão. É comprido e fino, com uns dez centímetros de altura e sete de largura. Ela leva a mão aos lábios.

— É lindo. Antigo, único. Adorei. Obrigada, Parker — diz, finalmente usando meu primeiro nome.

— Bom, eu pensei que, já que nós dormimos juntos e tal...

Ela arregala os olhos e espia da esquerda para a direita para ver se alguém está ouvindo.

— Brincadeira! Abra tudo — insisto, pensando no que escrevi no espelho com o lápis labial vermelho que a moça do caixa da loja de antiguidades tinha na bolsa.

ASSUMA O SEU FUTURO.
COM AMOR,
EU

Christina fecha os olhos e sorri. Quando os abre, uma única lágrima cai em sua face.

— Palavras para guardar para a vida. Obrigada. *Por tudo*. E conte conosco se precisar de alguma coisa no futuro.

Eu sorrio.

— Não se surpreenda se eu cobrar o favor um dia.

— Nós ficaríamos muito felizes de retribuir. Agora eu vou encontrar o meu marido e fazê-lo girar comigo pela pista de dança.

Antes que ela se afaste, pego sua mão e a puxo para meus braços.

— Seja feliz, Christina.

— Eu vou ser. Já sou — sussurra e dá um tapinha em minhas costas antes de se afastar.

Seu vestido balança e brilha conforme os cristais refletem as luzes. Assim que ela se aproxima do marido, ele se curva para Skyler e pega a rainha nos braços.

Sky volta para mim balançando os quadris, que eu vou curtir bem esta noite.

— Pronta para ir embora? — pergunto, querendo apenas que ela esteja embaixo de mim gritando o meu nome.

— Mas nós ainda não comemos o bolo. Você me prometeu bolo de casamento — diz, fazendo beicinho.

Aperto os lábios e a puxo para meus braços.

— Eu descobri que gosto de pêssego — digo com a voz rouca, passando os lábios de seu rosto até o pescoço, onde dou uma leve mordida.

— Eu ainda quero bolo... para mais tarde — ela choraminga, relaxando o corpo contra o meu.

— Que tal o serviço de quarto? — sugiro, precisando tirá-la dali o mais rápido possível. Meu pau está duro, e eu sei que ela pode sentir a fera.

Ela suspira enquanto passo a língua pelo seu pescoço.

— Combinado... — concorda, ofegante.

Passo as mãos por suas costas sedosas e por sua bunda, nem um pouco preocupado com quem possa me ver fazer isso. Dou um apertão e indago:

— Agora está bom pra você?

— Ah, sim. Me leve de volta pro hotel, gato.

— Você manda, meu pêssego.

SKYLER

— Vai me contar sobre o seu relacionamento com a Sophie?

Passo a mão pelo peito nu de Parker, me deleitando com seus músculos firmes e sua pele dourada. Ele é sexy vestido, mas nu é de tirar o fôlego.

Esfrego o rosto em seus músculos e beijo seu peito. Minhas pernas estão trançadas nas dele, e meu corpo formiga por causa dos dois orgasmos que ele acabou de me dar. Sexo com Parker Ellis não é nada menos que escandaloso. Nunca me senti tão adorada. Ele dá atenção a cada parte do meu corpo, como se beijar cada centímetro de pele fosse sua missão. E se supera a cada vez.

Ele geme e passa a mão pela minha coxa nua.

— O que você quer saber? — pergunta com um tom incerto, que me faz querer saber ainda mais o que eles significam um para o outro.

— Eu sei que ela foi sua cliente. Mas foi algo mais, como eu?

Parker me aconchega mais em seu peito quente.

— Nenhuma mulher é como você, Skyler.

Ponto para ele.

Sorrio e o cutuco.

— Tenho a sensação de que ela é mais que uma cliente. Vocês foram muito... amigáveis.

Ele ri e acaricia preguiçosamente minha coxa. É reconfortante saber que, no mínimo, estou aqui nua, esparramada sobre ele depois de duas rodadas de sexo excepcional, e ela está sozinha na cama. Ou talvez esteja com Bo.

— Nós somos amigos, só isso. — Ele dá de ombros. — Ela é provavelmente a minha melhor amiga. Eu posso falar com a Sophie sobre qualquer coisa, e ela me dá bons conselhos. É gostoso. A Sophie é legal.

Posso ler muita coisa nessa declaração. Tenho que acalmar meu coração, que bate acelerado.

— Então, se vocês são bons amigos, não foram para a cama?

Seu corpo inteiro fica rígido, menos a parte que eu gosto de ver dura. Fecho os olhos e sinto um frio no estômago, como quando estamos na montanha-russa e descemos em queda livre por um segundo apenas, antes que a sacudida do carrinho nos jogue para trás.

— Sky... — Seu tom é cauteloso. Ele solta um longo suspiro, como se estivesse ganhando tempo para inventar alguma coisa que não vá me irritar.

Casual. Nossa relação é *casual*, digo a mim mesma. Meu coração dói, mas controlo a reação automática de querer sair da cama, vestir minha roupa e pegar o próximo voo de volta para Nova York. Não vou fazer isso. Já sou grandinha. Eu sabia no que estava me metendo quando o convidei para se deitar na minha cama.

Respiro fundo e recordo algo que minha mãe me disse quando eu estava tendo dificuldades com a carreira de atriz. Eu tinha tomado a decisão de me comprometer, de me sacrificar, mas era muito difícil. Tudo nessa indústria é difícil e exige casca grossa. Na época eu não tinha isso, mas ela me disse uma coisa que nunca vou esquecer, e que eu lembro toda vez que penso em cair fora:

Faz parte da vida aceitar os golpes e aprender a viver com as cicatrizes que ficaram.

Eu me sento e me concentro em seu rosto. Ele parece preso entre querer dizer a verdade e temer o resultado.

— Vocês transaram — afirmo.

Ele lambe os lábios.

— Sim.

— Ainda transam?

Eu preciso saber, não só pelo meu coração, mas pela minha saúde. Nós não usamos preservativos, só a pílula, e ela não protege contra DSTs.

Ele também senta, se recosta na cabeceira da cama e passa a mão no rosto.

— Não.

— Mas você quer? — sussurro, incapaz de pronunciar as palavras mais alto.

— Não. Nós somos amigos, só isso. O que tivemos ficou no passado. Agora é só amizade.

Inclino a cabeça e olho para ele.

— Eu vi a Sophie, Parker. Ela é deslumbrante. E francesa, exótica. Todo homem adora uma mulher com sotaque.

Ele geme e passa as mãos pelo cabelo, desgrenhado depois do sexo. Meu Deus, como ele é gostoso.

— Venha aqui — ele gesticula, me chamando, e franze os lábios. — Poxa, confie em mim.

Confiar nele.

Eu confio nele? Só o conheço há dois meses. Mesmo assim, ele nunca me deu razão para não confiar.

Deixando para trás meu passado e minhas experiências ruins com homens, subo mais na cama. Ele me pega pelos quadris nus e me faz sentar no seu colo.

Parker acaricia minhas costas e quadris com uma das mãos e afunda a outra no meu cabelo.

— Eu não transei com nenhuma outra mulher desde que pus os olhos em você, no primeiro dia em Nova York.

— E a Sophie...

Tenho que ouvi-lo dizer de novo, alicerçar sua afirmação cara a cara enquanto estou em seus braços.

— Ela é minha amiga. Uma boa amiga. Além do mais, ela acha que nós dois ficamos lindos juntos.

Sorrio.

— Ela disse isso?

— Sim. E ela está muito feliz porque eu estou com uma mulher... oficialmente.

— Oficialmente? O que isso significa para você?

Ele me dá um selinho.

— Que você é a única mulher que eu beijo. — Parker me beija mais profundamente. — A única mulher que eu toco. — Ele pega meus seios, atiçando meus mamilos até eu choramingar. Parker sorri, obviamente gostando da minha resposta. — Você é a única mulher com quem eu transo. — Ele levanta meus quadris, centra sua ereção em minha fenda molhada e empurra lentamente.

A gravidade faz o resto, até que ele está totalmente dentro de mim.

Fecho os olhos, e as paredes do meu sexo apertam seu membro grosso.

— Delícia. — Suspiro e mexo os quadris.

— Tudo certo quanto a nós e em relação à Sophie? — Eu me ergo, cravo meu olhar em seus lindos olhos azuis e desço de volta sobre seu pau. — Caralho! — ele rosna e segura meus quadris com força suficiente para me deixar marcada.

— Sim, tudo certo. Agora eu vou cavalgar você, gato.

Mordo o lábio inferior e vejo seus olhos ficarem vidrados. Sua língua espreita para fora, e o jeito como ele me olha, como se não soubesse onde beijar, tocar ou lamber primeiro, me deixa ousada. Devassa.

Ergo os quadris, apertando meus músculos ao redor da ponta de seu pau até ele

revirar os olhos, então desço de novo, roçando meu clitóris nele ao mesmo tempo. Nós dois gritamos. É o máximo que consigo antes de ele enlouquecer e assumir o controle.



O som de vozes sussurrantes me acorda depois de uma noite agitada. Sinto os olhos embaçados quando olho ao redor do quarto. Ainda está escuro, mas o sol está começando a invadir o céu noturno. Procuro o relógio e vejo que são cinco da manhã. Só tenho que levantar daqui a uma hora. Por que raio alguém está na porta da suíte conversando?

Tiro as cobertas, pego a camiseta de Parker ao pé da cama e a coloco sobre meu corpo nu. Vou na ponta dos pés até a porta do quarto e abro o suficiente para ver a sala de estar. Uma onda de irritação e desconforto me domina quando vejo Sophie perfeitamente vestida e pronta para mais um dia. Ela está com um terninho preto e uma blusa branca ousada que atravessa seu peito em um V profundo, oferecendo uma boa visão de seus seios empinados. O cabelo castanho e comprido está preso na nuca. Aperto os dentes, mas fico parada, querendo ouvir o que estão falando.

— Ela é linda, Parker. Mas eu não posso dizer que estou surpresa. Eu sabia que você não ficaria sozinho por muito tempo.

Parker bebe uma xícara de café. Está vestindo a calça de ontem à noite e nada mais. Se eu não estivesse tão puta com a nossa visita, iria atrás dele e beijaria suas costas fortes e musculosas.

— Sophie, por que você está aqui? — ele pergunta baixinho, provavelmente para não me acordar.

— Eu só queria me despedir. Volto para a França agora de manhã.

— Não é disso que eu estou falando, e você sabe.

Ela sorri. O batom vermelho ousado fica excelente no tom de sua pele, e é o contorno perfeito para seu sorriso impecável.

— Estou preocupada com você. Da última vez que nos falamos, você não estava preparado para um relacionamento.

— Isso não mudou — ele responde imediatamente.

Abro a boca e sinto um nó doloroso no estômago.

Sophie cruza os braços, fazendo seus seios pularem para cima, quase para fora do sutiã. Uma pose bem atraente.

— *Mon cher*, você não pode estar falando sério. Aquela mulher está apaixonada

por você.

Ele ri.

Ri.

Sinto minhas têmporas pulsarem enquanto prendo a respiração.

— Não está. Nós estamos nos divertindo, ficando juntos, transando. É incrível.

Ele não está errado. É incrível, mas... como ele pode não ver que isto é definitivamente um relacionamento? Não estou saindo com mais ninguém. E ele? Não discutimos isso exatamente, mas, quando ele disse que não saiu com mais ninguém, eu concluí que nós éramos exclusivos. Agora já não sei o que pensar.

Sophie balança a cabeça.

— É melhor você ter cuidado. É fácil se apaixonar por você. Eu sei disso. — Ela sorri docemente.

Eu sei disso.

Isso significa que ela se apaixonou por ele?

Não posso mais ouvir. Estou confusa e, para ser honesta, chateada. Sou apenas diversão? Uma boa trepada quando ele está a fim?

Sem saber o que pensar ou fazer, vou para o banheiro, pegando minha mala no caminho. Tranco a porta para não ser interrompida. Com um peso no peito, ligo o chuveiro e deixo a água quente aliviar meus músculos doloridos. Infelizmente, não há nada que o chuveiro possa fazer pelo meu coração dolorido.

Tenho que sair daqui e me afastar dele. Levar na boa, mas me afastar um pouco.

Ouço uma batida na porta.

— Sky, baby, você trancou a porta. Desse jeito eu não posso te ensaboar! — Ele ri.

— Ah, desculpe, não percebi. Preciso me arrumar para ir embora. Já saio.

E, quando sair, vou estar completamente vestida, me esquivando de qualquer diversão de última hora que ele queira, vou me despedir e ir para casa.

Tenho muito em que pensar.

AS AVENTURAS DE PARKER E SEUS SÓCIOS
AO REDOR DO MUNDO CONTINUAM.

INTERNATIONAL GUY

Milão

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

International Guy: Copenhague

Site da autora
http://www.audreycarlan.com/

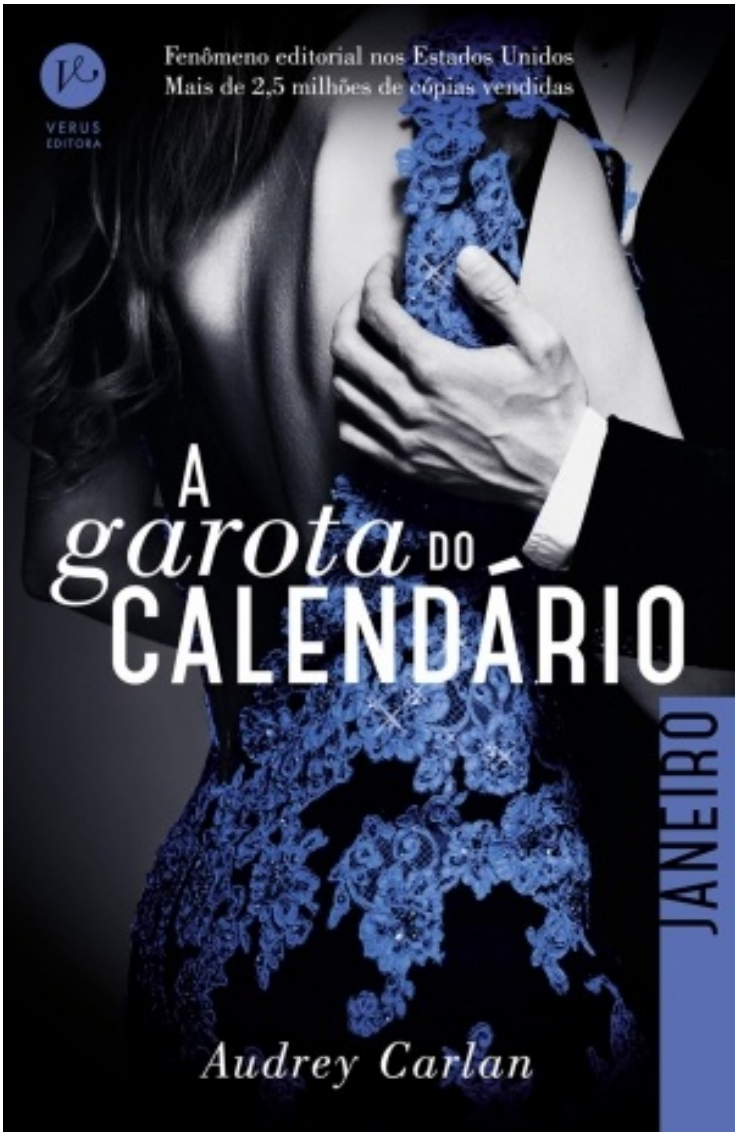
Facebook da autora
https://www.facebook.com/AudreyCarlan/

Twitter da autora
https://twitter.com/audreycarlan

Instagram da autora
https://www.instagram.com/audreycarlan/

Goodreads da autora
http://www.goodreads.com/author/show/7831156.Audrey_Carlan

Skoob da autora
https://www.skoob.com.br/autor/15764-audrey-carlan



A garota do calendário: Janeiro

Carlan, Audrey
9788576865247
144 páginas

Compre agora e leia

Fenômeno editorial nos Estados Unidos com mais de 3 milhões de cópias vendidas. Mia Saunders precisa de dinheiro. Muito dinheiro. Ela tem um ano para pagar o agiota que está ameaçando a vida de seu pai por causa de uma dívida de jogo. Ela precisa de um milhão de dólares. A missão de Mia é simples: trabalhar como acompanhante de luxo na empresa de sua

tia e pagar mensalmente a dívida. Um mês em uma nova cidade com um homem rico, com quem ela não precisa transar se não quiser? Dinheiro fácil. Parte do plano é manter seu coração selado e os olhos na recompensa. Ao menos era assim que deveria ser... Em janeiro, Mia vai conhecer Wes, um roteirista de Malibu que vai deixá-la em êxtase. Com seus olhos verdes e físico de surfista, Wes promete a ela noites de sexo inesquecível — desde que ela não se apaixone por ele.

Compre agora e leia



Brumas do tempo - Highlanders - vol. 1

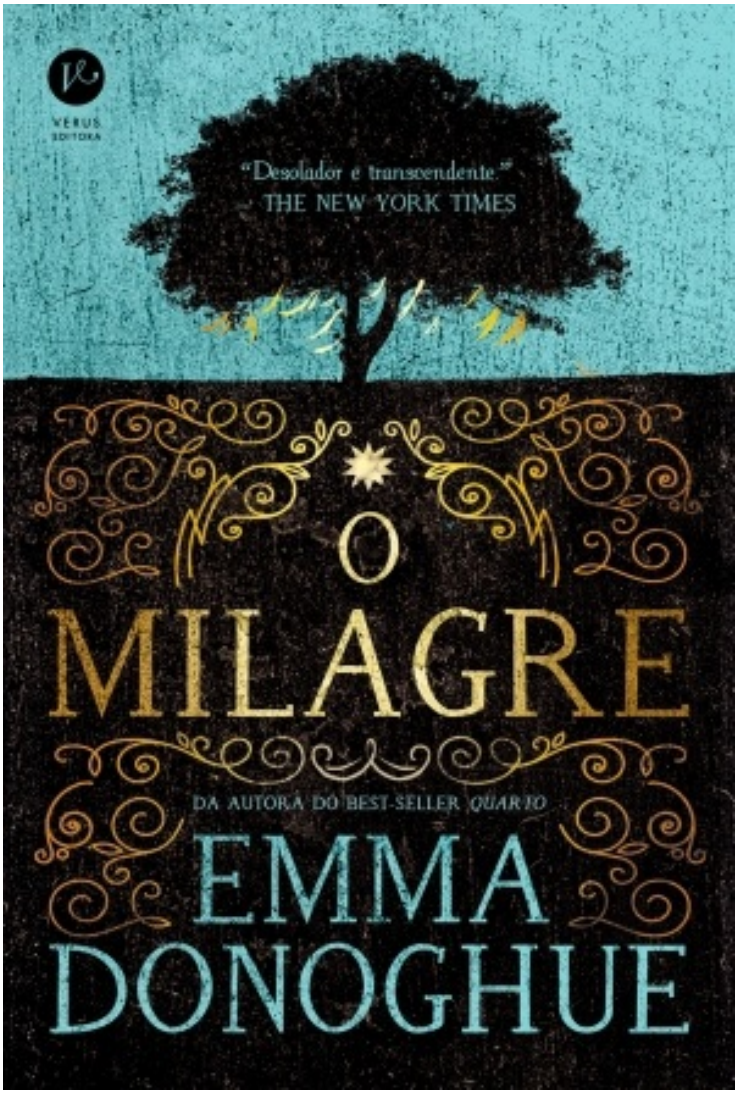
Marie Moning, Karen
9788576866404
308 páginas

Compre agora e leia

Primeiro volume da série Highlanders. Um sedutor lorde escocês é conhecido no reino como Falcão, lendário predador nos campos de batalha e na cama. Nenhuma mulher resiste e ele, mas nenhuma jamais conseguiu mexer com o seu coração. Até uma fada vingativa levar Adrienne da Seattle dos dias de para a Escócia medieval. Presa em um século que não é o seu, ousada demais, franca demais, Adrienne representa um desafio irresistível para esse conquistador do

século XVI. Forçada a se casar com Falcão, ela jura manter distância do marido, mas o poder de sedução dele vai destruir lentamente a determinação dela. Adrienne tem o "não" na ponta da língua, mas Falcão jura fazê-la sussurrar seu nome com desejo, implorando que ele a incendeie de paixão. Nem mesmo as barreiras do tempo o impediriam de conquistar o amor dela. Apesar das incertezas sobre seguir seu coração apaixonado, a hesitação de Adrienne não é páreo para a determinação de Falcão de mantê-la a seu lado.

Compre agora e leia



O milagre

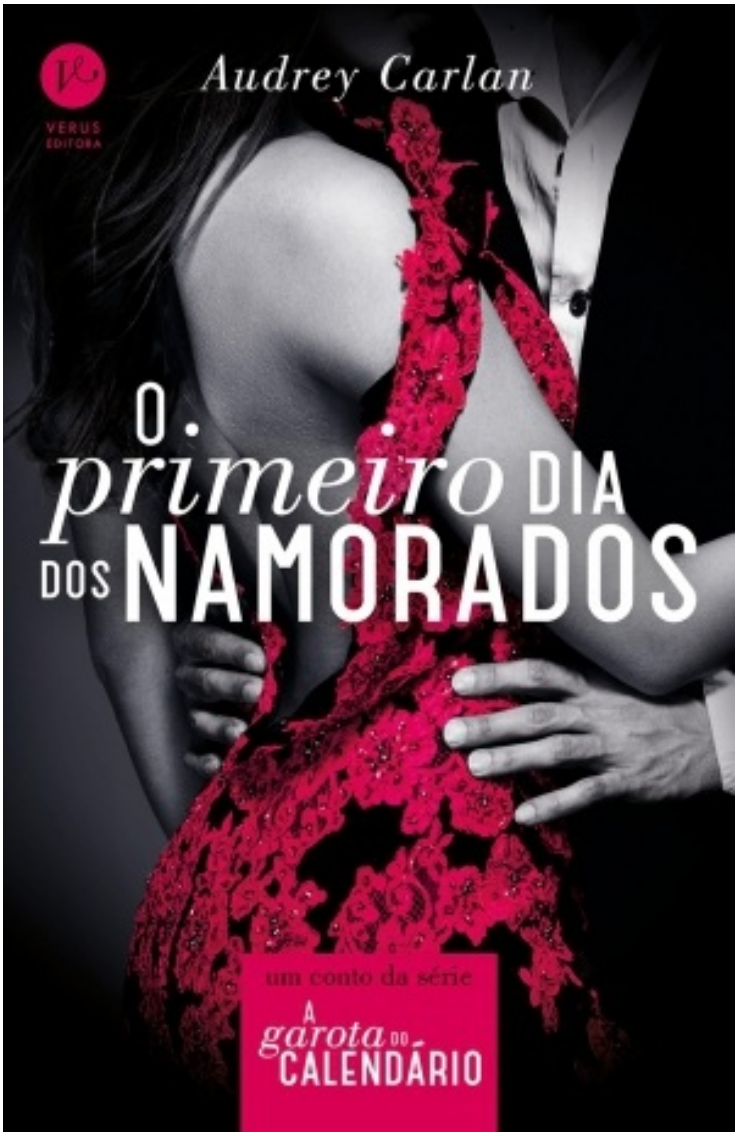
Donoghue, Emma
9788576867289
266 páginas

Compre agora e leia

Novo livro da autora do best-seller Quarto. Irlanda, 1859. Anna O'Donnell, de onze anos, se recusa a comer e, apesar disso, sobrevive há meses, aparentemente sem graves consequências físicas. Um milagre, dizem os habitantes do vilarejo profundamente enraizado na fé católica. Mas quando Lib Wright, uma jovem e cética enfermeira inglesa, é contratada para vigiar a menina noite e dia, os acontecimentos seguem um rumo diferente. Anna começa a definhar, diante da

passividade de todos e da impotência de Lib. E assim cresce o mistério ao redor dessa família pobre de agricultores, que parece envolta em mentiras, promessas e segredos. O que o mundo está testemunhando é uma fraude sofisticada, ou uma revelação do poder divino? Escrito com a tensão que fez de Quarto um best-seller mundial, O milagre é uma história sobre duas estranhas que transformam a vida uma da outra, além de um poderoso thriller psicológico e uma narrativa sobre como o amor pode vencer o mal em suas mais diversas formas.

Compre agora e leia



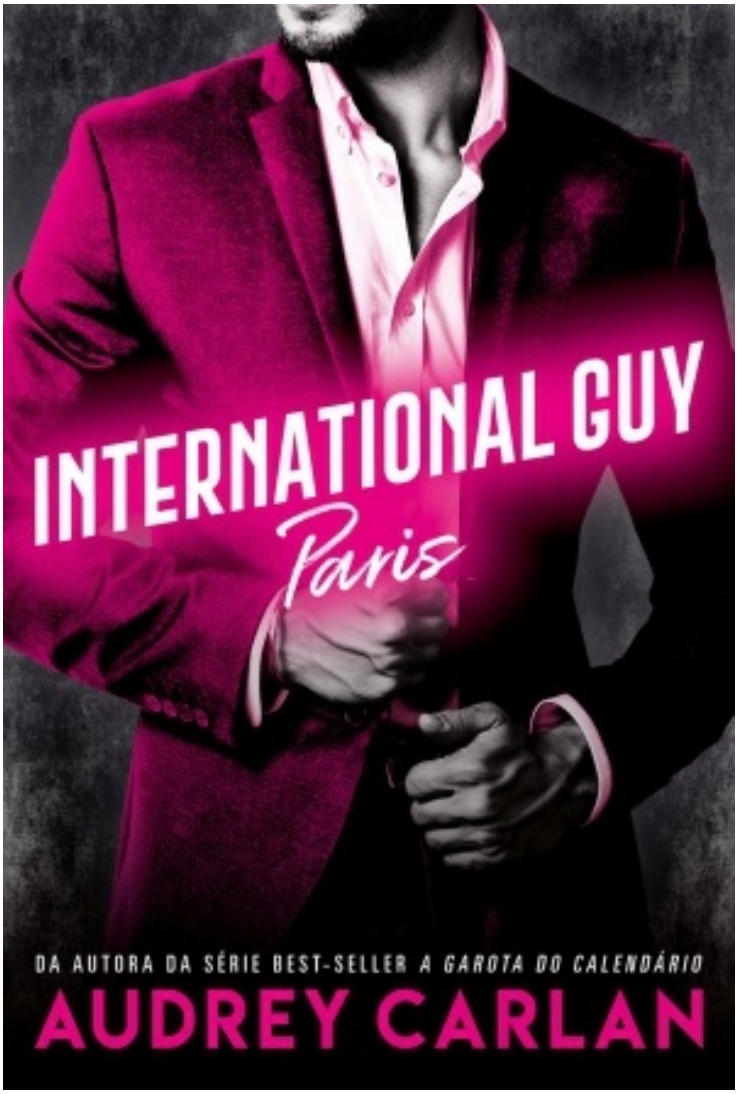
O primeiro Dia dos Namorados

Carlan, Audrey
9788576866428
26 páginas

Compre agora e leia

Seis semanas após o casamento de Mia e Wes, chegou o primeiro Dia dos Namorados que eles vão passar como marido e mulher. Qual será a surpresa especial que Wes preparou para sua amada? E o presente divertido que Mia comprou para ele? E o que vai acontecer quando eles estiverem a sós no hotel...? Descubra tudo neste conto especial da série A garota do calendário.

Compre agora e leia



International Guy: Paris - vol. 1

Carlan, Audrey
9788576867241
128 páginas

Compre agora e leia

Mesma autora da série A garota do calendário, que vendeu mais de 670 mil exemplares no Brasil. International Guy é a agência de Parker Ellis, um dos maiores especialistas do mundo em vida e amor, que tem como missão ajudar as mulheres em questões tão diversas quanto se sentir sexy e poderosas, aprender a administrar um império empresarial ou conquistar o homem dos seus sonhos. Parker e seus dois sócios atendem mulheres ricas do mundo todo, como atrizes de

Hollywood, membros da realeza e CEOs de multinacionais bilionárias. E, às vezes, eles não podem evitar que as coisas esquentem e vão parar na cama de suas clientes. Literalmente. Parker adora sua vida de playboy e não está procurando compromisso. Afinal, há um mundo inteiro à sua frente: os negócios o levam de Paris a Milão, de Berlim ao Rio de Janeiro. Mas, conforme ele pula de cidade em cidade — e de cama em cama —, é possível que acabe encontrando mais que sexo ao longo do caminho... Neste primeiro volume, a International Guy vai a Paris para ajudar uma jovem herdeira a assumir o controle da própria vida.

Compre agora e leia